



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

JOSÉ EDVALDO FERREIRA ALVES NETO

**COMPREENSÃO LEITORA DE ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO
MÉDIO DA REDE ESTADUAL**

FORTALEZA

2009

JOSÉ EDVALDO FERREIRA ALVES NETO

**COMPREENSÃO LEITORA DE ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO
MÉDIO DA REDE ESTADUAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Linguística.

José Edvaldo Ferreira Alves Neto

Orientadora; Prof^a Dra Marlene Gonçalves Mattes

FORTALEZA

2009

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre, outorgado pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca de Humanidades da referida universidade.

A citação de qualquer trecho da dissertação é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

José Edvaldo Ferreira Alves Neto

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra Marlene Gonçalves Mattes – UFC
(Orientadora)

Prof. Dr Francisco Luciano Pontes – UECE
(1º examinador)

Profa. Dra. Ana Célia Clementino Moura - UFC
(2ª examinadora)

Dissertação defendida e aprovada em __/__/__

À minha esposa e ao meu filho Felipe por estarem sempre ao meu lado nos momentos mais difíceis e por suportarem as constantes ausências para a realização desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por ter me dado força para persistir e escrever este trabalho.

À minha família, em segundo lugar, por ter-me ajudado a superar todos os momentos de crise para vencer mais esta etapa da vida.

Agradeço, também, à professora Dr^a. Marlene Mattes pela atenção, paciência, disposição e colaboração na elaboração desta dissertação e a todos os amigos que ajudaram na execução desta pesquisa.

RESUMO

A presente dissertação investiga a compreensão leitora de estudantes do 3º ano, ensino médio da rede estadual do Ceará, focalizando especificamente a classificação da compreensão com base nos cinco níveis de compreensão leitora de Barret (1968): compreensão literal, reorganização, inferencial, crítico e apreciação. Nossa investigação, no entanto, avaliou somente os níveis inferencial e crítico. Para cumprir os objetivos da proposta do trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica na qual todo o referencial teórico faz parte da Linguística textual, além de buscar apoio em aspectos cognitivos, sobretudo no que diz respeito aos modelos de leitura, apoiados pela teoria dos esquemas. O *corpus* analisado foi composto das respostas a dois questionários de compreensão, com oito questões cada, fornecidas por vinte e cinco informantes de uma mesma turma do 3º ano do ensino médio. Partimos do pressuposto de que existem níveis de compreensão diferenciados, a exemplo da taxonomia de Barret. Após a análise do *corpus*, foi constatado que os informantes compreenderam bem os textos, uma vez que responderam adequadamente a maior parte das respostas. Outra conclusão foi a de que todos os informantes alcançaram os níveis de compreensão inferencial e crítico, mesmo que algumas respostas pudessem ter sido mais completas. O que se vislumbrou nas análises dos dados foi a presença, mesmo que incipiente, de algum indício de construção de inferência, através da presença de informação não presente no texto, bem como indícios de reflexão crítica revelados através de um juízo de verdade ou de valor. Embora não tenhamos localizado tais indícios em todas as respostas, houve incidência em todos os informantes.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Compreensão Leitora. Níveis de Compreensão Leitora.

ABSTRACT

This thesis investigates the reading comprehension of 3^o year in the middle school students in the network state of Ceará, specifically focusing on the classification of the understanding on the levels of understanding of reader Barret (1968), which lists five levels, the literal comprehension, reorganization, inferential, and critical appraisal. Our research, however, assessed only the inferential and critical levels. To meet the objectives of the proposed work, a literature search was performed on a theoretical framework that is part of Textual Linguistic, and seek support in cognitive aspects, particularly with regard to models of reading, supported by theory of schemes. The corpus analysis was composed of two questionnaires of comprehension, each with eight questions, answered by twenty-five informants from the same class of the 3rd year of high school. Assuming that there are different levels of understanding, such as the taxonomy of Barret. After analyzing the corpus, it was found that the informants understood the texts well, since it responded appropriately to most of the answers. Another conclusion was that all informants have achieved the levels of understanding inferential and critical, even if some answers could have been more complete. What is envisioned in the analysis of data was the presence, even incipient, some indication of the construction of inference, through the presence of information not present in the text, as well as evidence of critical thinking shown by a judge of truth or value. Although we have not found such evidence in all the answers, find them in some, but in all informants.

KEY-WORDS: Reading. Reading Comprehension. Levels of Reading Comprehension.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Total de Questões X Níveis de Compreensão	134
Gráfico 2 - Informantes X Problemas de Compreensão	135
Gráfico 3 - Informantes X Nível de Compreensão Leitora	136

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 2: CONCEPÇÕES INICIAIS SOBRE TEXTO E LEITURA	14
2.1 Introdução	14
2.2 Concepção de Texto	16
2.3 Concepções de Leitura	21
2.3.1 Modelo de Leitura de Kintsch e Van Dijk (1983)	22
CAPÍTULO 3: COMPREENSÃO LEITORA	26
3.1 Introdução	26
3.2 Compreensão Leitora Global	26
3.3 Os Níveis de Compreensão Leitora	30
3.3.1 Os níveis de compreensão leitora por Alliende e Condemarín (2005)	32
3.4 Processo Inferencial	36
CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS	41
4.1 Introdução	41
4.2 Questões da Pesquisa	42
4.3 Hipóteses	43
4.4 Descrição dos Procedimentos da Pesquisa	44
4.5 Sujeitos da Pesquisa	45
4.5.1 A escola	46
4.5.2 Perfil da professora	47
4.5.3 Perfil dos alunos	48
4.6 Constituição do Instrumento de Pesquisa	49
4.7 Aplicação do Instrumento	61
CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS	63
5.1 Introdução	63
5.2 Análise do <i>Corpus</i>	63
5.3 Gráficos Demonstrativos dos Resultados	134

5.4 Discussão das Respostas.....	136
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS	145
ANEXOS	149

1 INTRODUÇÃO

Existem muitos estudos sobre o tema deste trabalho, compreensão leitora, e sobre a leitura em si. A compreensão leitora de que tratamos neste estudo acontece na leitura escolar, ou seja, ocorre com o aluno em uma situação de comunicação restrita e específica do ambiente escolar, direcionada pelo professor e com objetivos de leitura claros para os envolvidos. Entendemos a compreensão como um processo pertinente a todas as atividades humanas, sendo, inclusive e por sua componente social, a atividade que permite a vida em grupo, pois fica muito difícil imaginarmos uma sociedade na qual seus componentes não se entendem e, por conseguinte, não se comunicam, a exemplo de uma “torre de babel”.

A realização deste estudo exigiu uma pesquisa bibliográfica na busca de entender o vasto material sobre leitura e as diversas conceituações sobre esse tema. A partir de uma visão de que ler é uma ação simples de passar a vista sobre o texto, seguimos um percurso até chegar a uma concepção de leitura que dê conta da complexidade dos processos envolvidos no ato de ler. Identificamos uma posição mais recente, a qual estabelece a leitura como um processo orientado pelos estudos do letramento, das ciências sociais, da sociolinguística interacional, da análise crítica do discurso e de uma visão de linguagem como prática social. Dessa forma, procuramos sustentação teórica nos modelos de leitura de Van Dijk e Kintsch (1983) por esse modelo configurar-se como estratégico, convergindo pressupostos cognitivos e contextuais, uma vez que o ponto de vista cognitivo, por si só, não é suficiente para sustentar uma descrição de leitura. Além disso, o modelo mencionado se vale da noção de esquemas mentais apresentados por Rumelhart (1985), os quais funcionam como unidades que encerram em si o conhecimento armazenado.

O ponto de vista comum é reconhecer que esses esquemas são utilizados pelo leitor para preencher “espaços” no texto, através das inferências e da formulação de hipóteses prévias no decorrer da leitura. Para as teorias de base cognitivistas, esse modelo é suficiente para explicar leitura, embora desconsidere a existência de sujeitos contextualizados socialmente, possuindo linguagem e cultura próprias. O modelo de Van Dijk e Kintsch (1983) vai além ao trabalhar com alguns pressupostos contextuais de funcionalidade, pragmática, interacionista e situacional,

sem desconsiderar os pressupostos cognitivos tão presentes nos modelos de leitura a partir dos anos 70.

Além da apresentação do modelo de leitura que serviu como base para a elaboração do trabalho, apresentamos algumas concepções iniciais sobre as categorias texto e leitura, que têm a finalidade de situar o leitor no aparato teórico que fundamenta a pesquisa, configurando-se fundamental distinguir as variadas concepções de texto ao longo da história para que não se torne impreciso seu conceito para este trabalho. Adotamos aqui a noção de texto como evento comunicativo, como uma prática social, dentro de uma perspectiva interacionista.

Nossa hipótese de trabalho defende que há níveis de compreensão leitora diferenciados, uns mais superficiais e outros mais profundos e que essa heterogeneidade pode ser verificada em sala de aula. Acreditamos que a taxonomia de Barret (1968), a qual divide a compreensão leitora em diferentes níveis, pode ser aplicada a alunos do ensino médio pertencente a uma escola pública do Ceará, restando, portanto, uma identificação dos níveis em que se encontram os alunos.

Partimos do pressuposto de a leitura ser um processo ativo que envolve o uso de inferências, adivinhações e de esquemas mentais compartilhados socialmente. Acreditamos que o aluno aumenta o nível de compreensão leitora ao realizar a leitura de maneira completa, realizando com sucesso todas as tarefas cognitivas pertinentes à leitura. Além disso, a compreensão deve ser favorecida pelo aumento do conhecimento prévio do leitor, pois a realização de inferências está ligada à possibilidade de o aluno fazer relações aos seus próprios conhecimentos. Quanto maior for esse conhecimento, maior será a quantidade de relações que fará.

O nosso trabalho consiste, portanto, em aplicar um instrumento que avalia a compreensão leitora composto de dois textos, um narrativo e outro argumentativo, seguidos cada um de 08 (oito) questões de compreensão textual, a um grupo específico de sujeitos, composto por alunos do 3º ano do ensino médio pertencente a uma escola pública do Ceará. Após a aplicação, fizemos a análise dos dados à luz da teoria de compreensão de Allende e Condemarín (2005), a qual se baseia na taxonomia de Barret (1968), procurando identificar nas respostas dos alunos os níveis de compreensão leitora que os autores identificam.

Apresentamos, na introdução, uma abordagem geral do tema e da metodologia, introduzimos o objeto de estudo e apontamos as direções teóricas e

metodológicas que serão tomadas no trabalho, consistindo em uma apresentação geral sobre o tema da pesquisa.

No Capítulo 1, apresentamos o quadro teórico sobre texto e leitura. Nessa parte do trabalho são apresentadas noções gerais sobre a área de estudos em que se insere o presente trabalho, assim como, o referencial teórico que seguimos, no intuito de tornar o objeto deste estudo mais preciso e mais evidente, permitindo desta forma sua identificação com clareza.

No Capítulo 2, apresentamos o referencial sobre compreensão leitora. Neste capítulo, teorias que consideramos pertinentes ao estudo da compreensão leitora são detalhadas. O modelo de compreensão de Kintsch e Van Dijk (1983) é apresentado, assim como, o modelo de compreensão global do texto, já que ambos se assemelham ao mostrar a compreensão leitora decorrente de diversos fatores, conforme fazem Aliende e Condemarín (2005) ao apresentar fatores decorrentes do autor, do texto e do leitor em uma visão que se destaca em relação à visão estritamente cognitivista de compreensão, a qual despreza fatores sociais que influenciam a compreensão. Além disso, neste capítulo são apresentadas algumas considerações sobre o processo inferencial na compreensão, tema que consideramos central na teoria.

No Capítulo 3, apresentamos a metodologia e os procedimentos. Todos os passos da pesquisa foram relatados, desde a escolha da escola até a própria aplicação do instrumento, evidenciando alguns pressupostos metodológicos que compõem a pesquisa, tais como as questões que a nortearam e as hipóteses de trabalho. Além disso, serão apresentados os pressupostos que assumimos ao iniciar o trabalho.

O Capítulo 4 foi composto de uma análise qualitativa dos questionários respondidos pelos vinte e cinco informantes que participaram da pesquisa. Essa análise será completada por tabelas individuais onde constará um resumo das questões em que os informantes apresentaram inferenciação ou reflexão crítica, indicativos dos níveis de compreensão investigados. Por fim, este capítulo foi completado por gráficos que resumem os resultados da investigação.

No Capítulo 5 apresentamos as considerações finais do trabalho após minuciosa análise do *corpus* no capítulo anterior. Vale ressaltar que foram analisados dois questionários respondidos por 25 alunos, permitindo um panorama

sobre os níveis de compreensão alcançados pelos informantes na perspectiva teórica de Barret (1968).

CAPÍTULO 2: CONCEPÇÕES INICIAIS SOBRE TEXTO E LEITURA

2.1 Introdução

O ensino de língua materna no Brasil necessita ser revisto e, mais do que isso, precisa que sejam apresentadas propostas para que, de fato, possamos avançar verticalmente nessa discussão. Os documentos oficiais da educação nacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais, de 2001, apresentam como referência um ensino produtivo e práticas docentes baseadas em leitura, produção de textos e análises linguísticas. Para esse estudo, fazemos um recorte para focalizar práticas de leitura em sala de aula da educação básica cearense, com particular interesse na compreensão por parte dos alunos. Nosso interesse é investigar o modo como os informantes recebem os textos, buscar uma classificação com base na taxonomia de Barret (1968), para servir de referência aos professores interessados. Portanto, para entendermos o funcionamento de uma aula de leitura, com foco na questão da compreensão, pensamos que se deve percorrer caminhos sinuosos por diversos teóricos e pesquisadores na busca por uma definição do ato de ler. Tratando das concepções de leitura, percebemos que, na prática, o professor pautará sua didática pelo entendimento que possui desse ato. Pode-se afirmar que sua concepção de leitura está intimamente ligada à sua concepção de linguagem e de ensino, uma vez que, ao assumir tais concepções, toda sua atividade escolar estará ligada a elas.

Uma pergunta fundamental se coloca diante do professor ao dirigir-se à sala de aula: Qual o objetivo de ensinar língua portuguesa? Travaglia (1997) nos apresenta quatro possíveis respostas para essa questão, das quais apenas a primeira nos interessa. Ele afirma que o ensino de língua materna se orienta pelo objetivo de desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua, ou seja, “desenvolver a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação”. Acreditamos que se debruçar sobre as outras respostas é inútil, posto que já é ponto passivo que a primeira resposta é mais coerente com a atividade de ensino de língua materna a falantes nativos.

Aqui, entendemos a competência comunicativa em um sentido mais amplo, ou seja, como uma possibilidade que o indivíduo tem de se comunicar

adequadamente, de acordo com a sua vontade e a necessidade do uso. Definir o que é competência comunicativa não é nosso objetivo neste trabalho, porquanto é um conceito que vem suscitando discussões no âmbito acadêmico. Pretendemos, apenas tê-lo como norteador para o recorte teórico que ora realizamos, no qual o conceito de Travaglia (1997) nos basta.

O objetivo do trabalho com textos em língua portuguesa, em função do desenvolvimento da competência comunicativa, envolve a possibilidade de alunos de nível médio interagirem com vistas à potencialização da sua competência textual, conceito que, de acordo com o citado autor, é a capacidade de, em situações de interação comunicativa, produzir e compreender textos considerados bem formados. Charolles (1979) aponta três capacidades textuais básicas:

A capacidade formativa possibilita aos usuários da língua produzir e compreender um número de textos que seria potencialmente ilimitado e, além disso, avaliar a boa ou má formação de um texto dado, o que equivaleria mais ou menos a ser capaz de dizer se uma sequência linguística dada é ou não um texto, dentro da língua em uso.

A capacidade transformativa possibilita aos usuários da língua modificar, de diferentes maneiras (reformular, parafrasear, resumir, etc.) e com diferentes fins, um texto e também julgar se o produto dessas modificações é adequado ao texto sobre o qual a modificação foi feita.

A capacidade qualificativa possibilita aos usuários da língua dizer a que tipo pertence um dado texto, naturalmente segundo uma determinada terminologia.

Observa-se que o trabalho, com esse objetivo, exigirá que o professor proporcione ao aluno uma aproximação maior com o texto e com situações de interação comunicativa, pertinentes ao mundo do instrumento linguístico, o que implica na necessidade de o professor de língua portuguesa proporcionar uma atenção maior ao trabalho com leitura, escolhendo estratégias adequadas com a finalidade de obter uma maior produtividade dos alunos. É importante destacar que a interação comunicativa se dá através da produção dos enunciados e que eles nada mais são do que textos. Portanto, o trabalho em sala de aula com textos torna-se pedra angular do trabalho de educação em língua materna. Situados nesse contexto, passaremos então a apresentar concepções de texto e leitura que, consciente ou não, contribuem, positivamente ou não, para o ensino de leitura.

2.2 Concepções de Texto

O trabalho que se desenvolve através desta pesquisa busca avaliar, dentro da perspectiva da Linguística de texto, o nível de compreensão leitora dos alunos de 3º ano do ensino médio. Para tal finalidade, torna-se fundamental entender o que é texto, uma vez que trabalharemos com esse material. Em seguida, conheceremos as concepções de leitura na perspectiva de algumas correntes de estudo que têm sido fundamentais no desenvolvimento de um arcabouço teórico acerca da questão da compreensão.

O texto é, desde os tempos da antiguidade clássica, objeto de estudos dos que se interessam pelo uso da linguagem, não visto ainda como uma unidade, mas como um encadeamento do falar bem, sob as regras da gramática. Desde os tempos clássicos, a gramática se interessava pela arte do falar bem e do escrever bem. Os estudos de Retórica e de Oratória se interessavam pelo texto, visto nesse momento como um encadeamento de fala. (INDURSKI, 2006). A gramática era tida como aquela que ensinava compor frases bem formadas. Cavia, portanto, àquele que produzia o texto, simplesmente seguir as regras de gramática, o que de certa forma, retardou a constituição do texto como unidade de estudos.

Pode-se afirmar que, durante o período que se seguiu da antiguidade clássica até Saussure, com o Estruturalismo, a noção de texto permaneceu sem destaque. A partir daí, surge a clássica dicotomia entre *langue* e *parole*, a qual situava de maneira distinta aquilo que era sistema e o que era realização. Posto que o texto pudesse se situar no nível da realização, acabava marginalizado, uma vez que, como afirmava Saussure (1916), a *parole* não poderia ser objeto de estudos da Linguística por ser ato individual e, por isso, muito variável entre os indivíduos, o que não permite que se faça generalizações. A língua é vista como um todo homogêneo e esse é o objeto de estudos da Linguística.

Seguindo-se aos estudos saussureanos, ainda em 1943, Hjelmslev posiciona-se face ao texto, ao dizer que “A teoria da linguagem se interessa por textos e seu objetivo é o de estabelecer um procedimento que permita a descrição não-contraditória e exaustiva de um texto dado” (INDURSKI, 2006, p. 41). Para Hjelmslev, texto significa toda e qualquer manifestação da língua, curta ou longa, escrita ou falada, correspondendo, de certo modo, à *parole* de Saussure. Sendo

todo e qualquer ato de linguagem um texto, qualquer língua é ela própria um texto, um texto ilimitado. Toda língua natural é, ao mesmo tempo, texto e sistema. O texto é uma estrutura sintagmática, ao passo que a língua é uma estrutura paradigmática. (FÁVERO; KOCH, 1998).

Após esse período, pesquisadores procuraram conhecer as regularidades que transcendem a frase, inaugurando uma fase dos estudos em Linguística Textual chamada de transfrástica ou análise transfrástica (INDURSKI, 2006). Não se pretendia, naquela época, criar um novo objeto de estudos ou abandonar os estudos da frase. O texto era entendido como uma sequência coerente de frases, ou seja, era uma extensão da frase. Observemos a presente citação de Weinrich (1973, apud INDURSKI, 2006, p. 45):

Texto é uma rede de determinações. É manifestamente uma totalidade onde cada elemento mantém com os outros, relações de interdependência. Estes elementos e grupos de elementos seguem-se em ordem coerente e consistente, cada segmento textual contribuindo para a inteligibilidade daquele que segue. Este último, por sua vez, depois de codificado, vem esclarecer retrospectivamente o precedente.

O segundo momento da Linguística de Texto, intitulado de gramática de texto, posicionou os pesquisadores na busca pelo entendimento do texto, pretendendo descrevê-lo por si mesmo em sua totalidade. Essa fase caracterizou-se por apresentar-se como um prolongamento da linguística descritiva, indo para além dos limites descritivos de uma única frase. O desejo de compreender os fenômenos linguísticos que não podiam ser respondidos por uma gramática interna à frase levou ao questionamento dos princípios de construção do texto, dos fatores de sua coerência, de sua coesão e de sua textualidade, formas de delimitação dos textos, de maneira a apresentar-se com completude (começo, meio e fim). (INDURSKI, 2006).

De acordo com Halliday e Hasan (1976), o texto seria uma unidade da língua em uso, delimitado não por tamanho, mas por ser uma unidade semântica, ou seja, dotada de significado; é uma unidade não de forma, mas de realização, a codificação de um sistema simbólico em outro. Para Halliday e Hasan (1976), um texto não seria composto de sentenças, mas ele seria realizado por, ou codificado em, sentenças.

Ao constatarem que não seria possível dar comportar uma estrutura profunda do texto que estivesse na base da realização de todo e qualquer texto, os estudiosos da linguística textual foram conduzidos a uma nova etapa, a qual perdura até os nossos dias. Essa etapa, chamada de teoria do texto (BENTES, 2005), caracteriza-se pela proposta de junção do processamento do texto e seu conteúdo pragmático, buscando fazer associações que iluminem a compreensão e a significação do texto. (INDURSKI, 2006).

O texto passa a ser considerado o próprio lugar de interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são constituídos. Dessa forma, há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem como pano de fundo o contexto sociocognitivo dos participantes da interação (KOCH, 2005).

A perspectiva da enunciação rompe com a noção de frase em busca do conceito de enunciado. Segundo Indurski (2006), para Benveniste, o fundador dessa teoria, passa-se da frase para a enunciação e ela envolve elementos externos: aquele que fala, o locutor, o EU, e aquele a quem o locutor se dirige, o interlocutor, o tu. E esse locutor está necessariamente situado em um contexto de situação que determina o tempo da enunciação (agora) e o espaço da enunciação (aqui), ou seja, a enunciação supõe sempre os interlocutores e está datada e situada no espaço.

Ducrot (1989, p 13-15) distingue frase e enunciado. O último é um segmento do discurso e, da mesma forma que ele, tem um lugar, uma data, um produtor e um ou vários ouvintes; é um fenômeno empírico, observável e descritível. A frase, por sua vez,

é uma unidade lingüística abstrata, puramente teórica, um conjunto de palavras combinadas segundo as regras da sintaxe, conjunto este tomado fora de qualquer situação de discurso; o que produz um locutor, o que ouve seu interlocutor, não é, pois uma frase, mas é o enunciado particular de uma frase. (DUCROT, 1989, p.).

Outras teorias tratam do texto sob pontos de vista diversos, como é o caso da Análise do Discurso. De acordo com Maingueneau (1997, p. 9), a chamada “escola francesa de análise do discurso” surge filiada a uma certa tradição europeia acostumada a unir reflexão sobre texto e história a uma certa prática escolar, a “explicação do texto”, muito em voga na França, nos colégios e universidades, nos anos anteriores à década de 1960. Possenti (2005, p. 364-365) afirma que essa

análise é, ou melhor, formula uma teoria da leitura que se institui rompendo fundamentalmente com a análise de conteúdo, por um lado, e com a filologia (e também com a hermenêutica) por outro.

O texto, através da Análise do Discurso, é considerado como parte de uma cadeia, sendo sua importância considerada a partir de sua inserção em uma determinada formação discursiva. As relações internas entre elementos dos textos (anáforas, por exemplo); os elementos responsáveis pela coesão textual são relidos como intradiscurso, ou seja, como forma de linearizações de um discurso e como efeito de um interdiscurso. As teorias do texto levam em conta conhecimentos prévios dos locutores e compartilhados entre interlocutores. Concebem o leitor e ouvinte como suporte de conhecimento. O sentido do texto se dá em decorrência de conhecimentos que o leitor tenha estocado ou que rememora e coloca em funcionamento ao ler e ouvir. Para a Análise do Discurso, um texto faz sentido por sua inserção em uma formação discursiva, em função de uma memória discursiva, do interdiscurso que o texto retoma e do qual é parte, ou seja, não há propriamente texto, concebido como unidade O que há são linearizações concretas (materiais) de discursos.

O que se deve levar em consideração na relação do texto com o discurso é a posição dos sujeitos enunciativos, os quais devem estar situados sócio-historicamente, atravessados por uma construção ideológica. (INDURSKI, 2006).

As conceituações expressas acima nos indicam o quão problemática é a noção de texto, uma vez que podemos perceber que tal noção diferencia-se de escola para escola linguística. Assim como se torna confusa a noção de sujeito ao longo do tempo, torna-se mais confusa ainda a noção de texto. Nossa pesquisa afilia-se aos estudos oriundos da Linguística Textual e, mesmo dentro dessa área de estudos, é possível localizar conceituações diferenciadas. Fávero e Koch (2007), baseando-se em Stammer Joham (1975), afirmam que o termo texto é o conceito central da Linguística Textual e da teoria de texto, "abrangendo tantos textos orais quanto escritos que tenham como extensão mínima dois signos lingüísticos". O contexto enunciativo, marcado pela entonação, no entanto, pode substituir um dos signos, a exemplo da expressão "pare" que, mesmo com apenas um signo, pode ser definido como texto, evidenciando a característica de funcionar suficientemente como comunicação.

Em estudos anteriores, Koch (2005) afirma que o texto é a unidade básica da manifestação da linguagem e apresenta sete fatores de textualidade, a seguir enumerados:

A coerência, relacionada à boa formação do texto, refere-se à globalidade de texto, que envolve conhecimentos de ordem sintática, semântica e pragmática.

A coesão, a qual estabelece ligações e assinala relações de sentido entre os enunciados. É referente à microestrutura do texto. A observância dos aspectos coesivos garante a coerência local do texto e, por isso, esses dois aspectos estão relacionados.

A situacionalidade estabelece a relação entre o texto e a situação discursiva de produção.

A aceitabilidade está relacionada ao princípio de cooperação comunicativa, que aceita o texto como coerente, bem como as estratégias que emprega para calcular o sentido do texto.

A intertextualidade refere-se à relação que o texto estabelece com outros textos, dado a característica de polifonia. Pode ocorrer no nível do conteúdo, da forma e da tipologia textual.

A informatividade refere-se ao grau de informações apresentadas pelo texto e aponta para a equivalência entre informações novas e velhas ou a maior incidência de uma sobre a outra, podendo gerar desinteresse por parte do leitor ou maior esforço para apreender o sentido.

O entendimento do que é texto está diretamente relacionado às noções de língua e linguagem. Aqui, nessa pesquisa, adotamos uma concepção de texto de natureza textual-discursivo em uma perspectiva sociointeracionista, a qual privilegia aspectos tanto organizacional interno como seu funcionamento sob o ponto de vista enunciativo.”

Em sentido amplo, Koch (2006) aponta três concepções de língua que tem norteado os estudos do século XX e as respectivas concepções de texto implicadas.

A língua pode ser vista como representação do pensamento. Nessa concepção, o sujeito aparece isolado do contexto. A função da língua é manifestar o pensamento e expressar-se bem está diretamente relacionado ao bom uso da gramática, do ponto de vista da normatividade. Segundo Koch (2005), "o texto é

visto como um produto lógico do pensamento (representação mental) do autor". Ao leitor cabe apenas a tarefa de captar a mensagem emitida.

Outra concepção de língua é aquela que a vê como código, ou como instrumento de comunicação. A atividade de compreensão é vista como simples codificação da mensagem. O leitor recebe passivamente a mensagem, sem participar ativamente da construção do sentido do texto. Segundo Koch (2005), o texto pode ser visto como um simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte.

Por fim, uma última concepção apresenta a língua como lugar da interação, o que pressupõe uma visão dos sujeitos, que passam a ser vistos como seres situados socialmente, ou seja, contextualizados. O texto, por sua vez, passa a ser considerado "o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que dialogicamente nele se constroem e são construídos." Essa última visão sobre a língua é a que tem subsidiado os estudos mais atuais, os quais assumem a leitura como um processo de construção de sentidos realizado por sujeitos ativos e inseridos em um determinado contexto social. Neste trabalho de pesquisa, as concepções de linguagem e de texto que o nosso referencial teórico assume como pressupostos é a língua enquanto fenômeno interativo e o texto como o verdadeiro lugar da interação entre os sujeitos situados socialmente. A compreensão, nesse contexto, é vista como um processo complexo, no qual interagem diversos fatores provenientes do autor, do texto e do leitor. Dessa forma, a compreensão leitora se apresenta como resultado das estratégias do tipo *bottom-up* e *top-down*, as quais são utilizadas pelo leitor de acordo com sua necessidade, conforme será estudado adiante.

2.3 Concepções de Leitura

O trabalho com leitura e com compreensão leitora exige do professor de língua materna conhecimento de modelos de leitura, estudados nos últimos anos. Diante disso, torna-se necessário que o professor adote uma abordagem de leitura para proporcionar ao aluno um melhor aprendizado. Esse conhecimento é fundamental na pesquisa que propomos, uma vez que o modelo de compreensão que adotaremos está intrinsecamente relacionado a um modelo de leitura específico.

Para o docente, é fundamental o conhecimento dos diversos processos envolvidos no ato de ler, a fim de, com isso, escolher estratégias de ensino em função da realidade sócio-histórica em sala de aula, com vistas a desenvolver o melhor método de ensino a seus alunos. Para isso, deverá identificar e adotar algum modelo de leitura como pressuposto à sua atividade docente. Diversos autores têm trabalhado com descrição da leitura. Há uma tendência muito forte em se afiliar a concepções de ordem cognitiva. No Brasil, autores como Fávero (1995); Kleiman (2000); Kato (1990); Koch (2006); Marcuschi (1996); Fulgêncio e Liberato (2000) e Leffa (1996), além de autores estrangeiros como Allende e Condemarín (2005), os quais propõem um modelo de avaliação de compreensão leitora com base na taxonomia de Barret (1968), têm se dedicado à matéria. Braggio (2005), com base nos estudos de Goodman e outros, aponta cinco modelos de leitura ao longo do desenvolvimento dos estudos na área. São eles: o psicolinguístico, o interacionista I e II e o sociopsicolinguístico, além de um modelo mais mecanicista e tradicional, ligado a concepções fundamentadas no behaviorismo.

O modelo de leitura adotado nesta pesquisa é o de Van Dijk e Kintsch (1983), o qual se configura como um modelo não linear e estratégico, no qual se inter-relacionam conhecimentos de níveis diversos, como o fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. Não serão tratados detalhadamente neste trabalho os fundamentos epistemológicos das teorias que subjazem aos referidos modelos, visto pretendermos traçar aqui um panorama geral do conhecimento sobre leitura.

2.3.1 Modelo de Leitura de Kintsch e Van Dijk (1983)

O modelo de leitura apresentado por Van Dijk e Kintsch (1983) se configura como um modelo estratégico, no qual convergem informações dos níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, os quais não devem ser tomados separadamente. Eles propõem que há uma interação entre os diversos níveis, de maneira intrincada e não linear. Diferencia-se do modelo apresentado por Goodman (1985), o qual apresenta características de processamento chamadas *top-down*, ou seja, o leitor complementa, através das adivinhações e previsões, a informação inferencial que foi omitida pelo texto, da mesma maneira quando sua

visão “pula” para outro ponto de ancoragem, seguindo aquele pressuposto de Smith (1989) que “ver é algo episódico”. No modelo interativo de Van Dijk e Kintsch (1983), também tratado por Rumelhart (1985); Cavalcanti (1989) e Marcuschi (2008), o processamento interativo admite que o leitor possa se relacionar de diversas formas com o texto, tais como: relacionar o texto aos seus esquemas de vida, ser dependente, ajustando-se ao esquema do autor ou combinar atitudes ativas e passivas no processamento em diferentes partes de um texto ou textos diversificados. (GODINHO, 2004, p. 30).

O modelo a que nos referimos aqui, proposto por Van Dijk e Kintsch (1983) tem origem a partir de alguns pressupostos de natureza cognitiva e processual. Entendê-los, portanto, é fundamental para entender o modelo. De acordo com Machado (2005), os pressupostos são os seguintes:

Pressupostos cognitivos:

a) Pressuposto cognitivista: as pessoas constroem representações na memória com base em informações visuais e linguísticas.

b) Pressuposto interpretativo: os dados visuais e verbais não são só representados, e sim interpretados de modo a se construir seu significado (aspecto semântico).

c) Pressuposição *on-line*: a compreensão ocorre simultaneamente ao processamento de informações, de forma gradual e não subsequente.

d) Pressuposição de conjectura pressupocional: além do conhecimento prévio e de estruturas semelhantes, o leitor, ouvinte, utiliza outras informações cognitivas, tais como crenças, opiniões ou atitudes em relação a acontecimentos em geral ou ainda motivações, objetivos ou tarefas específicas no processamento de acontecimentos e textos.

e) Pressuposto estratégico: refere-se à habilidade que as pessoas têm de usar informações de diversos tipos, de maneira flexível, de forma que as informações podem ser processadas em diversas e possíveis ordens, com o objetivo de se construir a interpretação dos acontecimentos e textos.

Pressupostos contextuais:

a) Pressuposto da funcionalidade (social): as dimensões sociais do discurso interagem com as dimensões cognitivas. “Em outras palavras, o modelo cognitivo deverá dar conta do fato de que o discurso, e conseqüentemente o processo de compreensão do discurso, são processos funcionais dentro do contexto social”.

b) Pressuposto pragmático: esse pressuposto refere-se ao fato de que no discurso estamos lidando não só com objetos linguísticos, mas também com ações sociais pretendidas e levadas a cabo pelo ato de enunciação.

c) Pressuposto interacionista: de acordo com esse pressuposto, a interpretação de um discurso, enquanto ato de fala (ou uma série de atos de fala), está inserida em uma interpretação de todo o processo de interação entre os participantes da conversa (interlocução).

d) Pressuposto situacional: é uma relação que se estabelece entre a função pragmática do discurso e a situação social cognitivamente representada no modelo interpretativo.

O modelo estratégico de Van Dijk e Kintsch (1983) considera a leitura sob um prisma global, “não como um processo não-orientado progressivamente por níveis (morfológico, sintático, semântico e pragmático), mas no qual esses níveis interagem de maneira intrincada.” (GODINHO, 2004, p. 27). O processamento textual é estratégico, ou seja, realiza-se através do uso de estratégias de ordem sociocognitivas.

Como ponto central da proposta Van Dijk e Kintsch (1983), são apresentadas as noções de microestrutura, macroestrutura e superestrutura. A microestrutura diz respeito às idéias ou proposições que contêm um texto e às relações lineares de cada proposição com a proposição antecedente e a subsequente. A macroestrutura é elaborada simultaneamente à leitura por meio de inferências e de previsões que vão sendo feitas e sustentadas ou descartadas com base em vários tipos de informações presentes ou não no texto, como por exemplo o título, palavras temáticas, sentenças temáticas, etc. O conceito de superestruturas diz que a manifestação é, em forma de estrutura esquemática convencional, uma forma global que organiza as macroproposições do texto. A respeito da superestrutura, os autores afirmam:

Os usuários de uma língua manipulam a superestrutura de maneira estratégica. Tentarão ativar uma superestrutura relevante da memória semântica tão logo o contexto ou tipo de texto sugerir uma primeira pista. Daí em diante, o esquema poderá ser usado como um poderoso recurso *top-down* de processamento para a atribuição de categorias superestruturais relevantes (funções globais) a cada macroproposição ou seqüências de macroproposições, além de fornecer, ao mesmo tempo, alguns delimitadores gerais sobre os possíveis significados locais e globais da base textual.

De acordo com Koch (2005), modelos são unidades organizacionais complexas, conjuntos de conhecimentos socioculturalmente determinados e vivencialmente adquiridos, os quais contêm tanto conhecimentos declarativos sobre cenas, situações e eventos, como conhecimentos procedurais sobre como agir, em situações particulares e realizar atividades específicas.

O processamento textual é estratégico, ou seja, realizado através do uso de estratégias de ordem sociocognitiva. Para Van Dijk e Kintsch (1983), o processamento utiliza-se dos conhecimentos de natureza procedural, contendo estratégias de uso dos vários tipos de conhecimento que temos armazenados na memória. Quando se lê ou ouve um texto, constrói-se, na memória episódica, uma representação textual, definida em termos de conceitos e proposições. Constrói-se também, paralelamente, um modelo episódico ou de situação sobre o que o texto versa. Ativa-se portanto, na memória, modelos similares, os quais são os nossos registros cognitivos de situações semelhantes. A compreensão acontece quando o modelo criado é satisfatório e coerente com o modelo de situação, havendo um entendimento do texto. (KOCH, 2005).

De acordo com Godinho (2004, p. 28), a representação mental do texto é acompanhada da representação mental do contexto social, uma vez que “os discursos não ocorrem do “nada”, mas dentro de um contexto sócio-cultural mais amplo: de funcionalidade, pragmático, interacionista e situacional”. O modelo de leitura proposto por Van Dijk e Kintsch (1983) apresenta a leitura não como um processo passivo, mas como um processo interativo, no qual o leitor interpreta, ativamente, as ações de um autor. A essa concepção nos afiliamos por considerarmos a leitura como uma atividade complexa composta por três faces: leitor, texto e autor, dos quais decorre a compreensão.

CAPÍTULO 3: COMPREENSÃO LEITORA

3.1 Introdução

A compreensão de um texto deve ser vista como um processo construtivo e não como um produto acabado. Essa constatação nos leva a crer que existem inúmeros fatores envolvidos nesse processo além do texto. O fato de acreditar que compreender é apenas extrair a ideia do autor significa assumir uma concepção de linguagem como expressão do pensamento. Concepção essa que não dá conta da multiplicidade de fenômenos envolvidos em um ato de linguagem.

A interação linguística é o lugar correto onde podemos situar uma definição de linguagem. Portanto linguagem é interação. Ela só se realiza por esse motivo e a compreensão é um fenômeno geral da vida humana, sendo esse aspecto social sua maior característica. Leitura e compreensão devem ser vistas como um fenômeno social e não como um constructo individual. É claro que coexistem fatores individuais que influenciam nesse processo, mas eles interagem com fatores sociais, a exemplo dos esquemas cognitivos compartilhados socialmente.

Segundo Marcuschi (2008), o trabalho de interpretação dos enunciados é conjunto e não unilateral e a compreensão seria uma atividade colaborativa que se dá na interação entre autor-texto-leitor, passível de sofrer desencontros. Quem nunca ouviu alguém dizer: “olha, não entendi o que você disse” ou “não compreendo o que você quer dizer”? Isso nos demonstra que a compreensão não é simples e matematicamente equacionada.

3.2 Compreensão Leitora Global

O estudo de leitura está intrinsecamente interligado à maneira como ocorre a compreensão leitora dentro de uma perspectiva mentalista, ou seja, dentro da mente do leitor. Aqui, entenderemos a compreensão não do ponto de vista de uma leitura de decifração, aquela em que o nível grafofônico antecede o do significado. O que estamos estudando é uma leitura chamada de “adulta”, ou seja,

aquela em que a busca pelo significado ultrapassa a leitura de níveis inferiores, uma leitura direta do sentido, na qual o texto é percebido de maneira global.

A propósito dessa dicotomia entre uma leitura adulta e uma leitura de nível escolar, Neis (1982) distingue entre o que chama de leitura indireta e leitura direta, caracterizando aquela como uma leitura de decifração com mediação do oral e, segundo ele, uma leitura de nível escolar. A leitura direta, por sua vez, é característica do sujeito com prática de leitura, na qual ele não intervém no oral, “nem sob a forma de leitura em voz alta ou sussurada.” (NEIS, 1982, p. 44). Vale ressaltar que o Neis (1982) afirma ser a leitura com mediação oral uma fase obrigatória na aprendizagem.

E vai mais adiante ao afirmar que a compreensão não acontece através do reconhecimento de letras e palavras, mas em unidades maiores, como palavras de um certo número de letras e enunciados de um certo número de palavras. Isso nos permite afirmar que “existe uma compreensão global que abrange palavras inteiras.” (Neis, 1982, p. 45). No entendimento de Sophie Moirand (1979, p. 23), com base em (COSTE, 1974), tem-se como hipótese de partida que:

Numa leitura “adulta” em língua materna as palavras são percebidas globalmente no discurso e que a reconstrução semântica que implica o processo de compreensão também depende de uma percepção global de unidades linguísticas maiores. O “sentido” de um texto é percebido através da sua organização lingüística e, os articuladores, as palavras-chaves e as relações anafóricas constituem marcos para o leitor, marcos que surgem do contexto lingüístico, mas que serão compreendidos à luz do saber anterior do leitor e dos seus conhecimentos extralingüísticos.(tradução nossa)

Percebe-se que o pensamento de Rumelhart (1985) vem sustentar essa ideia de percepção global do texto: “processos lingüísticos de nível mais alto (semântica ou significação), facilitam o processamento dos de nível mais baixo (letras e palavras) e o domínio dos primeiros facilitam o domínio dos últimos”. Essa compreensão global do texto acontece em uma leitura chamada por Neis (1982) de leitura direta de sentido, a qual pode ser integral ou rápida e seletiva.

Na leitura rápida e seletiva, dá-se um levantamento global e não linear buscando, em pontos diversos, elementos que lhe permitam formular hipóteses sobre o sentido do texto, as quais serão, em seguida, confirmadas ou não. Nesse tipo de leitura, o olho faz um movimento de ziguezague no texto.

Na leitura integral, ocorre um movimento aproximadamente linear, no qual o olho do leitor percorre o texto a intervalos mais ou menos regulares e de tamanhos maiores ou menores, permitindo ao leitor a captação mais global possível do sentido do texto. Segundo Neis (1982, p. 46), “a leitura é constituída de visões não propriamente encadeadas ou justapostas, mas alinhadas e, por vezes, superpostas”.

Em conformidade com essa visão está a de Fulgêncio e Liberato (2000, p. 25), as quais, baseando-se em Smith (1989), afirmam que: “quando lemos, nossos olhos sem movimentam. Esse movimento ocular executado na leitura não é linear e contínuo, como se o olho estivesse “escorregando” pelo papel”. É um movimento que pode ser descrito como “um salto rápido e irregular, um pulo de uma posição para outra”. Nos intervalos dos “saltos”, o leitor maduro realiza predições e inferências, buscando confirmá-las ou não.

Nessa perspectiva, surge o conceito de competência textual, o qual se relaciona com a chamada competência comunicativa. Distanciando-se da competência Chomsky, pois essa nos remete ao domínio de um conjunto de regras estruturadas, a competência textual engloba outros conhecimentos de natureza linguística, referencial, pragmáticos, além do domínio propriamente textual. (NEIS, 1982).

O conhecimento linguístico pressupõe o conhecimento dos constituintes e do funcionamento de determinada língua, ou seja, do sistema fonológico, morfossintático, textual, conhecimento esse que foi, ao longo da história, considerado o único conhecimento necessário para o entendimento de enunciados em uma visão tradicionalista.

O domínio do conhecimento referencial é o domínio do assunto em questão. Quanto maior for o conhecimento geral do leitor, maior será sua competência textual. A exemplo disso: quando se realiza leitura de algum assunto que não se domina, temos dificuldade bem maior em compreender. Esse domínio está diretamente relacionado aos conhecimentos do leitor, embora este contenha outros domínios que o complementam, a exemplo do domínio do código linguístico utilizado.

Há também que se considerar o domínio de um componente pragmático, das relações entre os interlocutores, da situação de comunicação etc. A inserção de uma dimensão pragmática na interpretação de enunciados torna-se fundamental para a boa compreensão sobretudo no que diz respeito a aspectos como

intencionalidade, pressupostos e subentendidos etc. A propósito, o conhecimento de aspectos discursivos torna-se importante para uma compreensão efetiva de enunciado. Além desses conhecimentos aqui ressaltados, podemos afirmar que as regras comunicativas de preservação das faces, o contrato de comunicação estabelecido entre os interlocutores e as máximas conversacionais de Grice contribuem para uma boa compreensão.

Por fim, um domínio propriamente textual também compõe a competência textual. Nele insere-se a habilidade de recepção de textos como mensagens organizadas que concretizam determinadas intenções do autor.

Podemos perceber, portanto, que existe uma série de competências e habilidades que o leitor deve possuir para realizar uma leitura significativa. Neis (1982, p. 55) afirma que, em sentido amplo, “a competência de leitura supõe conhecimento e experiência no uso do sistema linguístico, conhecimento e prática do sistema pragmático de usos e convenções ligados à comunicação linguística, e conhecimentos referentes ao tema do texto.

Essa construção de sentido é realizada pelo leitor através da percepção de determinados tipos de índice, através dos quais ele constrói um sentido global para o texto. Esses índices são divididos em formais, temáticos e enunciativos e são observados à luz do terreno da pragmática.

Entre os formais, distinguimos aqueles aspectos puramente icônicos e aqueles modelos semântico-sintáticos que revelam a estruturação do discurso. Neis (1982) sugere que os índices icônicos são tipografia, distribuição de parágrafos, chaves, ilustrações, grifos e pontuação. Os modelos semânticos e discursivos, os quais revelam a estruturação do discurso, são os articuladores retóricos, lógicos, anafóricos, repetições etc. Esses índices formais são o que as teorias de natureza cognitivista chamam de “informação visual” (SMITH, 1989), ou seja, informação percebida, captada pelos olhos, sendo uma condição necessária, porém não suficiente de leitura. (FULGÊNCIO; LIBERATO, 2000).

Os índices temáticos a que se refere Neis (1982) são palavras-chave ou palavras-tema, localizadas no texto e relacionadas diretamente aos temas e subtemas que constituem as variadas seções e parágrafos de um texto. Esses índices são chave importante no que diz respeito à compreensão do texto, visto que têm a função de ir progressivamente ativando conhecimentos do leitor, gerando um processamento cruzado de informações novas e as já existentes.

O último tipo de índice são os enunciativos pelos quais o autor marca de forma mais ou menos evidente sua orientação argumentativa, como também marca a destinação ao receptor. Esses índices possuem uma natureza mais pragmática e sua identificação está relacionada ao contexto de enunciação.

3.3 Os Níveis de Compreensão Leitora

A compreensão leitora tem que ser entendida como derivada de um somatório de fatores constitutivos, configurando-se como um processo complexo. Existem diversos estudos que colocam em termos tais fatores, desde visões mais simples, como as que veem na leitura como uma reconstrução do sentido dado pelo autor ao texto por parte do leitor, passando por estudos que estabelecem que ler é o somatório de informações visuais a informações não visuais, conforme Smith (1989). Opondo-se a essas visões, podemos citar a visão de Allende e Condemarín (2005), que atribuem à compreensão fatores derivados do autor, do texto e do leitor, sendo essa uma posição mais abrangente, pois apresenta um novo fator que é o autor.

A proposta do nosso trabalho de pesquisa é verificar em qual nível de compreensão leitora se encontram alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola pública da rede estadual do Ceará. Para o professor, saber identificar esse nível de compreensão dos alunos é fundamental, visto que, com base nessa informação, ele vai conseguir traçar seu plano, conteúdo, objetivo, método de ensino etc., de modo que desenvolva esse aluno, observando seu autoprogresso. Vamos, portanto, entender o que são níveis de compreensão leitora.

A divisão da compreensão leitora em níveis não é uma constante entre os autores. Identificamos duas taxonomias mais estudadas: a de Barret (1982) e a de Marchusci (1996a). Optamos pela primeira, a qual será detalhada mais adiante, por ser mais didática. A de Marchusci (1996a) propõe a existência de cinco horizontes de compreensão: 1) **falta de horizonte**, 2) **horizonte mínimo**, 3) **horizonte máximo**, 4) **horizonte problemático** e 5) **horizonte indevido**. O primeiro horizonte (de repetição ou cópia) é o que está mais próximo do texto porque o leitor não se sente autônomo para construir o seu significado, ficando preso à soberania do autor que incutiu o sentido pretendido para o leitor apenas recuperá-lo. No segundo

horizonte (de paráfrase), o leitor ainda está próximo do texto porque está preocupado em identificar informações objetivas que podem ser ditas de outra forma, mas já é capaz de fazer inferências mínimas. É no horizonte 3 que o aluno é capaz de fazer inferências mais precisas, de perceber o sentido global do texto e ler nas “entrelinhas”. No horizonte 4, o problemático ou da extrapolação, o leitor começa a se afastar demais do texto e o sentido que ele cria privilegia os conhecimentos pessoais mais do que as informações do texto. No horizonte 5 – o indevido – o aluno está muito distante do texto fonte; por isso dizemos que há uma leitura errada quando o leitor afirma a existência de informações que o texto não revelou, sendo incoerente.

Um outro exemplo de avaliação de compreensão leitora é o teste do tipo CLOZE, surgido das pesquisas de Taylor (1953, apud Alliende e Condemarín, 2005), o que consiste na seleção de um texto de aproximadamente 200 vocábulos, do qual, na proposta original do autor, omite-se um a cada cinco vocábulos, como forma mais adequada para o diagnóstico da compreensão. Os examinados devem preencher as lacunas com o vocábulo que julgarem ser mais apropriado para a constituição de uma mensagem coerente e compreensiva. Os escores são obtidos somando-se o número de lacunas preenchidas corretamente.

De acordo com o resultado do teste, pode-se classificar o desempenho em três níveis de leitura. O nível de **frustração**, o qual corresponde ao percentual de acerto de até 44% do total do texto, indica que o leitor conseguiu retirar poucas informações da leitura e, conseqüentemente, obteve pouco êxito na compreensão. O nível **instrucional**, que corresponde a um percentual de acertos entre 44% e 57% do texto, mostra que a compreensão da leitura é suficiente, porém indica a necessidade de auxílio adicional externo (do professor, por exemplo). Por fim, o nível **independente** corresponde a um rendimento superior a 57% de acertos no texto, e equivale ao nível de autonomia na compreensão de um texto.

A nossa pesquisa optou por classificar a compreensão leitora dos alunos de acordo com a taxonomia de Barret (1968), estudada por Alliende e Condemarín (2005).

3.3.1 Os níveis de compreensão leitora por Allende e Condemarín (2005)

O estudo que desenvolvemos, após identificar outras taxonomias, optou pela abordagem de níveis de compreensão fundamentadas na taxonomia de Barret (1968), considerando que são os níveis de maturidade e destreza que o leitor apresenta na leitura de um texto. O desempenho do leitor depende do seu grau de maturidade. A divisão da compreensão leitora em cinco níveis diferenciados, tem por nível mais básico o da **compreensão literal** subdividido em reconhecimento e lembrança e refere-se à recuperação da informação explicitamente colocada no texto. O nível seguinte é o da **reorganização**, o qual consiste em dar uma nova organização às ideias, informações ou outros elementos do texto, através de processos de classificação e síntese. A **compreensão inferencial** consiste na formulação de hipóteses e conjecturas utilizando as informações e ideias do texto, sua intuição e experiência pessoal. Acima da compreensão inferencial está a chamada **leitura crítica**, pela qual o leitor deve formular um juízo de valor, comparando as idéias apresentadas no texto com critérios externos, dados pelo professor, por outras autoridades ou por outros meios escritos, ou então com um critério interno, dado pela experiência do leitor, seus conhecimentos e valores. O último nível é o da **apreciação**, o qual

implica todas as considerações prévias, por que tenta avaliar o impacto psicológico ou estético que o texto produziu no leitor. Abrange o conhecimento e a resposta emocional às técnicas literárias, ao estilo e às estruturas. (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005, p. 146-148).

É preciso ressaltar que essa classificação foi criada para textos narrativos, mas pode ser aplicada a outros tipos de textos, de acordo com os autores.

Para o estudo que estamos desenvolvendo, serão avaliados objetivamente os níveis de compreensão inferencial e crítico, por pensarmos que, ao alcançar esses níveis, os alunos já estariam, naturalmente, alcançando os dois níveis mais básicos. O nível de apreciação não fará parte das categorias de análise por possuir uma abrangência maior, sendo composto de impacto psicológico e

apreciação estética, contando com a avaliação da resposta emocional sobre o leitor, o que, acreditamos, dispersaria uma avaliação mais objetiva sobre a compreensão leitora.

O nível de compreensão inferencial requer que o leitor utilize as informações explícitas e todos os seus conhecimentos para interpretar, inferir, concluir o que estiver implícito. Entendemos inferência como um pressuposto da comunicação humana, visto que seria impossível pensarmos em uma comunicação na qual todas as informações fossem fornecidas pelo autor do texto. Podemos exemplificar como inferenciais os seguintes questionamentos: Quais detalhes adicionais que o autor não manifestou em texto, mas que estão subtendidos? Qual o tema (ideia principal) deste parágrafo, texto, capítulo, etc.? Como será um personagem “x”, mesmo não estando explícitas suas características? O que dizemos também com relação a esse nível é que o autor, ao escrever um texto, não escreve tudo que poderia estar ali, visto que, assim, não haveria espaço para tanta informação. Por isso, ele conta com que sejamos cooperativos, “adivinhandos” as informações implícitas ou utilizando as que fazem parte de nosso conhecimento prévio, deduzindo o que não foi expresso a partir dos dados que o texto fornece.

Segundo Allende e Condemarín (2005), no nível de compreensão crítico, o leitor pode emitir dois tipos de juízo, uma de realidade ou fantasia e outro de valor. Pelo juízo de realidade ou fantasia, pede-se ao aluno para distinguir o real e o que pertence à fantasia do autor; pelo juízo de valor, pede-se ao aluno que julgue as atitudes dos personagens. Para realizar um julgamento crítico, supomos que o aluno tenha tido uma compreensão leitora razoável o suficiente para entender, não só a história, como seus pressupostos e subentendidos.

De uma maneira geral, podemos resumir o modelo de compreensão leitora baseado na taxonomia de Barret (1968) da seguinte forma:

Compreensão Literal:

Refere-se à recuperação da informação explicitamente colocada no texto. Pode ser dividida em reconhecimento e lembrança.

Reconhecimento:

Consiste na localização e identificação de elementos do texto.

Reconhecimento de detalhes: localizar e identificar fatos, tais como nomes de personagens, incidentes, tempo e lugar da história.

Reconhecimento de ideias principais: localizar e identificar uma oração explícita no texto que seja a ideia principal de um parágrafo ou de um trecho mais extenso do texto.

Reconhecimento de sequências: localizar e identificar a ordem de incidentes ou ações explicitamente colocadas no trecho escolhido.

Reconhecimento das relações de causa e efeito: localizar ou identificar as razões que, estabelecidas com clareza, determinam um efeito.

Reconhecimento de traços de personagens: localizar ou identificar colocações explícitas sobre um personagem que ajudem a destacar o tipo da pessoa em questão.

Lembrança

O estudante deve reproduzir de cor: fatos, épocas, lugar da história, fatos minuciosos, ideias ou informações colocadas claramente no texto.

Lembrança de detalhes: reproduzir de cor fatos, tais como nomes de personagens, fatos minuciosos, tempo e lugar da história.

Lembrança de ideias principais: saber a ideia principal de um texto, sobretudo quando ela se achar expressamente estabelecida. Pode referir-se também às ideias principais de alguns parágrafos.

Lembrança de sequências: consiste em saber de cor a ordem dos incidentes ou ações colocados com clareza no texto.

Lembrança de relações de causa e efeito: citar as razões explicitamente estabelecidas que determinam um feito.

Lembrança de traços de personagens: reproduzir a caracterização explícita dos personagens que aparecem no texto.

Reorganização

Consiste em dar uma nova organização às ideias, informações ou outros elementos do texto, mediante processos de classificação e síntese.

Classificação: consiste em localizar em categorias as pessoas, lugares e ações mencionados no texto, ou em exercer a atividade classificatória sobre qualquer elemento do texto.

Esboço: consiste em reproduzir o texto de maneira esquemática. Pode-se falar através de frases ou mediante representação ou disposições gráficas.

Resumo: consiste na condensação do texto, mediante frases que reproduzem os fatos ou elementos principais.

Síntese: consiste em refundir diversas idéias, fatos ou certos elementos do texto através de formulações mais abrangentes.

Compreensão inferencial

Requer que o estudante use as ideias e informações explicitamente colocadas no texto, sua intuição e experiência pessoal como base para conjeturas e hipóteses. As inferências podem ser de natureza convergente ou divergente e o estudante pode ou não ser chamado para verbalizar a base racional de suas inferências. Geralmente a compreensão inferencial se estimula mediante a leitura, e as perguntas do professor demandam pensamentos e imaginação que vão além da página impressa.

Inferência de detalhes: conjeturar sobre os detalhes adicionais que o autor poderia ter incluído no texto, para torná-lo mais informativo, interessante ou atrativo.

Inferência de ideias principais: induzir a ideia principal, significado geral, tema ou conclusão moral que não estão expressamente colocados no texto.

Inferências de sequências: determinar a ordem das ações se a sequência não estiver claramente estabelecida no texto. Consiste também em determinar as ações que precederam ou seguiram às mostradas no texto.

Inferência de causa e efeito: levantar hipóteses sobre as motivações dos personagens e suas interações como o tempo e lugar. Implica também conjeturar sobre as causas que atuaram na base das chaves explícitas apresentadas no texto.

Inferência de traços dos personagens: determinar características dos personagens que não aparecem explicitamente no texto.

Leitura Crítica

Pede que o leitor formule um juízo de valor, comparando as ideias apresentadas no texto com critérios externos, dados pelo professor, por outras autoridades ou por outros meios escritos, ou então com um critério interno, dado pela experiência do leitor, seus conhecimentos e valores.

Juízos de realidade ou fantasia: pede ao aluno distinguir o real e o que pertence à fantasia do autor.

Juízo de valores: pede que o aluno julgue a atitude do personagem ou dos personagens.

Apreciação

Implica todas as considerações prévias, por que tenta avaliar o impacto psicológico ou estético que o texto produziu no leitor. Abrange o conhecimento e a resposta emocional às técnicas literárias, ao estilo e às estruturas.

Portanto, diante dos níveis expostos, percebemos que o nível de compreensão inferencial é o que mais cobra a atenção do processo de ensino e desenvolvimento da competência leitora, pois a proficiência leitora, nesse nível, representa uma habilidade que o leitor apresenta em reter e evocar informações. Kleiman (2000, p. 25) mostra que uma pesquisa feita com leitores, objetivando-se constatar se o leitor lembrava das informações explícitas ou implícitas, revelou que o problema com relação àquele que não retém nem evoca as informações pode estar na falta de habilidade em fazer inferências. Assim, ela se expressa: “Há evidências experimentais que apresentam com clareza que o que lembramos mais tarde, após a leitura, são as inferências que fizemos durante a leitura; não lembramos o que o texto dizia literalmente.”

Acreditamos que, por ser a compreensão leitora um processo complexo e decorrente de fatores diversos, a sua avaliação deve ser criteriosa e, principalmente, se aproximar o máximo da realidade do aluno. Existem, naturalmente, diversas outras técnicas de avaliação, como por exemplo os testes conhecidos como tipo cloze, os testes estandardizados, que visam uma comparação do nível de um curso em relação às normas nacionais. (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005, p. 152).

3.4 Processo Inferencial

Uma noção importante, para não dizer central, no contexto da compreensão leitora é a de inferência. Muito embora ela seja de extrema importância para os estudos relacionados com a compreensão de textos.

(MARCUSCHI, 2008; KLEIMAN, 2000), esse conceito geralmente não é bem definido, pois cada pesquisador (ou grupo de pesquisadores) o define de maneira distinta, de acordo com o tipo de pesquisa e de dados que estão sendo analisados. Dessa forma, o termo inferência tem sido usado para descrever as mais variadas operações cognitivas, que vão desde a identificação do referente de elementos anafóricos até a construção de esquemas ou modelos mentais dos textos.

De uma maneira geral, podemos afirmar que a inferência é uma operação cognitiva que permite ao leitor construir novas proposições a partir de outras já dadas. Essa nos parece semelhante a uma visão da inferência dada (DELL'ISOLA, 2001, p. 44), o qual afirma que: Inferência é um processo cognitivo que gera uma informação semântica nova a partir de uma informação semântica anterior, em um determinado contexto.

Sobre a questão do papel das inferências na compreensão textual, é de grande valia citar o trabalho de Machado (2005), o qual apresenta a inferência como um processo particular de adivinhação, noção próxima à de Goodman (1985, p. 833): “inferência é uma estratégia geral de adivinhação, com base no que é conhecido, informação que é necessária, mas não conhecida”.

Outra questão que se ressalta neste trabalho é apresentar algumas importantes definições de inferências, do ponto de vista de diferentes pesquisadores que têm se interessado pelo tema. Aqui, apresentaremos algumas definições encontradas no referido trabalho:

1. Em Coscarelli (2003), encontramos a definição de McLeod (1977), segundo o qual inferências são informações cognitivamente geradas com base em informações explícitas, linguísticas ou não linguísticas, desde que em um contexto de discurso escrito contínuo e que não tenham sido previamente estabelecidas.

2. No mesmo trabalho de Coscarelli (2003), localizamos a definição de Frederiksen (1977), segundo o qual inferências ocorrem sempre que uma pessoa opera uma informação semântica, isto é, conceitos, estruturas proposicionais ou componentes de proposições, para gerar uma nova informação semântica, isto é, novos conceitos de estruturas proposicionais.

3. Beaugrande e Dressler (1981 apud KOCH; TRAVAGLIA, 1989) veem as inferências como operações que consistem em suprir conceitos e relações razoáveis para preencher lacunas (vazios) e descontinuidades em um mundo textual. Para esses autores, o processo inferencial busca sempre resolver um problema de continuidade de sentido.

4. Para Goodman (1985, p. 833), “inferência é uma estratégia geral de adivinhação, com base no que é conhecido, informação que é necessária, mas não conhecida”.

5. Dell'Isola (2001), fundamentando-se em Rickheit; Schnotz e Strohner (1985), afirma que: Inferência é um processo cognitivo que gera uma informação semântica nova a partir de uma informação semântica anterior, em um determinado contexto. Inferência é, pois, uma operação cognitiva em que o leitor constrói novas proposições a partir de outras já dadas. Não ocorre apenas quando o leitor estabelece elos lexicais, organiza redes conceituais no interior do texto, mas também quando o leitor busca, extratexto, informações e conhecimentos adquiridos pela experiência de vida, com os quais preenche os ‘vazios’ textuais.

Como se pode perceber, há uma diversidade de definições de inferência, das quais foram citadas apenas algumas que consideramos mais frequentes. Todas, contudo, parecem apontar uma característica fundamental desse processo, trazer uma informação que não está no texto, seja através de adivinhação, como afirma Goodman, seja através da geração de informação semântica nova, como afirmam Rickheit; Schnotz e Strohner (1985).

Rickheit; Schnotz e Strohner (1985) destacam ainda que o processo de compreensão do discurso deve ser dividido nos seguintes subprocessos de geração de informação:

Decodificação: é a geração de informação semântica a partir de informação não semântica.

Codificação: é a geração de informação não semântica a partir de informação semântica.

Inferência: é a geração de informação semântica a partir de informação semântica.

O conceito de inferência torna-se central no nosso trabalho, uma vez que, dentre os níveis de compreensão leitora a que se referem Allende e Condemarín (2005), está em um nível de leitura chamado de inferencial, no qual o leitor é levado a usar as idéias e informações explicitamente colocadas no texto, sua intuição e experiência pessoal como base para conjeturas e hipóteses. Na verdade, os níveis de compreensão mencionados acima são em número de cinco, sendo a compreensão inferencial um deles. A pesquisa que estamos fazendo avaliará os níveis inferencial e crítico de leitura dos informantes selecionados, daí a importância de se entender o que é inferência e qual o seu papel no processo de compreensão.

É preciso destacar também, neste estudo, que há uma diversidade de classificações de tipologias de inferências, das quais citaremos a proposta de Marcuschi (1989, *apud* Ferreira e Dias, 2004), o qual classifica os tipos de inferências em:

Inferências lógicas: relações lógicas submetidas aos valores de verdade na relação entre as proposições (abordagem crítica).

Inferências analógicas: conhecimentos de itens lexicais e relações semânticas (os significados das palavras).

Inferências pragmático-culturais: experiências, crenças, ideologias e axiologias individuais (valores individuais).

No entanto, essa classificação deve ser complementada com a proposta de Machado (2005), o qual propõe que se combinem diversas classificações, a partir dos seguintes critérios:

a) Quanto ao conteúdo semântico:

1. inferências lógicas: são as que respondem principalmente à pergunta “por quê?” e buscam explicitar as causas e as consequências dos fatos, eventos e emoções presentes no texto;

2. inferências informativas: são as que buscam estabelecer as referências do texto (dêiticas, analógicas, metafóricas, metonímicas etc.) e o contexto espaço-temporal dos eventos. São aquelas inferências que buscam responder às perguntas: quem? o quê? onde? quando?

3. inferências avaliativas: são aquelas que, baseadas nas crenças e valores dos sujeitos, respondem às questões do tipo: a personagem agiu certo ou

errado? fez bem ou mal? qual seu estado emocional (estava alegre, triste, com medo...)?

b) Quanto à origem das inferências:

1. inferências de base textual: são aquelas inferências feitas a partir da relação de duas ou mais proposições (macro ou microposições) presentes no texto fonte;

2. inferências de base contextual: são aquelas realizadas ao se estabelecerem relações entre proposições presentes no texto fonte e o contexto;

3. inferências sem base textual: são inferências realizadas sem fundamentos textuais, constituindo-se em extrapolações ao conteúdo do texto.

c) Quanto à necessidade das inferências:

1. inferências conectivas: são aquelas necessárias à compreensão porque ligam partes do texto, e sem as quais o texto torna-se ininteligível ou sem sentido;

2. inferências elaborativas: são as que, embora possam ser feitas, não são necessárias. Ocorrem quando o leitor usa seu conhecimento sobre o tópico em discussão para preencher detalhes adicionais não mencionados no texto, ou para estabelecer conexões entre o que está sendo lido e itens relacionados ao seu conhecimento pessoal.

Como podemos perceber, a tarefa de estabelecer critérios de classificação das inferências é complexa e exaustiva. Nosso objetivo, nesta pesquisa, não é tratar diretamente dessa classificação, embora julguemos pertinente apresentar algumas noções para que possamos avaliar o quão importante é o conhecimento deste processo mental e cognitivo chamado de inferência para os estudos de compreensão leitora.

CAPÍTULO 4: METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

4.1 Introdução

Este capítulo trata da apresentação dos pontos metodológicos que nortearam a pesquisa, assim como as hipóteses e procedimentos adotados.

Na pesquisa realizada, identificamos alguns problemas que necessitavam de esclarecimento, na apreensão do objeto. A primeira questão que norteou a pesquisa era saber em que níveis de compreensão leitora se encontram os alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola pública no município de Quixeramobim?. Outra questão que se configurou importante foi os alunos realizam todas as etapas do processo de leitura em busca da compreensão leitora?.

Com relação à primeira questão, podemos afirmar que se trata de uma questão fundamental, pois é a que pretendemos investigar com maior rigor, visto ser o próprio tema da pesquisa. A segunda questão, acreditamos ter estreita relação com a primeira, pelo fato de, acreditarmos em Marchusci (2008) ao afirmar que: “Ler é um ato de produção e apropriação de sentido que nunca é definitivo e completo”. Essa visão nos remete à questão da leitura enquanto processo. Tendo em vista que, nosso objetivo principal foi verificar a relação do processo com a compreensão dentro de uma perspectiva avaliativa.

Em uma perspectiva aplicada, pensar em avaliação de compreensão é pensar em um trabalho de leitura com objetivos, constantemente planejado pelo professor de acordo com os objetivos do ensino de língua materna. Para avaliar a compreensão leitora, Allende e Condemarín (2005) relacionam alguns métodos, tais como Técnicas de Completação, Teste com Referência a Critérios, Avaliações Taxonômicas e Testes Standardizados.

Para essa avaliação, adota-se a avaliação taxonômica com base em Barret (1968), o qual apresenta cinco dimensões cognoscitivas e afetivas da compreensão leitora: a compreensão literal, a reorganização, a compreensão inferencial, a leitura crítica e a apreciação. Contudo, a avaliação foi feita com base apenas em três dimensões, a literal, inferencial e crítica. Procuramos, dentro dessas três dimensões, classificar os resultados dos testes aplicados aos alunos.

4.2 Questões da Pesquisa

A pesquisa que fizemos tem o objetivo maior de analisar os níveis de compreensão leitora de alunos do 3º ano do ensino médio da rede estadual do Ceará e de identificar em qual nível ou níveis eles estão de acordo com a taxonomia de Barret (1968) apresentada no item que trata dos níveis de compreensão leitora no capítulo anterior.

Acreditamos que é necessário, em primeiro lugar, diante da complexidade de se definir o que é leitura, identificar o processo de leitura na perspectiva teórica, afiliando-o a um modelo, dentre tantos que existem. Essa necessidade nos apresenta, portanto, uma outra necessidade: buscar nos textos teóricos o suporte ou teoria de base para nossa pesquisa. Atualmente entendemos a leitura de acordo com a perspectiva de Kleiman (2004), segundo a qual:

A leitura como prática social é a concepção predominante hoje nos estudos de leitura. Na Linguística Aplicada, ela é subsidiada teoricamente pelos estudos do letramento. Nessa perspectiva, os usos da leitura estão ligados à situação. São determinados pelas histórias dos participantes, pelas características da instituição em que se encontram, pelo grau de formalidade ou informalidade da situação, pelo objetivo da atividade de leitura, diferindo segundo o grupo social. Tudo isso realça a diferença e a multiplicidade dos discursos que envolvem e constituem os sujeitos e que determinam esses diferentes modos de ler.

Essa concepção compreende a complexidade do ato de ler. Portanto, não se pode mais ver a leitura numa perspectiva cognitiva, mas também social, uma vez que a prática social envolve sujeitos socialmente determinados. Dentro dessa nova concepção, a pesquisa propôs responder a algumas questões em busca do objeto, descritas a seguir:

Descrever as estratégias de leitura, procurando identificar um modelo de leitura que envolva todas as ações praticadas dentro do processo de leitura.

Descrever os níveis de compreensão leitora de acordo com uma taxonomia adotada, que permita aplicação em um exame procedido em sala de aula de língua materna.

Descrever e analisar os níveis de compreensão leitora de alunos do 3º ano do ensino médio da rede estadual do Ceará, através de dados coletados em

exames a serem realizados em sala de aula de língua materna, o que constituirá o *corpus* da pesquisa.

4.3 Hipóteses

Este trabalho tem por hipótese principal a existência de diferentes níveis de compreensão leitora, sendo uns mais superficiais e outros mais profundos, como explicitado abaixo. É importante ressaltar que os níveis partem da decodificação, chegando aos mais complexos que envolvem posicionamentos afetivos, como é colocado na taxonomia de Barret (1968) usada na análise do *corpus*.

Entendemos como níveis diferenciados em superficialidade os mais básicos como o de decodificação, no qual não é preciso realizar nenhum tipo de inferência ou processo mais complexo, requerendo apenas o conhecimento do código linguístico para sua realização. Em outro nível de complexidade está, por exemplo, o nível inferencial, o qual tem como requisito a realização de uma inferência por parte do aluno. Isso significa ser necessário que o aluno insira uma informação semântica nova, a partir de informação semântica prévia no texto, de acordo com Rickheit; Schnotz e Strohner (1985). Um aprofundamento do nível inferencial seria o nível crítico de compreensão, nele é necessário que o informante realize um juízo de valor, o que se configura como um julgamento, no qual o caráter de subjetividade é colocado mais em evidência do que em níveis mais básicos.

Supomos que, ao conhecer o nível de compreensão leitora do seu aluno, o professor poderá utilizar estratégias didáticas mais adequadas, mudando, dessa forma, o nível em que o aluno se encontra. Essa hipótese é importante para esta pesquisa, pois a constituição do *corpus* é feita através de dois textos e respectivos exercícios, já que tentaremos não só identificar os níveis de compreensão em cada tarefa de leitura, mas também comparar os níveis nos dois momentos do exercício, no primeiro e no segundo questionário.

Ao assumirmos o pressuposto de que a leitura é um processo ativo que envolve o uso de inferências, de adivinhações e de esquemas mentais compartilhados socialmente, acreditamos que o aluno aumenta o nível de compreensão leitora ao ler de maneira completa, realizando todas as tarefas cognitivas pertinentes à atividade de leitura com sucesso.

O nosso trabalho, no entanto, busca analisar as hipóteses tendo como sujeitos um grupo específico, alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola pública da rede estadual do Ceará. Espera-se que os informantes possam responder adequadamente o exercício, realizando inferências sobre o texto com base em seus conhecimentos, os quais não trazem como tema assuntos que estejam fora do universo cultural dos alunos. Temos alguns parâmetros para a correção do exercício, no que diz respeito a essas inferências. O pesquisador não levará em consideração se a resposta está correta, mas se a questão foi respondida a partir de inferências, mesmo que seja uma resposta diferente a que o pesquisador formulou.

Espera-se, ainda, que o informante possa analisar o texto e, nas questões que buscam evidências de um nível crítico de compreensão, possam emitir juízos a respeito do assunto em questão, a exemplo do que Alliende e Condemarín (2005) estabelecem para esse nível, que são os juízos de dois tipos, um de realidade ou fantasia e também um juízo de valor, ou seja, informar se o acontecido é verdadeiro, se é real etc.

4.4 Descrição dos Procedimentos da Pesquisa

A pesquisa objeto deste trabalho constituiu-se seguindo várias etapas. Desde a formulação das hipóteses prévias e constituição das categorias de análises até a avaliação e análise do *corpus*, bem como verificação dos resultados obtidos, muitas etapas são cumpridas.

Conforme dito anteriormente, o primeiro ponto é a formulação de um problema ou problemas que serão estudados. Nessa etapa da pesquisa, assim como na formulação das hipóteses, o que se está fazendo é a constituição do objeto e, nesse nível, muito do trabalho ainda se encontra na mente do pesquisador. Há, contudo, etapas práticas que se seguem a essas de natureza mentalista e empírica, as quais veremos a seguir:

A constituição do instrumento de pesquisa, com base no objeto estabelecido e em consonância com o referencial teórico adotado tornou-se uma importante etapa neste trabalho, pois é preciso estar em total acordo com os pressupostos adotados.

Após essa etapa, segue-se a aplicação da pesquisa. A escola é o ambiente de leitura por excelência e, por isso, é o cenário mais adequado para avaliar a compreensão leitora. Optamos por uma escola da rede pública estadual, especificamente no interior do estado, em virtude de termos identificado carências de pesquisas, visto que, grande parte dos pesquisadores trabalha na capital.

Escolhida a escola, a etapa seguinte seria escolher a turma e dialogar com a professora, a fim de verificar se ela aceitaria fazer parte da nossa pesquisa. Essa abordagem é, por vezes, delicada já que os professores se sentem também avaliados. Ao contrário do que pensávamos, a professora se dispôs totalmente a colaborar com o trabalho, ressaltando que já havia feito pesquisa em salas de aula e sabia o quanto isso era necessário. Juntamente com ela, passamos a escolher a turma. No primeiro momento, o pesquisador afirmou à professora que não desejava uma turma de desempenho excepcional nem tampouco uma turma de desempenho irregular. O critério de escolha da turma era o de apresentar aos olhos da professora uma maior homogeneidade no que diz respeito às notas de desempenho escolar.

Após a escolha da turma passamos à aplicação do instrumento. Utilizamos um dia para cada aplicação conforme nos foi cedido. Tudo transcorreu normalmente.

Constituído o *corpus*, a última etapa da pesquisa é a análise dos dados, a fim de se chegar a um resultado.

4.5 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos participantes da pesquisa foram 30 alunos da Escola de Ensino Fundamental e Médio Assis Bezerra, localizada no município de Quixeramobim. Acreditamos que a escola e o professor devem ser caracterizados no intuito de apreendermos o objeto da forma mais adequada. Para uma melhor compreensão dos sujeitos envolvidos na pesquisa, resolvemos agrupá-los em três, a escola, a professora e os alunos, dos quais serão apontados cada perfil individualmente.

4.5.1 A escola

A escola pública do interior do Estado possui um perfil um pouco diferente da escola da capital, visto que, em muitos municípios, não há escola particular, restando como opção apenas a pública.

Acreditamos que a escola pública tem a necessidade de receber em suas dependências pesquisadores acadêmicos, contribuindo dessa forma para o avanço nas pesquisas. Contudo a relação com a escola deve prever também que o pesquisador possa contribuir verdadeiramente com estabelecimento de ensino, propondo soluções para os reais problemas da educação. O foco desta pesquisa não é a aula de leitura em si, mas também a compreensão do aluno, ou seja, não está focada no professor, mas nos alunos.

A pesquisa que realizamos não pode ser totalmente compreendida sem que exponhamos algumas informações relevantes sobre a citada escola. O objetivo dessa contextualização é trazer algumas considerações. As informações que apresentaremos a seguir estão disponíveis para toda a comunidade e expostas em um mural da gestão situado na entrada da escola conforme encontramos normalmente em todas as escolas da rede pública estadual. É preciso deixar claro que o motivo pelo qual foi escolhida uma escola pública da rede estadual foi devido acreditarmos, por experiência própria, que tais escolas são mais carentes de professores, de pesquisadores e de projetos que possam contribuir para a melhoria da qualidade de ensino. O diagnóstico adequado da compreensão leitora em alunos de escolas públicas pode nos proporcionar subsídios para a elaboração de planos de trabalho com vistas a mudar o nível de compreensão dos alunos.

A Escola de Ensino Fundamental e Médio Assis Bezerra, está situada à rua Cel. Francisco Ivo nº. 60, no bairro Centro, na cidade de Quixeramobim, a qual faz parte do Centro Regional de Desenvolvimento da Educação nº 12 (CREDE 12). Possui dois anexos: a Escola de Ensino Fundamental Benigno Bezerra e a Escola de Ensino Fundamental Dr. Adolfo Siqueira Cavalcante. Tem como missão, de acordo com o quadro que serviu com fonte de informações:

Contribuir para a melhoria do processo ensino-aprendizagem, numa gestão democrática, onde o aluno possa conceber e construir o conhecimento a partir de uma visão de mundo reflexiva e crítica, possibilitando, assim, seu sucesso na vida pessoal e profissional. (Mural da escola).

No ano de 2008, conta com um total de 775 alunos matriculados, dentre eles, 236 estão no ensino fundamental e 539 no ensino médio. Esse total de alunos está distribuído em 21 turmas, dentre as quais, 10 pela manhã, 08 à tarde e 03 à noite. Contudo, a Escola de Ensino Fundamental e Médio Assis Bezerra dispõe de turmas da 8ª e 9ª séries do fundamental e 1º, 2º e 3º anos do ensino médio. Para atender todas essas turmas, possui um quadro de 16 professores em sala de aula, sendo 07 mulheres e 09 homens.

A estrutura da unidade de ensino é satisfatória, contando com 12 salas de aula, laboratório de ciências, laboratório de informática, biblioteca e centro de multimeios, além de quadra de esportes e ampla área de convivência. A estrutura física da escola segue um padrão arquitetônico amplamente utilizado nos prédios da Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Na biblioteca, está situada uma espaçosa sala de leitura, local que pode ser frequentado livremente pelos alunos e, de acordo com a funcionária encarregada, é realmente utilizada por diversos alunos da escola. Como podemos observar, é uma escola que dispõe de toda a estrutura para atender à comunidade.

4.5.2 Perfil da professora

A professora, em cujas aulas obtivemos a constituição do *corpus*, foi bastante acessível ao nosso trabalho, mostrando-se interessada em prestar o máximo de informações para contribuir na pesquisa. Ela é natural e residente na cidade de Quixadá, onde fez toda sua formação acadêmica em Letras, na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), instituição de ensino pertencente à Universidade Estadual do Ceará (UECE), tendo concluído sua graduação no ano de 2001.

Prestou concurso para professora substituta da Secretaria de Educação do Estado do Ceará no ano de 2003 e foi efetivada como professora da

rede estadual de ensino a partir de 2007. Trabalha exclusivamente na Escola de Ensino Fundamental e Médio Assis Bezerra desde 2006, nos três turnos do ensino médio.

É interessante observar que a docente possui pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa. Queríamos saber se possuía concepções mais tradicionais ou concepções mais próximas da Linguística. A professora nos informou que tem um bom conhecimento a respeito das noções veiculadas pela Linguística, a exemplo das noções de variação, de texto, de linguagem, de língua, de análise linguística etc. Essas informações nos foram repassadas através de uma conversa prévia com ela. O pesquisador perguntou, em determinado momento, que contribuições dessas teorias se refletiam em sua aula de leitura. A docente afirmou que procura trazer os alunos à participação e que os sentidos veiculados nos textos são explorados por todos e construídos coletivamente.

Outro aspecto ressaltado é a procura constante de contribuições de textos externos, ou seja, quando um assunto tem potencial para ser trabalhado através de textos complementares, ela o faz e isso, segundo a docente, contribui bastante para a formação do conhecimento geral dos alunos, pois enriquece os conteúdos. A aula de leitura em si, além de dinâmica, traz aos alunos a possibilidade de exercitar a leitura tanto silenciosa quanto em voz alta. Os textos e conteúdos não são trabalhados em apenas uma aula, normalmente se ultrapassa o limite e o trabalho segue na semana seguinte.

4.5.3 Perfil dos alunos

A turma de alunos pesquisada possui um total de 30 sujeitos, sendo composta por 18 do sexo feminino e 12 do sexo masculino. São alunos do 3º ano do ensino médio, ou seja, concludentes do nível médio. Apenas 25 deles participaram da pesquisa, uma vez que o restante havia faltado à aula no dia da aplicação.

Os informantes envolvidos na pesquisa vêm de classe social desfavorecida e muitos são filhos de agricultores e pecuaristas do município ou de funcionários de fábricas da região. Uma parte dos informantes, a qual não sabemos

precisar a quantidade, vêm em carros “de horário”, conhecidos por “pau-de-arara”, veículos adaptados que servem para condução de pessoas dos distritos para a sede do município. Normalmente chegam com algum atraso em função da dificuldade das estradas quebradas. Podem sair mais cedo também, visto que os carros têm horário para sair.

Os alunos que participaram da atividade, todos de uma mesma turma, foram escolhidos pela professora em função de a turma, como um todo, possuir um bom desempenho na disciplina de Língua Portuguesa. Esse foi um motivo particular da professora, a qual os disponibilizou para a atividade seguindo este critério particular. No entanto, o pesquisador deixou claro para a professora da turma que não se desejava para esta investigação uma turma de desempenho excepcional, muito menos uma turma de desempenho abaixo da média, mas sim uma turma com desempenho médio, o mais próximo possível do padrão de normalidade.

Não se desejava uma turma com muitos reprovados, mas dentro da idade escolar correta, correspondente à idade prevista pela regulamentação, ou seja, com idade média de 17 anos. Em relação ao sexo, não identificamos quantitativo de informantes do sexo masculino e do sexo feminino, visto que não fazia parte dos objetivos do trabalho. Em relação à turma, não desejamos aprofundar os perfis dos sujeitos, tampouco relacionar características individuais e coletivas, pois não é objetivo desta pesquisa relacionar os fatores de compreensão a aspectos sociais da turma, uma vez que o controle dessas variáveis direcionaria o trabalho para outros objetivos.

4.6 Constituição do Instrumento de Pesquisa

O instrumento de pesquisa elaborado pelo pesquisador consta de dois textos e oito questões de compreensão para cada texto. O primeiro texto do instrumento é um texto narrativo, de autoria de Rachel de Queiroz. A escolha deve-se à taxonomia de Barret (1968), embora seja aplicada a outros tipos textuais, foi elaborada para uma classificação de compreensão especialmente em textos narrativos. Outro motivo foi a autora, nascida em Fortaleza no Ceará, mas com raízes familiares profundas em Quixadá, na mesma região onde se situa a escola,

precisamente no município vizinho de Quixeramobim. O texto trata de uma situação comum para a cultura regional, retratando a história de um caçador que inicia seu filho na sua atividade. Ao se depararem com uma onça, o pai força o filho a ficar preso com o animal em um toca, de onde apenas um sairia vivo. O poder do pai sobre ele é, então, questionado no texto. E essa é uma realidade para os jovens, os quais normalmente se vêem ainda submetidos a um regime patriarcal intenso. O texto “História para o Flávio” representa a possibilidade dos alunos opinarem sobre temas caros às suas vidas tais como cultura, família, distribuição de renda, desenvolvimento, entre outros.

Para a construção das questões, recorreremos às dimensões cognoscitivas e afetivas da compreensão leitora, através de uma síntese e adaptação formulada por Alliende e Condemarín (2005). Segundo Alliende e Condemarín (2005, p. 148), a compreensão inferencial “requer que o estudante use as idéias e informações explicitamente colocadas no texto, sua intuição e experiência pessoal como base para conjeturas e hipóteses”. Nessa sentença, os autores apresentam os pressupostos para a formulação de um pensamento fundamentado em inferências, detalhando a seguir que elas podem ser convergentes ou divergentes, não nos interessando essa diferenciação. Ressaltam ainda os autores que os estudantes podem ou não ser chamados para verbalizar a base racional de suas inferências.

Uma boa predição pode estimular a realização de inferências, assim como qualquer procedimento por parte do professor que tenha por objetivo aumentar o conhecimento de mundo do aluno, facilitando a formulação de hipóteses e de associações que constituirão a teia de significações que construirá o sentido do texto.

No que diz respeito à formulação de pensamento inferencial, poderão ser questionados detalhes que o autor poderia ter incluído no texto para torná-lo mais informativo, mais interessante ou atrativo. Pode-se questionar também qual a ideia principal, significado geral, tema ou conclusão moral não expressos no texto. Pode-se questionar ainda, a ordem das ações no texto caso não esteja clara. O aluno poderá ser estimulado a levantar hipóteses sobre as motivações dos personagens e suas interações com o tempo e lugar. Ou, ainda, apontar características dos personagens.

Ao formular as questões do instrumento, essas informações foram levadas em consideração. A primeira questão “De acordo com o texto, aponte traços

da personalidade de mestre Luiz” é um exemplo de uma abordagem de traços e características dos personagens. Pretendíamos, com a formulação dessa questão, identificar se o aluno conseguiu captar informações sobre o personagem não reveladas diretamente pelo autor.

Na questão seguinte:

Considere as seguintes inferências sobre o texto em estudo:

As informações dadas sobre o personagem Luiz Gonçalves, aproximam-no de uma tipificação da figura do caçador impiedoso e desapegado.

O pai estava preocupado com o futuro do filho, por isso decidira ensiná-lo um ofício.

O texto reforça a característica de certas relações familiares permeadas por autoritarismos.

Está correto somente o que se afirma em:

I

III

II e III

II

I, II, III

A formulação dessa questão apresenta inferências que deverão ser ou não confirmadas pelos alunos. Buscamos com isso verificar se o aluno apresenta consonância com algumas inferências formuladas pelo pesquisador. Assim como essas, as questões que seguem também exploram a formulação de pensamentos conclusivos não expressos diretamente pelo autor do texto, exceto as questões cinco e oito da atividade abaixo, após o texto “História para o Flávio”, as quais procuram extrair do aluno um juízo de realidade ou fantasia ou um juízo de valor, formulações que evidenciam uma leitura crítica do texto estudado.

1º Texto do instrumento

História para o Flávio

Morava na serra do Estevão um velho por nome Luiz Gonçalves, caçador e famoso matador de onças. Fazendo as contas, dizia que só de onça tigre já matara onze, das pixunas vinte e seis das pintadas quarenta; maçaroca, suçuarana, onça-vermelha nem contava – para ele já nem era onça, era gato. (...)

Mestre Luiz queria bem a duas coisas no mundo: à sua espingarda lazarina, que nunca lhe fizera uma vergonha, e o seu filho Luizinho, agora com quinze anos, e que o pai andava ensinando nas artes de caçador. (...)

Ora, um dia mestre Luiz recebeu recado do coronel Zé Marinho do Barro Vermelho para que fosse matar uma pintada que lhe andava comendo os carneiros e até mesmo se atrevera a sangrar um bezerro no pátio da fazenda. (...) assim que a noite fechou ele amarrou um cabrito mesmo no pé do serrote onde maldava mais que a pintada morasse, e ficou na espera junto com o Luizinho e o cachorro onteiro.

(...) até que, com uma hora de escalar serrote, deu de repente com a entrada da furna.

O cachorro pôs-se a gemer, ansioso, e lá de dentro o esturro da bicha acuada foi respondendo. Mestre Luiz pegou à forquilha, o chuço, a faca. Mas quando se voltou para chamar o Luizinho, viu que o menino apavorado se encolhia num desvão de pedra, amarelo de medo.

Ai deu no velho uma raiva danada e ele resolveu ensinar o filho de uma vez por todas. Chamou de manso:

- Vem cá Luiz, não tem medo, quem vai matar a onça sou eu.

Depois de muito rogo o menino se chegou, tremendo. O velho de sopetão jogou as armas na boca da furna, e com um pescoção empurrou para dentro o Luizinho. Pegou um pedaço de laje, tapou a entrada da lapa, e gritou para o rapaz:

Filho meu não tem medo de onça, seu mal-ensinado! Vou voltar para minha rede na espera, e não me apareça de volta sem levar o couro da pintada!

Realmente, ao raiar do dia Luizinho apareceu. No ombro trazia as armas, no chão arrastava o couro da onça. Tinha a cara tão lanhada das unhas da fera que quase não se lhe via a feição. A roupa virada molambo, o chapéu se perdera.

Quando ele viu o pai, foi levantando a mão para tomar a benção. Mas no se arrependeu.

- A benção não senhor, que eu nunca mais lhe tomo a benção. Benção se toma a pai, e quem tranca o filho numa furna com uma onça não é pai, é carrasco! Taí o couro da pintada. E o senhor arranje outro, porque nunca mais me verá.

Dito isso rebolou o couro nos pés do velho, deu meia volta e saiu correndo, sem nem ao menos olhar para trás. (...)

ATIVIDADES DE COMPREENSÃO

Faça o que se pede:

De acordo com o texto, aponte traços da personalidade de mestre Luiz.

Considere as seguintes inferências sobre o texto em estudo:

As informações dadas sobre o personagem Luiz Gonçalves, aproximam-no de uma tipificação da figura do caçador impiedoso e desapegado.

O pai estava preocupado com o futuro do filho, por isso decidiu ensinar-lhe um ofício.

O texto reforça a característica de certas relações familiares permeadas por autoritarismos.

Está correto somente o que se afirma em:

I

III

II e III

II

I, II, III

Com relação ao comportamento do personagem Luizinho, é correto inferir que:

Luizinho era bravo e destemido.
Admirava a profissão de seu pai.
Ansiava por corresponder às expectativas do pai.
Agira, diante do perigo, com instinto de sobrevivência.
Alegrava-se em acompanhar o pai nas caçadas.

Podemos afirmar que Luizinho correspondeu às expectativas do pai? Por quê?

O velho Luiz Gonçalves e seu filho Luizinho compartilham da mesma visão sobre ser pai? Justifique.

Que conclusões você pode tirar sobre a atitude de mestre Luiz para com o seu filho Luizinho.

Você acredita que, por ter tido medo de onça, Luizinho poderia ser chamado de covarde? Explique.

Qual o comportamento que deveria ter tido o pai diante de uma situação de perigo em que estava seu filho? Justifique.

Em relação à primeira questão, espera-se que o aluno responda sobre traços da personalidade do mestre Luiz, traços esses que estão implícitos no texto, mas que podem facilmente ser inferidos a partir da história contada. Nesse contexto, acreditamos que os alunos possam apontar variados traços, uma vez que ele abre essa caracterização à compreensão do aluno. O mestre Luiz parece ser um pai autoritário, tradicional, prepotente e inconsciente com relação aos perigos que envolviam a situação a que expôs seu filho. Por outro lado, mesmo com autoritarismo, ele se preocupa, do seu jeito, com o futuro do seu filho, já que tenta forçá-lo a ser um caçador valente. Em comunidades do interior, sobretudo no passado, a valentia era uma qualidade muito bem-vinda e condição necessária para exercer o ofício de caçador. O personagem mestre Luiz reflete os conceitos de uma sociedade em que o poder patriarcal possui mais valor que a individualidade.

Acreditamos que o aluno deve responder a questão sem fugir a essa perspectiva, mesmo que não aponte todos os traços pertinentes.

A segunda questão é para marcar a alternativa correta de acordo com a compreensão que o informante teve do texto apresentado. Por ser uma questão objetiva, o pesquisador tende a avaliar somente a resposta na letra correta. No entanto, mesmo que o aluno não acerte a questão corretamente, as outras letras também apresentam inferências. Por exemplo, a resposta correta afirma serem verdadeiros todos os itens. Contudo, se o aluno marca como correta “C”, a qual afirma serem verdadeiros apenas os itens II e III, o pesquisador poderá constatar o grau de inferências, ou seja, se o aluno fez apenas uma, duas ou todas as três, ainda que errando a questão.

Foram apontadas três inferências, das quais a primeira trata sobre traços da personalidade do caçador, caracterizando-o como um caçador impiedoso e desapegado. A segunda opção investiga a preocupação do pai com relação ao futuro do filho, já que ele foi colocado na condição de aprendiz. No terceiro item, o exercício afirma que o texto reforça a característica de certas relações familiares permeadas por autoritarismo. Todos os três itens apresentados são verdadeiros e a letra correta é a letra “e”.

A terceira questão também é objetiva. Diferencia-se da anterior por apresentar cinco inferências das quais apenas uma está correta. A resposta que se espera do aluno é a letra “d”, ou seja, a que afirma que Luizinho agira, diante do perigo, com instinto de sobrevivência. Os demais itens representam inferências que não possuem vínculo com o texto. Com relação ao item “a”, não podemos afirmar se Luizinho era bravo e destemido, por exemplo. Também não era covarde, já que a situação a que fora exposta era de perigo. Em momento algum do texto podemos afirmar se ele admirava a profissão do pai, ou se ansiava por corresponder às suas expectativas ou mesmo se se alegrava em acompanhar o pai em suas caçadas.

Na quarta questão, espera-se que o informante responda que o Luizinho não tenha correspondido às expectativas do pai, mesmo tendo matado a onça, uma vez que o pai esperava que o filho tivesse sido mais valente e fosse enfrentar a onça sem ficar com medo. Naturalmente, nessa questão, o aluno poderá ter outra opinião, a de que o pai teria ficado satisfeito pelo resultado do embate entre seu filho e a onça, visto que, ao final, levantou a mão para abençoar Luizinho. Essa resposta, no entanto, deverá ser justificada de acordo com o texto.

Na questão seguinte, foi perguntado se pai e filho compartilham da mesma opinião sobre ser pai e se solicita uma justificativa. Embora pareça óbvio que a opinião de um e de outro sejam diferentes, até porque esse é o conflito da narrativa, isso não vem expresso tão claramente no texto, devendo o informante deduzir das palavras finais do Luizinho. O que se espera como resposta a essa questão é que responda “não”, diante do conflito que se coloca na narrativa. Essa questão explora o nível crítico e também inferencial de compreensão.

Na sexta questão, por sua vez, a resposta que se deseja obter é individual. Pode-se encontrar opiniões a favor do mestre Luiz ou a favor do Luizinho. Essa questão explora o nível crítico de compreensão leitora, já que envolve um julgamento individual. Apesar de flexível, a resposta deverá ter fundamentação, pois a simples resposta de “concordo” ou “não concordo” não é suficiente para se analisar o juízo que o informante fez da atitude em questão.

Na próxima questão do instrumento, pede-se que o aluno emita uma opinião concordando ou não com a atitude do pai, o qual condenava o medo de Luizinho, acreditando que ele seria um covarde. Espera-se que o aluno formule um juízo individual da atitude do filho agora, e não do pai. Novamente se espera que haja uma justificativa, explicação da resposta, com o objetivo de se analisar o nível de compreensão crítica do aluno.

Por fim, na oitava questão, o informante é levado a julgar o comportamento do pai diante da situação de perigo a que seu filho estava exposto, justificando posteriormente a resposta. Espera-se que o informante sugira outro comportamento do pai em relação à situação exposta. No entanto, uma resposta em que o comportamento do filho seja condenado e o comportamento do mestre Luiz seja aprovado também é possível, visto que ainda existe um certo tradicionalismo na cultura local. Seja uma ou outra, a justificativa da resposta também deve ser analisada.

Com relação ao segundo texto, ele foi escolhido por ser argumentativo, o que pode incentivar o nível crítico de compreensão. O tema é a prostituição infantil e abuso a menores. Acreditamos ser um tema geral, mas que está dentro da realidade dos alunos também, uma vez que se trata de um problema de dimensão nacional e que tem sido alvo de inúmeras reportagens na imprensa em geral e objeto de uma recente e bastante divulgada Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). É preciso deixar claro que tipos e gêneros não foram fatores decisivos para a escolha dos

textos que compõem o instrumento de pesquisa, exceto com relação ao texto narrativo, uma vez que está diretamente relacionado com o método de avaliação de compreensão leitora adotado, embora ele possa ser aplicado a outros tipos de texto.

Com relação às questões de compreensão formuladas para o segundo texto, da mesma forma, foram utilizadas como referencial para a formulação das questões a síntese e adaptação das dimensões cognitivas e afetivas da compreensão leitora proposta por Barret (1968). O segundo texto, por ser argumentativo facilita uma leitura crítica, inclusive por tratar-se de um assunto em evidência. No entanto, questões sobre inferências também foram formuladas a exemplo da 1º, 2º, 6º e 7º questões. Vale ressaltar que algumas questões, tais como as que foram mencionadas anteriormente, permitem também uma leitura crítica, além da construção de inferências.

2º Texto do instrumento

EDITORIAL

"Enxugamento de Gelo"

É a impunidade nessa área, a omissão e a corrupção que alimentam a prostituição infantil, a pedofilia e o pornoturismo. Sem uma ação decidida para proteger esses seres indefesos e vulneráveis, a partir da preservação do próprio ambiente familiar, a política aplicada a esse segmento continuará a ser um eterno "enxugamento de gelo".

18/05/2007 01:00

Hoje é o Dia Nacional de Combate à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes e em todo o País estão sendo realizadas programações com o objetivo de sensibilizar a sociedade e as autoridades para uma das chagas mais vergonhosas da realidade social brasileira. É verdade que o fenômeno é mundial, mas o Brasil aparece como um dos países de maior incidência do problema.

A data nacional foi instituída em 2000, através de lei federal, tendo como referencial o 18 de maio de 1973, quando ocorreu um dos mais brutais crimes sexuais já perpetrados em território brasileiro, quando foi vitimada uma menina de

apenas oito anos de idade, Araceli, raptada, drogada, estuprada, morta e carbonizada por jovens de classe média, em Vitória, Espírito Santo. Apesar de sua hediondez, o crime terminou prescrito, resultando numa impunidade clamorosa.

De lá para cá, o agravamento das condições sociais do País ampliaram a base para que a exploração sexual de crianças e adolescentes se intensificasse, no rastro da desagregação dos núcleos familiares, o aumento da pobreza e a articulação do crime organizado, em nível nacional e internacional.

A revolução tecnológica dos meios de comunicação, sobretudo a Internet, trouxe um adendo mais agravante: a extensão em termos planetários das redes de pedofilia, com o fito de alimentar a indústria pornográfica. A pedofilia tornou-se uma verdadeira epidemia mundial, envolvendo vítimas extremamente vulneráveis, pois os seus algozes são difíceis de serem contidos, visto que os ataques ocorrem em grande parte no próprio recesso do lar, ou através de pessoas insuspeitas que formam o círculo mais próximo das vítimas: familiares, educadores, médicos, religiosos.

No Brasil, porém, o principal agente desagregador é a prostituição infanto-juvenil, uma realidade onipresente em todo o território nacional. Uma de suas principais fontes alimentadoras é o turismo sexual, fenômeno de grande incidência nas áreas menos desenvolvidas do País, sobretudo o Nordeste. Suas conseqüências têm sido rastreadas por CPIs (comissões parlamentares de inquérito) em diversos níveis - municipal, estadual e federal. Infelizmente, apesar de o material recolhido ser bastante substancial e ser suficiente para permitir uma ação eficaz contra os agentes criminosos, a impunidade continua sendo a marca maior nessa área.

Evidentemente, políticas públicas destinadas a combater esse mal têm de se fundamentar, antes de tudo, na prevenção. Isso implica em criar uma rede de proteção em torno das crianças e adolescentes, pondo-os a salvo dos tentáculos criminosos. A ação deve começar pela proteção do próprio núcleo familiar. A família é a condição mais importante para que a criança e o adolescente recebam os elementos básicos para sua formação moral, afetiva e disciplinar. É ali que se aprende a solidariedade, o respeito mútuo, a consideração pelo próximo, assim como a responsabilidade pelo destino comum. Para isso é preciso que a família seja provida das condições de dignidade mínima: emprego, moradia, saúde e educação. Cabe ao poder público, dar suporte às carências dos núcleos familiares mais frágeis

para que não se desintegram por força de pressões externas superiores às suas forças. Esse é o papel do Estado, aliás, bastante explicitado pela própria Constituição Federal.

Ao lado disso, as ações voltadas para a repressão das redes criminosas que aliciam crianças e adolescentes para seus fins malfazejos. É a impunidade nessa área, a omissão e a corrupção que alimentam a prostituição infantil, a pedofilia e o pornoturismo. Sem uma ação decidida para proteger esses seres indefesos e vulneráveis, a partir da preservação do próprio ambiente familiar, a política aplicada a esse segmento continuará a ser um eterno "enxugamento de gelo."

ATIVIDADES DE COMPREENSÃO

Faça o que se pede:

Na linha 02, a quem caberia "uma ação decidida" no que diz respeito ao tema em questão? Por quê?

Você acha que as autoridades estão trabalhando para resolver o problema da exploração sexual de crianças e adolescentes? Justifique.

Segundo o texto "Enxugamento de gelo", o que deve ser feito para combater a exploração sexual infantil?

Na linha 14, o texto fala de impunidade. Qual o papel dela para o agravamento da situação de crimes contra crianças e adolescentes?

Na sua opinião, faltam políticas públicas no combate a esse tipo de crime? Justifique.

O que você entende por "agravamento das condições sociais do País"?

Segundo o texto, no Brasil, qual o principal agente desagregador da família e de que forma essa fonte se alimenta?

Na sua opinião, cidades pequenas sofrem com esse problema? Você conhece casos desse tipo de crime na sua cidade? Apresente-os.

O questionário que compõe o 2º instrumento da pesquisa é composto apenas por questões de natureza subjetiva, ou seja, questões abertas. O texto argumentativo, um editorial do jornal O Povo, facilita a exploração de um nível crítico de compreensão. Procuramos, entretanto, não deixar de lado questões que avaliassem o nível inferencial. E é justamente esse nível que é explorado na 1ª questão, a qual procura obter uma resposta não explícita no texto. Espera-se que o aluno responda que a ação decidida deve ser promovida por órgãos governamentais ou poder público de uma maneira geral. Órgãos mais específicos, tipo delegacia de polícia, justiça etc., também são aceitos como resposta e, qualquer que seja, deve vir acompanhada da devida justificativa.

A questão seguinte explora novamente o nível inferencial, mas também explora o nível crítico, posto que solicita uma opinião (um juízo de valor) sobre o trabalho das autoridades que não está diretamente expressa no texto, visto que a opinião é individual. O informante poderá também responder de acordo com o seu próprio juízo, já que o tema em questão, exploração sexual de crianças e adolescentes, é bastante frequente na mídia televisiva.

A questão de número 3 (três) aborda a opinião do aluno, com base no texto, sobre o que deve ser feito para combater a exploração sexual infantil. Espera-se como resposta, por exemplo, aumento das políticas públicas, criação de uma rede de proteção em torno das crianças e adolescentes, aumento da prevenção, proteção do núcleo familiar, aumento do emprego, moradia, saúde e educação, além de ações voltadas para a repressão das redes criminosas que aliciam crianças e adolescentes etc. O texto nos conduz a pensar em inúmeras possibilidades de combate a esse mal que assola nossas crianças e cabe ao informante fornecer uma resposta mais direta.

O nível inferencial é novamente explorado na questão de número 4 (quatro), pois exige uma resposta que não está expressa diretamente. O informante deve responder ressaltando a relação entre impunidade e cometimento de crimes, o que não é novo na realidade em que vivemos. A resposta a essa questão é bastante

subjetiva. Só não serão levadas em consideração respostas que afirmem que impunidade nada tem a ver com criminalidade, porque já é ponto passivo no senso comum que há uma relação direta de causalidade entre esses fatores.

O nível crítico de compreensão leitora está sendo exigido na questão 5 (cinco) do instrumento, uma vez que requer a opinião do informante a respeito das políticas públicas no combate à exploração sexual infantil. Espera-se que o aluno emita um juízo e justifique sua resposta. A correção do exercício levará em consideração que as respostas são subjetivas, mas, deve-se ressaltar que o Estado, governo etc., possui grande responsabilidade em promover políticas públicas com o objetivo de combater esse tipo de crime.

A questão seguinte busca verificar se o aluno fez inferências sobre o agravamento das condições sociais do País. Consideraremos como corretas respostas que tragam a problemática da desigualdade social, da má distribuição de renda ou algo do gênero.

Na questão 7 (sete), a resposta será a que considerar a prostituição infanto-juvenil o principal agente desagregador da família. Isso é expresso diretamente no texto, ficando bastante claro, mesmo porque a expressão “principal agente desagregador” aparece no texto ligado à palavra “família”.

Por fim, a última questão solicita uma opinião individual do informante em relação a casos de crimes dessa natureza que tenham acontecido em cidades pequenas, tais como a cidade em que vivem. Um juízo de valor poderá ser emitido pelo aluno nesse momento do exercício. Esperamos uma resposta afirmativa, mesmo porque o texto afirma que essa é uma realidade onipresente no território nacional.

4.7 Aplicação do Instrumento

A aplicação do instrumento de pesquisa foi realizada na sala de aula de Língua Portuguesa de uma escola pública de rede estadual do Ceará, localizada no município de Quixeramobim, tendo sido realizada no dia 19 de novembro de 2008, quarta-feira, no horário de 07h30 a 09h30, momento em que os alunos entram em intervalo na escola.

É preciso ressaltar que estivemos na escola previamente, momento em que propusemos realizar a pesquisa naquele centro de ensino. Na ocasião, conversamos com a Diretora e com a professora de Língua Portuguesa, a qual nos perguntou a turma que desejávamos, em termos de rendimento na disciplina, ou seja, se preferiríamos uma turma com rendimento maior ou com rendimento médio a fraco, ao que foi respondido que desejávamos uma turma com rendimento normal, ou seja, considerado por elas como normal.

Após o contato inicial com a escola, dirigimos-nos à sala de aula para aplicação do instrumento. Chegamos à escola às 07h00 e fomos para a sala de aula. A professora já nos aguardava. Os alunos foram chegando gradualmente. Ao iniciarmos os trabalhos, apenas 25 estavam em sala. O pesquisador, inicialmente, fez breves considerações sobre o trabalho, orientando os informantes sobre o que deveria ser feito, assim como, sobre o texto e os exercícios. Em seguida, dois alunos questionaram sobre o tempo para fazer os exercícios e se poderiam fazer em grupo. A resposta foi negativa. Ao término dessas breves considerações, foi dado início à leitura silenciosa do primeiro texto e, em seguida, os informantes responderam os questionários.

O segundo texto foi lido silenciosamente. Os informantes responderam as questões na sequência da leitura. Vale ressaltar que, durante todo o trabalho, surgiram dúvidas em relação às questões, o que era de imediato respondido pelo pesquisador. Uma questão que foi levantada pelos informantes com relação ao item c da segunda questão do primeiro questionário, a qual apresenta a opção II e II, quando deveria ser II e III. Foi corrigido em sala e, ainda assim, alguns informantes corrigiram no próprio instrumento.

O tempo total de atividade foi de aproximadamente 02 horas, ou seja, terminou por volta de 09h30. Houve bastante concentração na atividade realizada.

CAPÍTULO 5: ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS

5.1 Introdução

O corpus desta pesquisa é composto pelos questionários respondidos por 25 alunos do terceiro ano do ensino médio. Cada aluno, a quem chamamos também de informantes, respondeu dois questionários referentes a cada um dos textos, compostos com 08 (oito) questões cada. Os informantes nº 05 e 13 não responderam o segundo questionário do instrumento.

A nossa análise verificará quais as questões foram respondidas adequadamente e em quais questões o aluno inferenciou e em quais alcançou o nível de compreensão crítico. Uma análise inicial do *corpus* nos demonstra que, entre as questões formuladas pelo pesquisador e respondidas pelo informante, não houve um número significativo de respostas em branco por parte dos alunos. Isso nos evidencia que, aparentemente, os alunos conseguiram responder com certa facilidade. Outro indício de que possa não ter havido dificuldade nas respostas é o fato de que, durante a aplicação dos testes, os alunos estiveram concentrados na atividade, tendo levado cerca de 02h00 para realizar todo o exercício.

A análise de cada instrumento será, em um primeiro momento, qualitativa. Em seguida, daremos um tratamento estatístico aos dados coletados através da exposição dos resultados em gráficos, para clarearmos as informações resultantes da pesquisa.

5.2. Análise do *Corpus*

Passamos agora à análise qualitativa de cada um dos questionários respondidos pelo informantes que participaram da pesquisa realizada em sala de aula. Neste momento, analisaremos cada resposta apresentada pelos informantes, da forma como está nos instrumentos e, em seguida, apresentaremos para cada informante o resumo dos níveis de compreensão leitora alcançados pelos informantes em tabelas individuais, através das quais se busca uma melhor visualização dos resultados da pesquisa.

Informante nº 01

Questionário 01

Nas atividades de compreensão do texto 01 - História para o Flávio, a primeira questão tem por objetivo identificar traços da personalidade do mestre Luiz. O aluno respondeu: “Nada o assustava e era muito carrasco”. Embora o personagem apresente mais traços, essas são características que se alinham com a narrativa, levando em consideração que nada o assustava pode ser interpretado como valente. Com relação à segunda questão (ver item 4.6), o aluno respondeu que apenas a terceira estava correta, ou seja, desprezou os outros itens que também estavam corretos. De qualquer modo, o aluno errou a questão, mas pelo menos uma das inferências se coadunou com o texto. Na questão seguinte, o aluno respondeu letra “d”, informando que o personagem Luizinho agira, diante do perigo, com instinto de sobrevivência. A resposta dada pelo aluno também está correta.

As cinco questões seguintes são todas subjetivas. Na questão 04, o aluno afirma: “Não.” e justifica afirmando que Luizinho não reagiu como seu pai pensava que ele reagiria. A resposta dada pelo aluno também está correta, tendo em vista que foi preciso o pai empurrar o filho para dentro da fumaça da onça, em uma situação que fugia ao que pretendia o pai. A pergunta seguinte questionava sobre a visão da paternidade do ponto de vista do personagem pai e do personagem filho, pedia ao aluno para identificar se ambos compartilham a mesma visão e para justificar. A resposta foi negativa, por que Luiz Gonçalves tinha uma visão mais autoritária e seu filho uma outra visão: a de pai. A resposta a essa questão também nos demonstra que o aluno compreendeu o texto, tendo em vista que realmente pai e filho pensam diferente, daí o conflito da história.

A sexta questão pede que o aluno tire suas próprias conclusões sobre a atitude do personagem pai. O aluno respondeu que aquele havia sido arrogante e carrasco, não se importando com o que poderia acontecer com seu filho, resposta essa que está de acordo com a narrativa em questão. Na questão seguinte (7º), o aluno respondeu que não e explicou dizendo que ele não era experiente e sim um aprendiz. Essa resposta parece-nos correta, tendo em vista a situação retratada no texto. A última questão exige uma reconstrução da atitude do pai, fazendo com que o aluno tenha uma leitura crítica da situação. Ele respondeu que o pai deveria

compreender que seu filho era apenas um aprendiz e deveria agir como tal protegendo seu filho do perigo. A opinião do aluno nos evidencia que ele desaprovou o comportamento do personagem pai, estabelecendo um comportamento que possui como referência para o pai.

Ao lermos as respostas do informante, verificamos que o aluno possui um nível de compreensão elevado. No que diz respeito aos níveis inferencial e leitura crítica, acreditamos que esse aluno realmente os alcançou.

Questionário 02

As respostas do informante ao segundo questionário do instrumento estão adequadas aos parâmetros estabelecidos pelo pesquisador no que diz respeito às respostas corretas. À primeira questão respondeu: “Caberia aos governantes que criassem leis de proteção e punição para tal ato, porque diminuiria os altos índices de pedofilia, prostituição infantil etc”. Como podemos perceber, a resposta do aluno traz uma inferência construída a partir do texto e dos conhecimentos dos alunos.

A questão número 02 foi respondida da seguinte forma: “Sim, mas não como deveriam, pois em vez de diminuir está aumentando exageradamente.” Nessa resposta, percebemos a construção de uma reflexão crítica a respeito das ações do Poder Público com relação ao problema do abuso a menores. Entretanto, percebemos que a resposta não foi desenvolvida, ou seja, o informante poderia ter-se expressado bem mais, mesmo porque o tema é bastante polêmico.

A resposta da terceira questão está adequada e é resultado de inferência. Ei-la: “Precisa-se de mais atenção do próprio ambiente familiar, e que as autoridades tomem as devidas providências.”

A resposta da questão seguinte nos evidencia que o informante se posicionou criticamente sobre o problema da impunidade, embora pudesse compor uma resposta mais completa do que a apresentada: “Se não são punidos, irão continuar a cometerem crimes.”

A quinta questão aborda o papel das políticas públicas no combate a crimes contra a infância e adolescência. O informante respondeu: “Desenvolver projetos que ajudem de alguma forma a resolver esses problemas que até agora não tiveram efeito, pois as coisas só pioram”. Nessa resposta, percebemos que o informante realizou um julgamento a respeito da ação das políticas públicas.

A resposta da questão número 06 parece-nos uma tautologia. Aqui, consideraremos que não houve inferência, tampouco reflexão crítica: “O aumento exageradamente grande dos problemas sociais do nosso país”.

A resposta da sétima questão está correta, sendo considerada como resultado de inferências: “A prostituição infanto-juvenil, crescendo através do turismo sexual.”

Por fim, a última resposta do segundo questionário nos apresenta um juízo de verdade sobre a realidade local dos fatos em questão. O informante respondeu: “Sim, sim. O pai violentou a filha de apenas 13 anos”, o que nos leva a crer que alcançou o nível crítico de compreensão leitora.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão	X		X	
2ª Questão	X			X
3ª Questão	X		X	
4ª Questão	X			X
5ª Questão	X			X
6ª Questão	X			
7ª Questão		X	X	
8ª Questão		X		X

Quadro 1 - Níveis de Compreensão Apresentados por Questão do 1º Informante

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante nº 02

Questionário 01

O segundo informante respondeu todas as questões. Na primeira resposta à questão que busca traços da personalidade do mestre Luiz, enumerou quatro características: carrasco, corajoso, destemido e determinado. Acreditamos estar correta, visto que, entre outros traços, esses são pertinentes e corretos, o que nos indica que foi produzida inferência.

Na questão número dois, ele escolheu letra “e”, resposta correta e indica que houve inferência, assim como a de número três, a qual a resposta foi a letra “d”, também correta e nos indica que foi realizada inferência.

Na questão quatro, respondeu que não e justificou afirmando: “na hora da opção contra o animal ele se evadiu”. Contudo, apesar de Luizinho realmente não

ter correspondido às expectativas do pai, ele não se evadiu, pelo contrário, ele ficou paralisado em um canto, “amarelo de medo”. Essa resposta apresenta uma inferência incompleta, ou seja, está correta a resposta, mas não a justificativa.

A questão de número cinco, a qual investiga se o velho Luiz Gonçalves e seu filho Luizinho compartilham o mesmo nível de ser pai, o informante responde que não e está correto. A justificativa, no entanto, não nos parece adequada. Justificou afirmando: “o tipo de pai que Luizinho esperava”, o que, de fato, não se constituiu como justificativa. Essa resposta não apresenta uma inferência completa, assim como a anterior.

A sexta questão pede que o informante apresente suas conclusões sobre a atitude do pai em relação ao filho, que é, na verdade, o conflito da breve narrativa. Essa questão explora o nível de compreensão crítico, pois a resposta é um juízo de valor, um julgamento em relação aos personagens. Segundo o informante, “o pai do menino, foi muito além do normal do que o menino pretendia...”. Essa resposta, embora pudesse ser mais completa, evidencia um aluno que reflete sobre o texto e se posiciona perante os fatos, nesse caso, com a reprodução da atitude do mestre Luiz.

A questão sete explora novamente o nível crítico da compreensão leitora, o informante respondeu simplesmente: “sim”, ou seja, considera que Luizinho poderia ser chamado de covarde. A resposta pedia uma explicação e essa foi dada pelo informante afirmando que o mestre Luiz não esperava que o filho amedrontasse diante da onça. A resposta parece-nos inadequada, uma vez que os fatos mencionados no texto não nos permitem afirmar que Luizinho é covarde. Parece que o aluno respondeu de acordo com o ponto de vista do pai e não do próprio informante, o que evidencia que o informante não compreendeu a questão.

O nosso ponto de vista com relação à questão anterior pode ser confirmado pela resposta da questão de número 08, na qual é solicitada um outro julgamento por parte do informante. O aluno respondeu que o pai deveria ter respeitado a primeira atitude do filho. Comparemos essa resposta à anterior, na qual o informante afirma que o filho poderia ser chamado de covarde. É uma contradição pensar (na questão 07) que o filho pode ser chamado de covarde e (na questão 08) afirmar que o pai deveria ter respeitado a primeira atitude do filho.

De uma maneira geral, podemos afirmar que o aluno em questão alcançou os níveis de compreensão leitora, classificados como inferencial e crítico.

Com relação à sétima questão, não é possível aprofundar a investigação sobre a aparente contradição na resposta.

Questionário 02

No que diz respeito ao segundo texto, “Enxugamento de gelo”, o informante respondeu todas as questões apresentadas no instrumento de pesquisa. A questão um explora o nível inferencial de compreensão. Foi respondida corretamente pelo aluno, uma vez que respondeu que ao Estado, em primeiro lugar é a família, em segundo lugar, caberia uma ação decidida no que diz respeito ao tema da exploração sexual de crianças e adolescentes.

A resposta da questão dois evidencia um informante consciente que possui opinião própria e sabe expressá-la. Um exemplo é a afirmação de que as autoridades estão trabalhando para resolver o problema em questão, mas de forma implícita e vagarosa. Ressalta, ainda, que deveriam ser destinados mais recursos para a desarticulação para esse tipo de crime. A resposta está em acordo com o texto e é uma crítica à atuação do governo no controle a esse tipo de crime.

A questão seguinte explora uma inferência geral sobre as ações de combate ao crime. A resposta deve ser dada após uma leitura completa e não é localizada textualmente em pontos específicos. Além do nível inferencial, a terceira questão explora o nível crítico também, já que se pode emitir também um juízo a respeito dessas ações de combate a exploração sexual infantil. A resposta, com onze linhas, demonstra que houve compreensão e que o aluno fez as inferências adequadamente, uma vez que fala sobre distribuição adequada de recursos, melhorias educacionais e projetos sociais.

A quarta questão explora o nível inferencial e, mais uma vez, o informante obteve sucesso na resposta, já que afirma que a impunidade de cada caso agrava o problema, pois não há uma represália aos criminosos.

Na quinta questão, é exigida uma opinião a respeito do papel das políticas públicas no controle aos crimes em questão. O aluno respondeu que é auxiliar a sociedade com projetos sociais e que as políticas públicas não estão surtindo efeitos e que a assistência social é pouca e os crimes ficam impunes. Podemos observar que a inferência foi realizada e, além disso, há um juízo de valor, no que diz respeito a sua opinião sobre o efeito das políticas públicas, juízo esse negativo.

Na próxima questão, o pesquisador, com base no nível de compreensão inferencial, busca saber o que o informante entende sobre a expressão em questão. A resposta do aluno, apesar de afirmar algo corretamente, não responde à questão objetivamente, o que nos apresenta uma inferência não realizada.

A resposta da questão seguinte está parcialmente correta. O quesito apresenta dois questionamentos: primeiro, qual o principal agente desagregado da família e de que forma essa fonte se alimenta. A resposta correta: “prostituição”. O informante acertou. No entanto, a forma de que se alimenta é o turismo sexual, e não o acesso à internet como foi respondido.

O último quesito explora o nível crítico de compreensão, através do questionamento sobre o acontecimento dos crimes de exploração sexual infantil em cidades pequenas. A resposta foi sim. Além disso, foi perguntado se o informante conhece algum caso e pede que os apresente. A resposta obtida foi sim: o aluno presencia muitos casos em lugares que têm acesso à internet.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão	X		X	
2ª Questão	X			X
3ª Questão	X			X
4ª Questão	X		X	
5ª Questão	X			X
6ª Questão		X		
7ª Questão		X	X	
8ª Questão		X		X

Quadro 2: Questões em que o Informante Nº 02 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante nº 03

Questionário 01

O terceiro informante respondeu as questões de maneira mais objetiva, com respostas curtas. À primeira questão, que explora a inferência de personalidade, obteve a resposta que mestre Luiz era caçador e matador de onças. Ela evidencia que não houve inferência, uma vez que não foram apontados traços da personalidade do personagem. Podemos firmar que, nessa questão, ele utilizou o

que Allende e Condemarín (2005) chamaram, com base na taxonomia de Barret, de nível de codificação, já que essa informação fornecida pelo informante está explícita no texto.

Com relação à questão dois, o aluno escolheu a letra “c”, a qual está errada enquanto opção. Contudo, aponta ainda a realização de duas inferências corretas, já que todas são verdadeiras.

Na questão seguinte, escolheu a opção “d”, ou seja, a opção correta a qual afirma: “agir diante do perigo, com instinto de sobrevivência.

A quarta questão pergunta se Luizinho correspondeu às expectativas do pai. O informante respondeu que não e justificou afirmando que o pai do personagem “gostaria que ele fosse um bom caçador que nem ele”. Como podemos observar, a resposta está correta assim como a inferência.

A questão seguinte foi respondida corretamente. A justificativa, no entanto, não está correta. A resposta certa é “não”, mas a justificativa afirmando que o motivo pelo qual Luizinho e seu pai não compartilham a mesma visão sobre ser pai é porque Luizinho não gostava de caçar onças é equivocada. Essa questão que explora um nível crítico além do inferencial poderia ter sido bem mais explorada pelo informante, já que está diretamente relacionada com o conflito da narrativa.

Na sexta questão, novamente o nível crítico de compreensão é explorado. O aluno respondeu: “não podemos forçar as pessoas a gostar de certas coisas que elas não gostam”. Aqui observamos que o aluno possui um juízo a respeito da situação em questão e soube expressá-lo corretamente. Isso evidencia que alcançou o nível crítico de compreensão leitora.

A questão sete também foi respondida corretamente, o que demonstra que o informante possui um juízo sobre o fato em questão. Ele acredita que Luizinho não pode ser chamado de covarde por ter tido medo da onça. O mesmo caso acontece na resposta à questão seguinte, a qual pede que o aluno diga qual o comportamento deveria ter tido o pai diante do perigo e o informante respondeu que o pai deveria pedir calma ao filho. Essas respostas evidenciam um aluno com opinião própria, mesmo que a opinião emitida não seja complexa e muito elaborada.

De um modo geral, esse informante alcançou tanto o nível inferencial quanto o nível crítico de compreensão, exceto pela resposta à primeira questão do primeiro questionário.

Questionário 02

As respostas fornecidas pelo aluno para as questões do questionário do segundo texto do instrumento de pesquisa apresentam descompasso em relação às respostas apresentadas no primeiro. Neste, à exceção da primeira questão, todos os demais apresentaram respostas corretas, ainda que sem uma justificativa adequada. Naquele, ao contrário, de um modo geral, elas estavam erradas ou muito vagas e descontextualizadas.

Na primeira questão, por exemplo, investiga-se a quem caberia uma ação decidida no que diz respeito ao tema em questão. A resposta obtida foi: “pedofilia e o pornoturismo, por que, fala de exploração sexual”, o que nos demonstrou falta de compreensão da questão.

A resposta da questão seguinte apresenta um juízo a respeito do trabalho das autoridades. O informante apresenta sua opinião corretamente, demonstrando ter alcançado um nível de compreensão crítico.

Na resposta da terceira questão, o informante afirma o que deve ser feito para combater a exploração sexual infantil: “programas com o objetivo de sensibilizar a sociedade e as autoridades para uma das chagas mais vergonhosas da realidade social brasileira”. Observemos que o texto, ao trazer a expressão uma das chagas mais vergonhosas... direciona para uma certa linha argumentativa que parece ter sido assumida pelo informante. Isso significa que houve a realização de uma inferência, além de juízo crítico sobre o problema em questão.

A questão seguinte traz, novamente, uma resposta vaga, a qual podemos afirmar que está incorreta.

Na quinta questão, aparece um juízo de valor na justificativa. A resposta dada pelo informante se adequa ao que era esperado pelo pesquisador. No entanto, é preciso reconhecer que ainda é um pouco vaga.

Na questão seis, o informante responde, ao ser inquirido sobre o que entende por agrupamento das condições sociais do país: “não entende muita coisa, só que as condições do país ‘está’ se agravando cada vez mais e a exploração da criança é um dos problemas maiores do nosso país”. A resposta não apresenta inferência nem nível crítico, já que se configura como mera reprodução do texto.

Na sétima questão, a resposta está errada, visto que o texto não trata de “extensão em termos planetários das redes de pedofilia...” como principal agente desagregador da família.

Por fim, a última questão pede que o aluno emita um juízo de verdade, informando se o tipo de crime em questão acontece em pequenas cidades.

A resposta obtida foi “sim”, mas o informante não conhece nenhum caso na sua cidade.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão				
2ª Questão	X		x	
3ª Questão	X		x	X
4ª Questão	X			
5ª Questão	X			X
6ª Questão		X		
7ª Questão		X		
8ª Questão		X		X

Quadro 3 - Questões em que o Informante Nº 03 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante nº04

Questionário 01

O texto narrativo História para o Flávio, por narrar uma história que pertence ao universo cultural do aluno, parece ter sido compreendido adequadamente pelos informantes relatados até o presente momento. Com a análise das respostas deste aluno, podemos observar que o texto foi compreendido adequadamente também.

Observemos a resposta à primeira questão: “caçador famoso, matador de onças e carrasco com o filho”. Ela se adequa ao que era esperado do informante, sendo considerado como traço de personalidade apenas ‘carrasco’. Naturalmente, poderiam ter sido apontados diversos outros traços de personalidade do pai, mas o traço apresentado indica que houve uma compreensão do texto e a realização de uma inferência, ainda que apontando duas características que não são propriamente traços de personalidade, como é o caso de caçador famoso e matador de onças.

A questão de número 02 foi respondida de maneira errada. O aluno marcou a letra “c”, enquanto a resposta correta é a letra “e”. Contudo, a letra “c” apresenta duas inferências possíveis para a compreensão, ou seja, mesmo tendo errado a opção, podemos afirmar que realizou inferências sobre o texto.

A questão de número 03 foi respondida corretamente, ou seja, o aluno marcou a letra “d”. Essa questão explora a inferência de detalhes, ao conjecturar mais detalhadamente a conduta do personagem Luizinho.

A questão seguinte investiga se o Luizinho teria correspondido às expectativas do seu pai. O informante respondeu “não” e justificou afirmando que o pai queria que ele matasse a onça por bravura e coragem, mas ele só matou por instinto de sobrevivência. Essa resposta, entre outras que poderíamos classificar como adequadas, parece ser a mais correta, pois é justamente o descompasso entre a atitude do filho e as expectativas do pai que enseja o conflito de narrativa.

Observemos a resposta à quinta questão: “não, para Luizinho ser pai era dar amor e proteção ao filho.” Para o filho do mestre Luiz, o pai o havia colocado em perigo ao empurrá-lo para a furna com a onça. Em momento algum no texto, o filho fala em amor do pai, o que nos traz à tona uma inferência correta realizada pelo leitor.

Na questão de número 06, podemos observar novamente uma resposta sucinta e objetiva. O informante simplesmente afirma que o pai “só queria que o filho fosse igual a ele”. Entre algumas conclusões possíveis de se inferenciar, podemos afirmar que estamos diante de uma, ou seja, o aluno realizou inferência. Contudo, essa questão trabalhou também o nível crítico, pois o aluno é conduzido a emitir um julgamento a respeito da atitude do mestre Luiz. O informante responde a questão sem emitir um juízo de valor sobre a atitude do pai, ou se o faz, faz de maneira discreta, sem deixar claro que condena ou aprova tal atitude.

Na sétima questão, é trabalhado o nível de compreensão crítico. A resposta fornecida pelo informante está de acordo com as respostas anteriores, nas quais demonstra ter compreendido o texto. O aluno afirma: “não, ele apenas temia por sua vida, medo é uma fraqueza que todos temos”. Essa resposta indica que o aluno concorda com o pensamento do filho de mestre Luiz, ou seja, faz um juízo de valor positivo.

Na mesma linha de pensamento da questão anterior, a oitava questão, ao pedir ao aluno que indique qual comportamento deveria ter tido o pai, teve como

resposta que este deveria ter protegido e aceitado o medo de onça do filho. Isso nos indica que houve um juízo de valor negativo em relação à atitude do pai.

Questionário 02

As respostas apresentadas no segundo questionário demonstram que o informante conseguiu compreender bem o texto argumentativo “Enxugamento de gelo”. De todas as respostas, apenas uma não está correta.

Na primeira questão, por exemplo, o aluno respondeu: “primeiramente as pessoas mais próximas, a política, ao estado, ao governo federal e municipal”. Como podemos observar, a resposta está correta, o que nos conduz a crer que houve a realização de uma inferência de ideias principais, já que o texto traz diluído no seu conteúdo o papel das instituições no combate ao tipo de crime em questão.

A questão seguinte trabalha o nível crítico de compreensão ao solicitar que o aluno emita um juízo de valor em relação ao trabalho das autoridades no combate ao crime de exploração sexual infantil. Aqui, nesta resposta, observamos que o informante possui uma opinião consistente, não só em relação ao trabalho das autoridades, como também em relação às exceções, que são as autoridades que deveriam combater “esse ato de pedofilia que acabam envolvendo-se com crianças, tornando a situação precária”, de acordo com sua afirmação.

Na terceira questão, é perguntado o que deve ser feito para combater a exploração sexual infantil e o informante responde enumerando duas atitudes: uma, a dos pais, os quais deveriam estar mais atentos aos filhos e outra, a das autoridades, as quais devem punir rigorosamente os principais responsáveis que participam direta ou indiretamente desse crime contra as crianças. Essa resposta nos indica que o informante tanto inferenciou quanto se posicionou criticamente sobre o assunto.

A questão número 4 explora uma inferência e uma reflexão crítica que devem ser realizadas pelo aluno a partir de um problema de ampla divulgação nacional, a questão da impunidade. O aluno respondeu: “na maioria das vezes quem pratica esse crime não é punido, fazendo com que continue acontecendo e incentivando outras pessoas a fazerem.” Observemos que a opinião dada está de acordo com o que se discute amplamente na mídia, televisão nacional, ou seja, que a impunidade incentiva a praticar crimes.

A quinta questão solicita que o aluno dê sua opinião a respeito do papel das políticas públicas no combate a esse tipo de crime, julgando se essas políticas estão tendo efeito e justificando a resposta. Essa questão trabalha tanto o nível inferencial quanto crítico. Na verdade, são 3 questões em uma. A resposta dada está adequada àquilo que foi solicitado, o que nos demonstra que o informante alcançou tanto o nível inferencial quanto crítico.

A questão seguinte trabalha o nível inferencial e a resposta fornecida pelo informante foi: “A cada dia que passa aumenta cada vez mais esses casos de pedofilia, violência, miséria, assassinatos”. Podemos observar que ele associou a pedofilia, violência, miséria e assassinatos à baixa condição social dos pais. Embora possamos problematizar bem mais, está adequado pensar conforme o informante, visto que pelo menos três dos quatro problemas apresentados pelo informante estão diretamente relacionados à questão social, à exceção da pedofilia, que é uma problemática encontrada em todas as classes sociais.

Na próxima questão, encontramos uma resposta que o aluno errou ao afirmar que o principal agente desagregador da família seria a falta de informação entre pais e filhos, o que está em desacordo com o texto, uma vez que esse afirma que o agente desagregador em questão é a prostituição infantil.

Por fim, a resposta da última questão traz um juízo de verdade, no qual o informante afirma que cidades pequenas sofrem com o problema, citando o caso de uma menina de 15 anos estuprada pelo próprio namorado.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão	X		X	
2ª Questão	X			X
3ª Questão	X		X	
4ª Questão	X			X
5ª Questão	X			X
6ª Questão	x			X
7ª Questão		X		
8ª Questão		X		X

Quadro 4 - Questões em que o Informante N° 04 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante n° 05

Questionário 01

A análise prévia das respostas aos questionários feitas pelo quinto informante apresenta uma compreensão parcial de texto. Por exemplo: a resposta da primeira questão não teve origem em uma inferência realizada pelo aluno, foi uma cópia de características de personalidade de mestre Luiz propostas como item na 2ª questão elaborada por este pesquisador, a qual traz a pergunta se o pai de Luizinho poderia ser tipificado como um caçador impiedoso e desapegado.

Na segunda questão, foi escolhida a letra “a”, ou seja, aquela que afirma que apenas o primeiro item era correto. Justamente o item que afirma que as informações, dados sobre o personagem Luiz Gonçalves aproximam-no de uma tipificação da figura de caçador impiedoso e desapegado. A questão foi respondida errada, contudo nossa análise considera que, pelo menos, uma inferência foi realizada.

A questão seguinte foi respondida corretamente, ou seja, foi marcada a letra “d”. Nesse caso, considera-se que a inferência foi realizada.

Na próxima questão, de número 04, a resposta foi “sim” pelo fato de ter notado a onça, o que ele tanto queria. A análise dessa resposta nos indica que houve a realização de inferência, embora, acreditamos que Luizinho não correspondeu às expectativas do pai, daí o conflito que se desencadeia na narrativa.

A quinta questão, a qual investiga se pai e filho compartilham da mesma visão de ser pai, foi respondida pelo informante simplesmente com um “não”, sem apresentar justificativa. Essa resposta mesmo incompleta nos indica que houve alguma inferência por parte do informante.

A questão seguinte pede que o aluno dê suas conclusões sobre a atitude do pai de Luizinho. Espera-se que as conclusões tragam um juízo de valor sobre a atitude em questão. A resposta dada foi: “um pai que pensava em passar para o filho os dotes de matar onças sem se preocupar com a vida dele. o importante”. Está claro aqui o juízo de valor, o que nos remete ao nível de compreensão crítico. A resposta está adequada ao que era esperado.

A questão seguinte trabalha também o nível crítico de compreensão leitora. A resposta dada pelo informante foi que Luizinho não poderia ser chamado

de covarde, “pois são poucas que tem tanta coragem de ficar cara a cara com um animal tão bruto...’, afirmou o aluno’.

Essa resposta traz implícito um juízo de valor positivo sobre a atitude do filho do mestre Luiz.

A última questão do primeiro questionário traz um juízo de valor em relação à atitude do pai, a qual deveria ter sido: “tirar o filho do local porque aquele momento poderia ter sido a morte de seu filho pela onça”. Podemos perceber que o informante acredita que o pai deveria ter dito uma outra atitude para com o filho.

Com relação ao segundo questionário do instrumento, o informante não o respondeu, o que não nos possibilita realizar a análise das respostas.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão				
2ª Questão	X			
3ª Questão	X			
4ª Questão	X			
5ª Questão	X			
6ª Questão		X		
7ª Questão		X		
8ª Questão		X		

Quadro 5 - Questões em que o Informante Nº 05 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante nº 06

Questionário 01

As respostas fornecidas pelo informante nos apresentam um nível de compreensão leitora elevado, haja vista que as respostas se aproximavam daquilo que era esperado pelo pesquisador como corretas. A primeira questão aborda a inferência de personalidade e apontou como traços da personalidade de mestre Luiz matador de onças, corajoso carrasco e ignorante. Realizando uma análise da resposta, temos uma indicação de que os três últimos trechos apontados foram resultado da análise individual do aluno, o qual inferiu tais traços através da leitura. A primeira característica apontada, contudo, não é um trabalho da personalidade do caçador, visto que o próprio texto (linha 2) afirma o que aluno expressou.

A questão de número 02 foi respondida errada, no caso a “c”. No entanto nossa linha de pesquisa identificou que, mesmo tendo marcado a letra errada, foram feitas inferências no que diz respeito aos itens II e III, marcados como corretos.

A terceira questão foi respondida corretamente, através da marcação da letra “d”. O que nos indica que o aluno não só realizou a inferência, como a fez corretamente.

A questão seguinte pergunta se Luizinho correspondeu às expectativas do pai e pede uma justificção. O aluno afirma que “não” e justifica sua resposta: pelo fato de Luizinho ter sido obrigado a caçar a onça. A resposta se adequa ao que era esperado e nos indica que houve uma inferência na compreensão.

A questão de número 05 procura saber se, na opinião do informante, pai e filho compartilham da mesma visão sobre ser pai. Esse problema o qual se manifesta também no conflito narrativo tem que ser analisado. É luz do texto como um lado, visto que, no final, Luizinho afirma que quem tranca um filho numa fuma com uma onça não é pai. O aluno respondeu: “Não, porque pai não coloca a vida de um filho em perigo”, o que nos aponta para realização de inferência.

As questões seguintes trabalham o nível crítico de compreensão, exigindo do informante uma reflexão sobre as atitudes dos personagens. Na sexta questão, o aluno respondeu: “Queria que seu filho tivesse sua mesma profissão matador de onça e corajoso. Mas Luizinho não admirava sua profissão”. A resposta nos parece adequada ao que era esperado do aluno, embora não haja propriamente juízo de valor em relação à atitude do mestre Luiz de onde concluímos que não alcançou nível crítico de compreensão leitora.

A sétima questão foi respondida pelo informante da seguinte forma: “Sim, porque o pai não admitia que tivesse medo de onça, que ele fosse corajoso igual a ele”. Essa resposta não se adequa ao que era esperado, já que ter medo de onça não implica em ser condenado, pois, no nosso entendimento, ter medo de animal feroz e selvagem é absolutamente normal.

A resposta a essa questão se apresenta contraditória em relação à anterior. Aqui, pede-se que o aluno julgue a atitude do pai e na anterior que julgue o comportamento do filho. A resposta a essa questão deixa subentendido que o informante condena a atitude do pai, pois respondeu que teria atitude de qualquer outro pai que é “ajudar o filho e tirá-lo da situação de perigo”. A resposta da questão anterior deixa subentendido que a conduta do filho também foi reprovada, o que nos

aponta para um problema de compreensão do texto ou das questões, ficando indefinido qual o juízo de valor composto pelo informante.

Questionário 02

No questionário do texto “Enxugamento de gelo”, o aluno acertou 05 das 08 questões apresentadas. Na primeira questão, por exemplo, foi perguntado a quem caberá uma ação decidida no combate aos crimes de exploração sexual infantil, e o informante respondeu: “cabe à família e também ao poder público”. O que nos demonstra que houve compreensão e, principalmente, que foi realizada uma inferência.

A questão seguinte trabalha o nível crítico de compreensão, pedindo que o informante emita em julgamento do trabalho das autoridades no combate ao tipo de crime em questão. A resposta obtida foi: “Não, por que ainda há muita prostituição principalmente nas famílias que são desestruturadas e o governo nada está fazendo para combater esta descriminalidade”. Apesar de um pouco confusa, sobretudo no que diz respeito à palavra final descriminalidade, a resposta deixa clara a opinião ou julgamento do aluno em relação ao trabalho das autoridades.

A terceira questão trabalha uma inferência, na qual os informantes deverão observar várias ações destacadas ao longo do texto para responder a questão. A resposta fornecida pelo aluno parece está em descompasso com o texto, mas não deixa de ser uma resposta coerente, resultado de uma inferência. Observemos: “Deveria fazer palestra incentivando os adolescentes que não se prostituam, arranjasse mais oportunidades de empregos para poder ocupar o seu tempo sem prejudicar sua vida”.

A questão de numero 04 trouxe uma resposta um pouco confusa. O aluno respondeu: “Que a lei seja mais bem sucedida para essas pessoas e que elas sejam mais respeitadas como devem.” A questão fala da impunidade dos criminosos e dos crimes. O informante, se refere à lei mais bem sucedida para pessoas, referindo-se à crianças e adolescentes, embora isso não esteja claro. De qualquer forma, não identificamos um julgamento ou juízo de valor por parte do aluno.

A resposta da quinta questão nos parece confusa também. Para responder qual o papel dos políticos públicos no combate à exploração sexual infantil, se está tendo efeito e justificativar, o informante afirmou: “Não (**está tendo**

efeito), pois em alguns lugares ta aumentando a prostituição mas isso é falta de argumentações para combater isso”. Com relação ao papel das políticas públicas, não foi respondido. De qualquer forma, há um juízo de valor em relação ao efeito das políticas de combate ao crime em questão, o que nesse caso é um juízo negativo.

A resposta da próxima questão está um tanto vaga, pois simplesmente o informante respondeu em relação ao agravamento das condições sociais do país ele entende: “O país cada vez mais ta piorando suas condições e está nos prejudicando”. Parece-nos que o informante apenas responde a questão sem fornecer um julgamento ou juízo crítico.

A próxima resposta está errada, pois o texto não fala em separação de casais, mas em desagregação de família e, mesmo assim, a resposta seria a prostituição infanto-juvenil.

A última questão foi corretamente respondida. O aluno afirma que cidades pequenas sofrem com o problema e conhece um caso de estupro. Essa resposta nos demonstra que houve poder público. O que nos demonstra que houve um juízo de verdade na resposta e, portanto, o informante alcançou o nível crítico de compreensão leitora.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão	X		X	
2ª Questão	X			X
3ª Questão	X		X	
4ª Questão	X			
5ª Questão	X			X
6ª Questão	X			
7ª Questão		X		
8ª Questão		X		X

Quadro 6 - Questões em que o Informante Nº 06 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante n° 07

Questionário 01

As respostas que o informante forneceu para o questionário do texto História para o Flávio nos demonstra que fez poucas inferências. Na primeira questão, por exemplo, respondeu que ele era um caçador impiedoso, carrasco e sem coração. No entanto, a expressão “caçador impiedoso” faz parte do item I da questão seguinte, o que nos leva a crer que o aluno copiou o traço de personalidade em questão. Mesmo assim, carrasco e sem coração foram inferências do próprio informante.

A questão número 02 foi respondida ao marcar a letra “c”, resposta errada, mas que indica a realização de duas inferências. Na nossa perspectiva de análise, essas inferências serão consideradas.

A próxima questão foi respondida corretamente ao ser marcada a letra “d”, ou seja, Luizinho agora, diante do perigo, com instinto de sobrevivência. Nessa resposta podemos considerar que houve a realização de inferência.

A quarta questão foi respondida da seguinte forma: “Não, porque ele estava sendo obrigado a matar a onça”. Essa resposta nos indica que o aluno realizou a inferência investigada e a resposta adequa-se ao que estava sendo esperado.

A quinta questão foi respondida da seguinte forma: “Não, porque quem é pai não coloca a vida de um filho em qualquer perigo”. Observamos que o informante não só realizou a inferência como também se posicionou criticamente com relação à atitude do pai de Luizinho.

A sexta questão foi respondida corretamente. O aluno afirmou: que “ele queria que seu filho fosse que nem ele, um matador de onça, mas Luizinho não admirava a profissão do pai”. Aqui, podemos observar que o aluno não se posicionou criticamente nessa questão, limitando-se a reproduzir o que pensa ser o pensamento do pai, restringindo-se ao nível inferencial.

A resposta da sétima questão também parece reproduzir o pensamento do pai. A resposta: “sim, porque seu pai não admitia que ele tivesse medo da onça, ele queria que ele fosse corajoso que nem ele” nos indica que há uma reprodução

do pensamento do pai e não a opinião do próprio aluno, o que nos fez crer que não houve um juízo de valor em relação à atitude do pai.

À questão seguinte o aluno respondeu: “de ajudá-lo, como qualquer outro pai ajudaria nessa situação”. Essa resposta apresenta um posicionamento do informante com relação à atividade de mestre Luiz, o que nos indica que alcançou o nível crítico de compreensão leitora, ainda que tenha entrado em contradição com a resposta anterior.

Questionário 02

O segundo questionário, por sua vez, respondeu mais adequadamente em relação aos parâmetros estabelecidos. Por exemplo, a resposta da primeira questão foi: “a responsabilidade principal é a da família, mas a política também tem que se preocupar com essas pessoas”. Nessa resposta podemos perceber que o informante conseguiu inferenciar sobre a resposta da questão.

A questão de número 02 trabalha o nível crítico de compreensão e a resposta do informante foi: “não, porque ainda há muita prostituição, principalmente nas famílias que são desestruturadas e o governo não está fazendo nada para combater esta descriminalidade”. Podemos observar que há um juízo de valor negativo com relação ao trabalho das autoridades, o que nos demonstra que alcançou um nível crítico de compreensão.

A terceira questão foi respondida adequadamente. A resposta do aluno foi:

deveria fazer programa / palestra incentivando a essas pessoas que não se prostituam. Para as adolescentes ter mais oportunidades de emprego, assim não haveria tanta comercialização para outros países elas trabalhando como garotas de programa.

A resposta traz inferências realizadas pelo aluno, visto que o texto não traz solução, ele palestra, o que nos leva a crer que é ideia própria do estudante.

A quarta questão foi respondida da seguinte forma: “que a lei seja mais bem sucedida para essas pessoas e que elas sejam respeitadas como devem”. Essa resposta já foi localizada em outro questionário, no caso do informante nº 06. Portanto, um copiou do outro e como não poderemos saber quem a elaborou e

quem a copiou, desconsideraremos ambas respostas, até por que não respondem ao que foi questionado.

Na questão seguinte o informante respondeu: “no momento não estão agindo como deve não, pois ainda há muita prostituição”. A resposta está adequada e traz um juízo de valor por parte do informante.

Na sexta questão, o aluno respondeu: “é o aumento da pobreza e da exploração sexual e da articulação do crime”. A resposta está adequada e nos aponta a realização de uma inferência.

A sétima questão está respondida de forma inadequada. O informante respondeu: “o pai; às vezes as mulheres que se agüentam com os homens doentes e chega até a maltratar seus filhos”. Essa resposta sem sentido não está no texto, embora possa se considerar que a desagregação da família possa ser causada também por pais desajustados.

A última questão foi respondida adequadamente. O informante respondeu: “sim, nós ouvimos falar estupros, violência domiciliar”, o que nos indica que fez um juízo de verdade, tendo alcançado o nível crítico de compreensão.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão	X		X	
2ª Questão	X			X
3ª Questão	X		X	
4ª Questão	X			
5ª Questão		X		X
6ª Questão	X		X	
7ª Questão	X			
8ª Questão		X		X

Quadro 07 - Questões em que o Informante Nº 07 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante nº 08

Questionário 01

As respostas dadas por esse informante, de uma maneira geral, apontam-nos um problema de compreensão do texto. A resposta da primeira questão, por exemplo, não aponta diretamente traços da personalidade do mestre Luiz, mas

características das quais é possível deduzir os traços solicitados. O informante afirma: “Luiz Gonçalves não tinha medo de enfrentar onças, fantasmas ou qualquer outro tipo de criaturas”. Isso parece óbvio e observamos que as inferências não foram feitas.

As duas questões seguintes foram respondidas de maneira errada. Na segunda questão, respondeu letra “d”, o que nos faz perceber que, das três inferências solicitadas, apenas realizou uma. Na terceira, respondeu letra “b”, ou seja, Luizinho admirava a profissão do pai, ao passo que a resposta correta é a letra “d”, ou seja, Luizinho agora, diante do perigo, com instinto de sobrevivência.

A quarta questão foi respondida de maneira inadequada. O aluno afirma: “Luizinho era corajoso e por isso seguiu a profissão de seu pai”. Embora não possamos associar o personagem à característica “covarde”, também não podemos associá-lo a corajoso, nem muito menos que tenha seguido a profissão de seu pai. Essa resposta indica que o aluno não inferenciou sobre a pergunta realizada.

A resposta seguinte também se mostra inadequada, pois ao ser perguntado se pai e filho compartilham a mesma visão sobre ser pai, o informante simplesmente respondeu: “ele não se mostrou ser um bom pai”, ou seja, não houve inferência.

Acreditamos que a sexta questão foi respondida com uma reprodução do ponto de vista do mestre Luiz e não pelo próprio informante. A resposta do aluno foi: “Luiz não pensou no filho, só pensou nele mesmo”. Isso nos indica que não há uma reflexão crítica por parte do aluno, quando muito uma inferência sobre o pai.

A resposta à sétima questão está adequada ao que era esperado. A justificativa dada pelo informante foi: “não, porque mesmo ele tendo medo da onça, ele faz o que o pai dele queria”.

A resposta da última questão está adequada ao que era esperado. O aluno respondeu que o pai deveria ter tido “mais compreensão, pois o filho tinha 15 anos e ele nunca tinha tido experiência de perigo”. Essa resposta nos leva a crer que o informante alcançou uma reflexão crítica a respeito da atitude do pai de Luizinho.

Questionário 02

As respostas do segundo exercício de compreensão revelam um aluno mais crítico em relação ao responder o primeiro exercício. Na resposta da primeira questão, por exemplo, respondeu que caberia ao governo e a sociedade ajudaria muito para que melhorasse a vida dessas pessoas. Consideramos tal posicionamento como correto, o que nos indica a realização de uma inferência.

O informante respondeu a questão seguinte de maneira aparentemente errada, pois a pergunta era se ele acha que as autoridades estão trabalhando para resolver o problema da exploração sexual de crianças e adolescentes, além de pedir que o aluno justifique a resposta. Ele respondeu: “exploração sexual está aumentando porque tem muitas crianças que não tem moradia, outras que não tem o que comer, por isso elas se prostituem”. Nossa análise percebeu que a resposta adequa-se ao esperado, embora não seja manifestada através de “sim” ou “não”, uma vez que o informante parece estabelecer uma relação causal entre falta de moradia e alimentação (falhas nas ações das autoridades) e o aumento dos casos de exploração sexual infantil. Consideramos nessa questão, portanto, que o aluno tanto inferenciou quanto se posicionou criticamente.

A terceira questão foi respondida de maneira simples: “mais acompanhamento da família, a formação moral e familiar”. A resposta está incompleta, já que o texto enumera bem mais ações tanto das autoridades, quanto da família. De qualquer forma, mesmo simples, houve uma inferência.

À questão seguinte, o informante respondeu que “os infratores fossem punidos pelos seus atos imorais”. Essa resposta nos indica que não houve um posicionamento por parte do informante, no que diz respeito ao juízo de valor ou de verdade, requisitos de um nível de compreensão crítico, nem houve inferência na resposta, a qual foi respondida de maneira óbvia e simples.

A resposta da questão número 05 está bastante completa e adequada ao texto, indicando que o informante realizou inferências e reflexão crítica na sua formulação. Ele afirmou: “na prevenção, isso implica em criar uma rede de proteção em torno das crianças e adolescentes, pondo-os a salvo dos tentáculos criminosos. A ação deve começar pela proteção do próprio núcleo familiar”.

A resposta da sexta questão, por sua vez, parece-nos inadequada por se configurar uma simples repetição do texto. O informante respondeu: “ampliaram a

base para que a exploração sexual de crianças e adolescentes se intensificasse no rosto da desagregação dos núcleos familiares o aumento da pobreza e articulação do crime”. Acreditamos que o informante não compreendeu a questão, a qual pedia o entendimento pessoal dele.

A sétima questão foi respondida de maneira adequada, o que nos indica que o aluno fez inferências e refletiu criticamente sobre o texto. O informante apontou a prostituição infanto-juvenil como principal agente desagregador da família.

Na última questão, respondeu que os tipos de crime em questão acontecem em algumas cidades pequenas por falta de trabalho ou moradia etc.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão	X		X	
2ª Questão				X
3ª Questão				X
4ª Questão				X
5ª Questão				X
6ª Questão		X		
7ª Questão		X		X
8ª Questão		X		X

Quadro 08 - Questões em que o Informante Nº 08 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante nº09

Questionário 01

Ao ler as respostas dos questionários respondidos por esse aluno, elas nos apresentam bem mais adequadas e coerentes. Esse informante errou apenas uma questão de cada questionário. Por exemplo, na primeira questão respondeu que mestre Luiz era: “caçador e famoso matador de onças e carrasco com o filho”. Das três características apontadas, apenas uma pode ser caracterizada como traço da personalidade do personagem, que é ser “carrasco”. Então, consideraremos realizada uma inferência.

A segunda questão foi respondida a letra “c”, alternativa errada, pois a correta é a letra “c”. Contudo, consideraremos que o informante acertou dois dos itens apresentados, o II e o III.

A terceira questão foi respondida corretamente, ou seja, a opção marcada foi a letra “d”. Nessa questão, consideramos que o informante realizou uma inferência.

A quarta questão procura saber se Luizinho correspondeu às expectativas do pai. O aluno respondeu: “não, porque ele só matou a onça para sobreviver, quando o seu pai deixou justo com ela”. Como podemos observar, a resposta está adequada e consideramos que o aluno inferenciou sobre a resposta e o texto.

Na próxima questão, o informante respondeu: “não, pois a visão que Luizinho tinha de seu pai era de uma pessoa carrasca, diferente dos outros”. Acreditamos que a resposta está adequada e o aluno inferenciou corretamente.

A questão de número 06 foi respondida corretamente, embora o informante não tenha emitido um juízo de valor sobre a atitude de mestre Luiz. Ele afirmou que “ele queria que seu filho fosse uma pessoa carrasca e matadora de onça como ele, mas não pensou nas consequências e que seu filho era diferente”. Percebemos que o aluno respondeu de acordo com o ponto de vista do próprio personagem e não dele próprio.

As questões de número 07 e 08 trabalham um juízo de valor em relação à atitude de Luizinho (questão 07) e de mestre Luiz (questão 08). As duas respostas apresentam coerência entre si, uma vez que afirmam que Luizinho não poderia ser chamado de covarde, porque o medo de onça não torna uma pessoa covarde. Por outro lado, mestre Luiz: “deveria ter compreendido o filho, e ter apoiado no que ele queria, e ter dado força para ele vencer o medo aos poucos”. Podemos observar que, em ambos as respostas, o informante fez uma reflexão crítica sobre o comportamento dos personagens.

Questionário 02

O questionário do segundo texto foi respondido corretamente, com exceção da sétima questão, a qual merece uma análise mais detalhada. A primeira resposta foi:

as pessoas que estão mais próximas disso, depois os governos municipais, estaduais e federais, e as Organizações Não Governamentais (ONGS), Organização das Nações Unidas (ONU) e policiais que podem ajudar a combater e a dar assistência às vítimas.

Podemos perceber que a resposta do informante foi completa, além do que é postulado no texto, o que nos indica a realização de inferência.

A resposta da segunda questão também merece uma análise mais aprofundada. O informante afirma: “sim, porque nem todos trabalham a favor da lei para combater esse problema, por ocorrer com frequência, isso se torna difícil de combater. Pessoas responsáveis são pessoas mais próximas”. Devemos notar que, além de se posicionar criticamente em relação ao trabalho das autoridades, afirma que as pessoas mais próximas das crianças, no caso a família, são as mais responsáveis por garantir sua segurança.

A questão seguinte, número 03, foi respondida da forma a seguir: “criar uma forma de proteção a crianças e adolescentes, mas a ação deve começar primeiramente pela família para ter uma formação moral e afetiva com os jovens e pessoas próximas”. A resposta acima está adequada ao que era esperado e nos indica que houve a realização de inferência, pois mesmo retirada do texto, foi formulada com sua opinião pessoal.

A quarta questão fala sobre o papel da impunidade e o agravamento da situação de crimes contra a criança e o adolescente. A resposta do aluno foi: “quanto mais esses crimes são praticados e são julgados, as pessoas que o praticam se sentem à vontade para praticar esses absurdos, pois acham que nunca serão pegos”. A resposta parece um pouco confusa, mas se torna mais esclarecida a partir da sentença, pois acham que nunca serão pegos, daí se deduz que a impunidade aumenta a criminalidade. Isso nos demonstra que o informante realizou um juízo crítico a respeito da questão da impunidade.

À quinta questão o informante respondeu que as políticas têm o papel de fiscalizar e proteger, dando assistência às famílias e vítimas desse crime, que está a cada dia mais aumentando sem limites. A resposta está adequada e nos faz perceber que o informante alcançou um nível crítico de compreensão.

Observemos a resposta da sexta questão:

As pessoas que não tem condições sociais, ou seja, pessoas pobres acabam entrando no mundo das drogas, prostituição pensando que irão ter melhor condição de vida, e acabam se dando mal, pois não conseguem nada, apenas se excluir da sociedade.

Podemos perceber que a resposta se adequa ao que era esperado e indica que houve uma reflexão crítica a respeito do tema condições sociais.

A questão número 07, teve uma resposta aparentemente inadequada. Contudo, ao analisarmos a resposta, acreditamos que ela está de acordo com o texto, assim como, consideramos que é uma reflexão crítica, resultado de uma inferência.

“A falta de diálogo entre famílias, fome, violência entre as famílias”. O próprio texto afirma que a prostituição infanto-juvenil é o principal agente desagregador, mas será que também não podemos considerar a resposta como adequada? Pensamos assim.

Por fim, a última resposta está adequada também. O informante afirmou: “sim, casos de maridos que abusam sexualmente de suas parceiras, amigas e filhos”.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão	X		X	
2ª Questão	X			X
3ª Questão	X		X	
4ª Questão	X			X
5ª Questão	X			X
6ª Questão	X			X
7ª Questão		X	X	
8ª Questão		X		X

Quadro 09 - Questões em que o Informante Nº 09 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante nº 10

Questionário 01

A primeira resposta do informante não se adequa ao que era esperado, embora a resposta não esteja errada, não aponta traços da personalidade do mestre Luiz. Ele apontou que o personagem era caçador e famoso matador de onças, o que nos indica que não foi inferenciada a personalidade do caçador.

A resposta da questão seguinte está errada. Contudo, assim como a de outros informantes, será considerada a realização de inferência, referente aos itens II e III, os quais o aluno considerou corretos.

Na questão número 03, foi respondida com a letra “d”, opção correta, o que nos demonstra que o aluno inferenciou a respeito do comportamento do personagem Luizinho.

A resposta da questão seguinte está adequada ao que era esperado, portanto, consideramos que houve inferência. Observemos a resposta: “não, por ter medo e a onça só foi morta quando ele foi posto junto com a onça, ou seja, ou ele matava ou ele morria”.

A resposta à próxima questão também se adequa ao que era esperado e considerado como resultado de uma inferência realizada. O informante afirmou “não, pois para Luizinho seu pai é um homem carrasco e não um verdadeiro herói (pai)”.

A questão de número 06 foi respondida, assim como a de outros informantes, de acordo com o ponto de vista do pai. Ele afirmou: “ele queria que seu filho fosse como ele, um matador de onças; nem ao menos ouviu a opinião de Luizinho”. Consideramos aqui a realização de inferência, mas não uma reflexão crítica sobre a atitude do pai.

Na questão seguinte, o aluno respondeu: “não, porque o medo não torna uma pessoa covarde, apenas não consegue ir além de seu potencial”. Acreditamos que a resposta está correta e apresenta um juízo de valor em relação à atitude do filho do caçador.

Por fim, o informante condena a atitude do personagem mestre Luiz afirmando que ele: “deveria ter ajudado seu filho, ensinando a não ter medo, pois, diante de obstáculos, devemos enfrentar com atitudes e coragem. Isso é que seu pai deveria ter passado para Luizinho”.

Ao estabelecer o que deveria ser feito, acreditamos que o informante condena a atitude em questão, emitindo um juízo de valor negativo, alcançando o que intitulamos nível crítico de compreensão leitora.

Questionário 02

Ao ler as respostas do segundo questionário, elas nos indicam que o informante compreendeu o texto “Enxugamento de gelo” adequadamente. A

resposta da primeira questão foi: “primeiramente a família e em seguida o governo e todo mundo”. A abrangente resposta, além de correta, indica que o aluno inferenciou adequadamente, dentro do que era esperado pelo pesquisador.

A resposta da segunda questão indica que o informante não só compreendeu o texto, como também se posicionou criticamente em relação ao conteúdo do editorial. A resposta dada foi: “sim, só que a grande ocorrência de casos faz não aparecer o trabalho das autoridades”. Percebemos a ponderação do aluno, já que a grande maioria das pessoas, por haver falhas, não valoriza o trabalho das autoridades não está sendo feito.

A questão de número 03 trabalha o nível inferencial de compreensão. A resposta foi:

criar uma rede de proteção a crianças e adolescentes, ter políticas públicas destinadas a combater esse mal tem de se fundamentar, antes de tudo, na prevenção. E que redobre a atenção sobre seus filhos e que haja mais respeito entre o próximo.

Acreditamos que a resposta está adequada ao que era esperado.

A questão 04, a qual trata da impunidade, foi respondida adequadamente da seguinte forma: “quanto mais os crimes praticados não são julgados, mais ainda acontecem, pois os criminosos sentem-se libertos para praticar o mal cada dia que passa, porque não há julgamento justo”. Como se pode depreender da resposta um juízo de valor sobre a impunidade, o informante alcançou o nível crítico de compreensão.

A quinta questão também trabalha o nível crítico de compreensão, tratando do papel das políticas públicas no combate ao tipo de crime em questão. O informante afirmou: “fazer com que as famílias sintam-se mais protegidas dos crimes hediondos que acontecem sem parar. Cabe a cada um conscientizar-se e ensinar os valores morais aos seus filhos”. A resposta está adequada aos parâmetros estabelecidos.

A questão 06 foi respondida da seguinte forma: “existem pessoas pobres que entram no mundo da prostituição num mundo sem volta, pois pensam em não conseguir uma vida melhor e isso agrava a sociedade”. A resposta atende ao que era esperado, uma vez que, quando se fala de agravamento das condições sociais

do país, fala-se em desigualdade social, aumento da pobreza, má distribuição de renda etc, assuntos que não foram abordados pelo informante.

A resposta da sétima questão está correta, sendo respondida da seguinte forma: “a prostituição infanto-juvenil, suas principais fontes alimentares é o turismo sexual, fenômeno de grande incidência nas áreas menos desenvolvidas do país, inclusive o nordeste”. Essa resposta nos indica que o informante alcançou o nível inferencial de compreensão.

A última questão teve como resposta: “sim, casos de namorados que abusam sexualmente de mulheres, até de menores”. Embora vaga, essa resposta apresenta um juízo de verdade, caracterizando o nível crítico de compreensão.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão	X		X	
2ª Questão	X			X
3ª Questão	X		X	
4ª Questão	X			X
5ª Questão	X			X
6ª Questão	X			X
7ª Questão		X	X	
8ª Questão		X		X

Tabela 10 - Questões em que o Informante Nº 10 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Informante nº 11

Questionário 01

O informante em questão respondeu o questionário de maneira objetiva e clara. Ao ler suas respostas, elas nos apresentam um leitor com compreensão sobre o texto. A resposta da primeira questão foi: “famoso caçador e matador de onças; carrasco com o filho”. Os três traços apontados apenas é resultado de inferência e traço de personalidade: o “carrasco”. As outras duas características, além de não serem traços de personalidade, já estão expressas no texto, ou seja, não foram inferenciados.

Na segunda questão, foi respondida a letra “c”, ou seja, uma opção errada. Entretanto, nossa pesquisa trata desta questão pela quantidade de inferências realizadas, nesse caso duas, correspondentes aos itens II e III.

A resposta da questão número 03 está correta, a letra “d”, a qual indica que o informante inferenciou adequadamente.

A resposta da quarta questão se adequa ao que era esperado, visto que abordou o problema do conflito gerado entre pai e filho da maneira correta. O informante respondeu: “não, por que ele só matou a onça porque seu pai lhe colocou junto com ela, então ele teve que matá-lo, mas por vontade dele, ele não a mataria”.

Podemos perceber que o aluno realizou a inferência corretamente, tendo exposto exatamente o motivo pelo qual Luizinho não correspondeu às expectativas do seu pai.

A quinta questão também foi respondida adequadamente, o que indica que o informante inferenciou ao afirmar: “não, pois a visão que Luizinho tinha sobre seu pai era diferente de como ele via o seu, que consideramos carrasco”. Fica claro, através da leitura do texto, que Luizinho acreditava que seu pai havia errado ao forçar seu ato de bravura, até porque quem confronta um animal selvagem, pode ser ferido ou até morto.

A sexta questão trabalha o nível crítico de compreensão ao perguntar quais as conclusões do informante a respeito da atitude do caçador. Os informantes cujos questionários foram analisados até o presente momento não compreenderam bem a questão, pois agora percebemos que poderia ter sido formulada de outra forma, não deixando margem para dúvidas. Todos os que já foram analisados entenderam que a resposta deveria conter uma conclusão própria, mas, sobre o ponto de vista do caçador, todos repetiram aquilo que o mestre Luiz teria pensado. Por outro lado, o informante, ora em análise, embora tenha inicialmente analisado sob o mesmo ponto de vista, em seguida, faz uma pequena crítica sobre a conduta do pai de Luizinho. Eis a resposta: “pois ele queria que seu filho fosse que nem ele, um matador de onças, **mas não pensou que seu filho fosse diferente**”. Percebe-se que a resposta segue inicialmente uma linha de tentativa de justificativa, a truculência do caçador. Contudo, a partir da adversativa “mas”, segue-se uma outra linha argumentativa, um tanto quanto mais crítica.

A sétima questão também trabalha o nível crítico da linguagem investigando a ação de Luizinho. O informante respondeu: “não, porque ter medo não é ser covarde, e sim não acreditar que é capaz de enfrentar seus obstáculos”. Podemos observar que há um juízo de valor positivo em relação à atitude do rapaz, o que significa que o informante alcançou o nível crítico de compreensão.

A última questão do primeiro questionário também proporciona a emissão de um juízo de valor, mas agora em relação à atitude do caçador. O aluno respondeu: “ele deveria ter ajudado seu filho, acolhido e lhe mostrado que ele não precisava ter medo”. Em coerência com a questão anterior, na qual se posiciona a favor do rapaz, nessa resposta, se posiciona criticamente contra o comportamento do mestre Luiz.

Questionário 02

As respostas deste informante para o segundo questionário nos apresentam uma compreensão adequada sobre o tema em questão e sobre o texto estudado. A primeira questão, por exemplo, foi respondida corretamente: “A nós e às autoridades, porque cabe a todos nós mudar essa realidade que a cada dia vem aumentando. Diante disso, essa é uma ação que ainda não foi decidida de acordo que ela deve ser”. Essa resposta nos indica que o aluno realizou inferência e alcançou o nível crítico de compreensão.

A questão seguinte foi respondida adequadamente. O aluno afirmou sobre o trabalho das autoridades: “Não, pois se estivessem trabalhando em cima disso, não estariam acontecendo tantos crimes de exploração de crianças. Isso tem que acabar, pois crianças fazem parte do futuro da humanidade”. Essa resposta nos indica que o aluno inferenciou e refletiu criticamente sobre o tema da questão.

O próximo quesito foi respondido como se segue: “Deve ser feita uma lei que proteja nossas crianças de tudo isso que está acontecendo. A política deve se conscientizar, isso também faz parte de seus deveres”. O que o informante expressou está subentendido no conteúdo do texto, o que nos indica que houve inferência.

A questão número 04 foi respondida de maneira inadequada: “O papel dela é que não está sendo usada devidamente como deve ser, usando ela corretamente tudo isso vai mudar, de qualquer forma vamos usá-la corretamente”. Essa resposta nos indica que não houve reflexão crítica sobre o conteúdo da questão.

A seguinte foi respondida adequadamente, como podemos observar: “Não está tendo muito efeito. Isso se dá porque até os políticos têm suas irregularidades e com isso não se deve confiar nesses políticos que não exercem

sua verdadeira função”. Essa resposta nos apresenta um informante crítico em relação à situação do Poder Público no Brasil e a inoperância que propicia os crimes acontecerem e não serem punidos devidamente.

A sexta questão foi respondida como a seguir: “São os gastos que estão sendo feitos sem que seja efetuado corretamente, e com isso as condições estão se agravando cada vez mais de acordo com suas estruturas”. Essa resposta está inadequada e confusa, o que nos indica que não houve reflexão crítica.

A sétima questão foi respondida adequadamente: “Prostituição infantil-juvenil é o principal agente desagregador e o turismo sexual, fenômeno de grande incidência nas áreas menos desenvolvidas como o nordeste”. Essa resposta está adequada e nos indica que houve inferência.

A última questão trabalha o nível crítico de compreensão. Ei-la: “Sim, casos de meninas de menor ficarem grávidas, vivem em prostituição e etc”. Essa resposta nos indica que houve reflexão crítica sobre a realidade.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão	X		X	
2ª Questão	X		X	
3ª Questão	X		X	
4ª Questão	X		X	
5ª Questão	X			X
6ª Questão		X		
7ª Questão		X	X	
8ª Questão		X		X

Quadro 11 - Questões em que o Informante Nº 11 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Informante nº 12

Questionário 01

Ao ler as respostas dos questionários, percebemos as respostas corretas em sua maioria, ou seja, adequadas ao que era esperado pelo pesquisador. A primeira resposta contudo parece, assim como outros informantes, ter sido copiada do item I da questão seguinte, pois o aluno respondeu: “famoso matador de onça e impiedoso”, o que não podemos afirmar que seja inferência, pois famoso caçador de

onça não é traço da personalidade e impiedoso, que o seria, foi copiado do referido item da segunda questão.

A questão seguinte, assim como quase todos os questionários analisados até o presente, tem como resposta a letra “c”, ou seja, foi realizada uma inferência, pois a resposta marcada, embora contenha um item errado, possui dois itens corretos.

A resposta da questão número 03 está correta, ou seja, o informante marcou a letra “d”, indica que foi realizada a inferência inquirida.

A questão seguinte também foi respondida adequadamente. A resposta do aluno foi: “não, porque seu pai queria que ele matasse a onça por bravura e coragem, por seu próprio instinto de caçador e ele não teve coragem.” Como podemos observar, a resposta está correta e nos indica que houve a realização de inferência.

A resposta da questão de número 05 também está correta e nos indica a realização de uma inferência. A resposta foi: “não, pois, para Luizinho, pai não é aquele que joga o filho na toca da onça”.

A questão de número 06 trabalha o nível crítico de compreensão leitora. A maioria dos alunos, no entanto, parece não ter compreendido o enunciado, respondendo à questão pelo ponto de vista do caçador e não do próprio informante. A resposta deste informante, contudo, nos indica que há um juízo de valor. Observemo-la: “porque ele só queria que o filho fosse um caçador como ele e não pensou nos medos do seu filho, ele não pensou no filho e sim nele”. Essa resposta traz um indício de crítica à atitude do pai e pode ser considerada como correta.

As duas questões seguintes trazem perguntas que sugerem uma reflexão crítica, sobre a atitude do filho na de número 07 e, sobre o comportamento do pai, na de número 08. Observando as duas respostas, podemos perceber que estão em coerência e o informante se posiciona criticamente, conforme o que estava enunciado. A resposta da sétima foi: “não, porque o medo não torna um covarde e sim um inseguro de não ser capaz de enfrentar uma situação”. A resposta da oitava foi: “deveria ter protegido seu filho diante do perigo que se encontrava e ensinado a se proteger”. Nas duas questões o informante alcançou o nível crítico de compreensão.

Questionário 02

Em relação ao segundo questionário, podemos afirmar que o informante teve uma compreensão parcial do texto “Enxugamento de gelo”, uma vez que apresenta algumas respostas em descompasso com relação às informações presentes no editorial.

A resposta da primeira questão foi: “Primeiramente cabe à família da vítima, polícia, ONGs que podem dar uma assistência psicológica. O governo municipal, estadual e federal e outros órgãos que possam ajudar e dar assistência à vítima.”

Como se pode observar, a resposta está adequada e a inferência foi realizada complementando e resumindo aquilo que está expresso no editorial.

A questão seguinte trata do trabalho das autoridades e sugere que o informante se posicione criticamente. Ele respondeu: “sim, de uma certa forma pela lei, mas muitos que poderiam por esta lei em prática fazem ao contrário, participando da pedofilia”. A resposta obtida traz um posicionamento crítico por parte do informante e está adequada ao que era esperado.

A terceira questão trabalha no nível inferencial, devendo o aluno, resumir as ações de combate ao crime em questão. A resposta foi:

Deve primeiro haver um cuidado redobrado da família e aconselhar a criança a não se aproximar de estranhos e ver principalmente o comportamento dos familiares porque a maioria dos casos são de pessoas da família ou próximas.

Pode-se observar que a resposta está correta, indicando inclusive que o informante já possuía informações sobre o problema, uma vez que afirma que a maioria dos casos são pessoas da família ou próximas.

A resposta da quarta questão sugere que o informante possui uma visão crítica do problema da impunidade, mesmo não se expressando claramente. Ele relaciona a impunidade à questão das classes sociais no Brasil. Eis a resposta: “Geralmente os casos são pessoas classe média e alta com crianças classe baixa por que já se tornou casos de impunidade e sendo com pessoas de alto nível na sociedade, as vítimas não têm como fazer justiça.”

A questão de número 05 trabalha o nível crítico de compreensão. A resposta obtida foi: “não, muitos exemplos de casos impunes e a polícia está participando muitas vezes dessa injustiça”. Podemos perceber que o informante se posiciona criticamente, embora a resposta pudesse ser mais clara e mais completa.

A sexta questão trabalha o nível crítico de compreensão ao inquirir o que o informante entende por agravamento das condições sociais do País. O aluno respondeu: “essas barbaridades agrava(m) também a sociedade. As condições das pessoas pobres levam a se prostituírem para ganhar dinheiro”. A resposta está parcialmente correta, pois não está de acordo com o texto, embora o aluno esteja correto. Esperava-se que ele respondesse algo sobre o aumento da pobreza e da má distribuição de renda, fome e miséria.

A resposta da sétima questão está errada, pois o texto afirma que o principal agente desagregador da família é a prostituição infanto-juvenil, enquanto o aluno respondeu que:

“O agente desagregador da família é a falta de diálogo e informação, que acaba com a família levando a família a sofrer com essas conseqüências. Ela se alimenta muitas vezes da ingenuidade da criança e da família”.

A última questão trabalha o nível crítico de compreensão não com um juízo de valor, mas de verdade. A resposta foi: “Sim, aqui mesmo aconteceu. Um rapaz abusou de uma menina de 15 anos e ele dopou e a levou para um motel denegrindo sua imagem, tanto física quanto moral”. Podemos perceber que houve o juízo de verdade, o que nos faz crer que alcançou o nível crítico de compreensão.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão			X	
2ª Questão	X			X
3ª Questão	X		X	
4ª Questão	X			X
5ª Questão	x			X
6ª Questão		X	X	
7ª Questão		X		
8ª Questão		X		X

Quadro 12 - Questões em que o Informante Nº 12 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante nº 13

Questionário 01

As respostas deste informante nos indicam que houve uma compreensão parcial do texto História para o Flávio. A primeira questão, por exemplo, ficou em branco, nos indicando que não houve a realização de inferência.

A segunda questão foi respondida pela letra “b”, o que está inadequado, embora consideramos que foi realizada uma inferência.

A terceira questão foi respondida corretamente, tendo sido marcada a letra “d”, o que está correto e nos indica que foi realizada uma inferência.

A quarta questão foi respondida corretamente: “Não, porque achava que não valia apenas se arriscar para provar que era igual ao seu pai” Essa resposta nos indica que houve a realização de inferência.

A quinta questão foi respondida inadequadamente, como se pode observar: “Sim, porque o pai não achou certo deixar preso numa forma para criar coragem”. Essa resposta nos indica que não houve inferência, visto que está em descompasso com o que foi afirmado no texto.

A resposta da sexta questão está adequada. No entanto, assim como outros informantes, respondida de acordo com o ponto de vista do caçador: que “ele queria que seu filho fosse tão valente quanto ele e que não tivesse medo de nada”. De qualquer forma, nossa análise identificou a realização de inferência.

A sétima questão trabalha o nível crítico de compreensão, solicitando do informante um julgamento indireto da atitude do filho de mestre Luiz: “Não, porque ter medo é normal e faz parte de um ser humano ele pode ter medo da onça, mas de outras coisas ele não tinha”. Essa resposta está adequada e nos aponta para a realização de uma reflexão crítica.

A última questão, por sua vez, traz um julgamento da atitude do pai de Luizinho. Eis a resposta: “O pai tinha que ensinar seu filho a perder o medo que ele tinha diante daquela situação e não fazer com que ele ficasse preso junto à onça para matá-lo, ou seja, ele tinha que matar a onça para o filho perder o medo e mais na frente ele saberia como fazer para matar uma onça”. Podemos perceber uma reflexão crítica sobre o comportamento do pai, isso nos indica que este informante alcançou o nível crítico de compreensão.

Questionário 02

O segundo questionário foi deixado em branco pelo informante.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão				
2ª Questão	X			
3ª Questão	X			
4ª Questão	X			
5ª Questão				
6ª Questão	X			
7ª Questão		X		
8ª Questão		X		

Quadro 13 - Questões em que o Informante Nº 13 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante nº 14

Questionário 01

Uma rápida leitura nas respostas do primeiro questionário desse informante nos traz indícios de que houve compreensão tanto em nível inferencial quanto em nível crítico. Observemos a resposta da primeira questão: “Matador de onça, corajoso, carrasco e ignorante”. Como se pode notar, foram apresentados quatro traços da personalidade do pai de Luizinho, sendo que um dos traços apontados não pode ser assim considerado, como é o caso de matador de onças. Os demais estão corretos e são características de personalidade, indicando que houve a realização de inferência.

A questão de número 02 foi respondida ao marcar a letra “c”. Resposta errada, mas que indica a realização de inferência no que diz respeito a dois itens dos três propostos.

A questão seguinte foi respondida ao marcar a letra “d”. Está correto e implica a realização de uma inferência.

A resposta seguinte foi: “Não, porque ele foi obrigado caçar a onça”. A nossa análise considerou a resposta adequada, uma vez que reflete o problema em questão. Essa resposta nos indica que houve a realização de inferência.

A quinta questão foi respondida da seguinte forma: “Não, porque pai não educa a vida de um filho em perigo”. Essa também foi uma resposta considerada adequada, embora pudesse ter sido mais explicada. De qualquer forma, podemos observar que houve a realização de inferência.

A sexta questão foi respondida, assim como outros informantes, do ponto de vista do pai de Luizinho e não do próprio informante, como se pode observar: “ele queria que seu filho seguisse sua mesma profissão matador de onça e corajoso mais o vizinho não admirava sua profissão”. De qualquer forma, ainda que não tenha havido um posicionamento crítico próprio do aluno, consideramos que realizou inferência.

Por fim, as duas últimas questões trabalham o nível crítico de compreensão. Parece-nos que as respostas dos alunos estão em contradição, uma vez que, na sétima questão, responderam “Sim, porque o pai não admitia que tivesse medo de onça, que ele fosse corajoso igual a ele”, ao mesmo tempo em que desaprova a conduta do pai: “Teria atitude de qualquer outro pai que é ajudá-lo o filho e tirado da situação perigo”. Ainda assim, consideramos que houve um posicionamento crítico por parte do informante.

Questionário 02

O questionário do segundo texto do instrumento foi respondido de maneira adequada, embora uma questão tenha ficado em branco, a de número 06, as demais foram todas respondidas. Percebe-se que o informante realizou reflexão crítica em relação ao conteúdo do texto.

Observemos a primeira resposta: “As autoridades, porque não fazem quase nada a respeito dessa questão”. Essa resposta está adequada, na medida em que atribuiu o papel correto às autoridades. No entanto, a justificativa não nos parece coerente com o que foi questionado, embora nada impeça o informante de pensar dessa forma, pois o papel que cabe às autoridades é em função do serviço que prestam enquanto detentores do poder público. Consideraremos a inferência realizada em função de ter respondido que o papel cabe às autoridades.

A resposta da questão número 02 está adequada, uma vez que ele respondeu: “Sim, mas deveria fazer mais do que está fazendo. As autoridades só

falam em fazer, mas não fazem, eles têm que falar menos e fazer mais”. Pode-se observar que ele alcançou o nível crítico de compreensão leitora.

A questão número 03 trabalha o nível inferencial ao pedir que o aluno resuma, de acordo com o texto, o que deve ser feito para combater o crime em questão. O informante respondeu: “Fazer mais escolas e aumentar o tempo nas escolas para que as crianças passem menos tempo nas ruas, criar projetos, etc”, Embora a resposta não esteja expressa no texto, podemos considerar correto o resultado de inferência, embora pudesse ser mais completa.

A questão seguinte trata do problema da impunidade. O informante respondeu: “O papel é que cada vez mais as pessoas estão sendo menos punidas. Eles exploram sexualmente as crianças e não são punidos”. Podemos perceber que o aluno alcançou o nível crítico de compreensão leitora, muito embora a resposta parece um pouco truncada.

A resposta da quinta questão, a qual trabalha o nível inferencial, foi a seguinte: “Fazer com que as crianças passem menos tempo nas ruas, mas eles não estão fazendo isso, por que ainda tem muitas crianças morando nas ruas”. Além da inferência realizada, percebe-se que o informante se posicionou criticamente sobre o tema.

A sexta questão não foi respondida.

A sétima questão foi respondida adequadamente, tal como a seguir: “É a prostituição infanto-juvenil, e suas fontes alimentadoras é o turismo sexual, fenômeno de grande incidência nas áreas menos desenvolvidas do país”. Consideramos que o aluno realizou a inferência corretamente.

A última questão foi respondida de maneira simples: “Sim, mas não conheço nenhum caso desse crime”. Consideramos a realização de um juízo de verdade, embora a resposta deixe lacunas.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão	X		X	
2ª Questão	X			X
3ª Questão	X		X	
4ª Questão	X			X
5ª Questão	X			X
6ª Questão	X			
7ª Questão		X	X	
8ª Questão		X		X

Quadro 14 - Questões em que o Informante Nº 14 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante nº 15

Questionário 01

O informante em questão respondeu ao primeiro questionário de maneira adequada, indicando-nos que alcançou os níveis de compreensão leitora investigados pelo presente trabalho.

A primeira resposta foi: “Corajoso, carrasco e impiedoso”. Podemos observar que está adequada ao que era esperado, sendo considerados três traços de personalidade, aliás, comuns à imagem do homem do sertão tradicional.

A resposta da questão seguinte foi a letra “c”, o que está errada. No entanto, nossa análise considera que houve a realização de inferência, no caso duas de três que haviam sido propostas.

A terceira questão foi respondida ao marcar a letra “d”, resposta correta e que nos aponta a realização de inferência.

O informante respondeu à quarta questão de um ponto de vista que não coincide com o do pesquisador. Ele afirmou: “Sim, porque ele matou e lhe trouxe o couro da onça”. Na nossa opinião, o filho não correspondeu às expectativas do pai, visto que foi jogado à força dentro da fumaça. De qualquer modo, o aluno realizou inferência, emitindo uma opinião própria.

A questão número 05 foi respondida adequadamente, ao relatar: “Não, porque o pai era autoritário e não aceitou seu filho como era”. Nessa resposta, observamos que o informante inferenciou corretamente.

A questão de número 06 trabalha o nível crítico de compreensão leitora. Foi respondida da seguinte forma: “Atitude desumana, por ele ter jogado o filho na fuma da onça”. Como se pode observar, o aluno emitiu um juízo crítico em relação ao ato do pai, o que nos aponta que alcançou o nível crítico de compreensão leitora.

As duas últimas questões trabalham também o nível crítico de compreensão leitora. As respostas estão adequadas e não estão em contradição. A sétima resposta foi: “Não, pois ele não tinha experiência e era só um garoto”. Podemos observar que a atitude do rapaz não foi criticada pelo aluno. A oitava resposta foi: “Atitude de proteção e cuidado”. Essa última resposta indica que houve um juízo de valor em relação à atitude do caçador. Com relação a ambas, podemos depreender que o aluno compreendeu criticamente o texto.

Questionário 02

As respostas deste informante às questões do segundo questionário do instrumento foram simples e diretas, mas nos indicam, contudo, que compreendeu o texto, muito embora pudesse ter sido mais completo em suas explicações.

Para exemplificar, vejamos a resposta da primeira questão, na qual afirma: “A família, pois só eles podem dar a proteção adequada às suas crianças”. O texto “Enxugamento de gelo” apresenta diversas instituições a quem caberiam a ação em questão, inclusive referindo-se ao poder público, o qual, aliás, é o principal responsável pelas ações, aí incluindo as ações de proteção à família.

A resposta seguinte apresenta apenas a sentença: “mas não como deveria”, o que nos indica que o informante se posicionou criticamente, uma vez que deduzimos que a resposta seria “**Sim**, mas não como deveria”. A essa questão falta aquilo que afirmamos anteriormente, ou seja, as respostas poderiam ser mais explicadas e mais completas.

A questão número 03 trabalha o nível inferencial de compreensão leitora ao solicitar que o aluno deduza quais as ações que devem ser realizadas para o combate à exploração sexual infantil. A resposta obtida foi: “Ampla programa voltado para o aconselhamento familiar”. O texto traz a questão da proteção à família, mas não de aconselhamento. De qualquer forma, consideramos que houve inferência nessa resposta.

A questão seguinte trata do importante tema da relação entre impunidade e crime, problemática essa que se pode ver diariamente na mídia televisiva. O informante respondeu: “Eles sabem que existe muita impunidade e por esse motivo acontecem essas atrocidades”. Consideramos que a resposta está adequada, embora, conforme afirmamos anteriormente, ela poderia ser mais completa.

A questão número 05 trata do papel das políticas públicas frente ao combate ao crime em questão, o que proporciona um posicionamento do aluno do ponto de vista crítico. Ele afirmou: “Não, pois quanto mais eles tentam conter esses crimes, mais acontecem”. Ele não respondeu a primeira pergunta, apenas a segunda e justificou. De qualquer forma, podemos perceber que ele acredita que não está tendo efeito, mas não explicou o porquê, parece-nos que justificou apenas a sua opinião individual. Há, entretanto, um julgamento, mesmo que incipiente.

A sexta questão foi respondida adequadamente da seguinte forma: “Falta de emprego, de oportunidades e de saneamento básico”. Esta resposta nos indica que houve a realização de inferência quanto ao tema abordado.

A resposta à sétima questão está respondida de maneira aparentemente inadequada. No entanto, uma análise mais profunda nos indica pelo menos que o informante realizou uma inferência, nos que diz respeito ao que foi questionado. Eis a resposta: “formação moral para os adolescentes, falta de emprego”. Sendo o principal agente desagregador da família a prostituição infanto-juvenil, caso houvesse emprego e formação moral, talvez esse mal não acontecesse. Essa foi nossa interpretação à resposta, o que nos aponta para a realização de inferência e também de um juízo de valor em relação à situação social do país.

Por fim, a última questão foi respondida adequadamente, embora pudesse ser mais completa. O informante afirmou: “Sim, existe problemas nas cidades pequenas”, o que nos indica que realizou um juízo de verdade, apontando para o nível crítico de compreensão.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão	X			
2ª Questão	X			
3ª Questão	X			
4ª Questão	X			
5ª Questão	X			
6ª Questão		X	X	
7ª Questão		X		X
8ª Questão		X		X

Quadro 15 - Questões em que o Informante Nº 15 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante nº 16

Questionário 01

Observando as respostas deste informante ao questionário do texto História para o Flávio, podemos perceber que ele apresentou respostas simples e diretas e, de uma maneira mais completa ou incompleta, praticamente todas estavam adequadas.

Na primeira resposta, apontou os seguintes traços da personalidade do caçador: “Rude, às vezes ignorante”. Entre outros traços, com certeza os que foram apontados estão adequados e nos indicam que realizou inferência, muito embora, muitos outros traços de personalidade pudessem ser apontados.

A questão número 02 foi respondida ao marcar a letra “c”, o que está errado, embora consideramos que houve a realização de inferência em dois itens propostos no quesito.

A questão seguinte foi respondida ao marcar a letra “d”, o que está correto, nos indicando que houve inferência na compreensão.

A resposta da quarta questão está adequada, embora particularmente o pesquisador discorde da resposta, pois o que está em questão é a realização de inferência ou reflexão crítica, qualquer que seja. O informante respondeu: “Sim, mas ele não se sentiu bem ao fazê-lo e do modo como aconteceu”. Consideramos que o aluno inferenciou, uma vez que construiu seu próprio pensamento com base nas informações dadas pelo texto.

A resposta da questão seguinte está adequada: “Não, Luizinho achava que pai era o que protegia, o que Luiz não o fez”. Aqui nessa resposta considerou-se que o informante inferenciou corretamente.

A resposta da sexta questão traz um julgamento de valor em relação à atitude do caçador: “Foi irresponsável na sua decisão”. Percebemos que o aluno alcançou o nível crítico de compreensão leitora.

As duas últimas questões trabalham o nível crítico, sendo a sétima questão um julgamento a respeito da atitude do filho do caçador e a oitava, um julgamento da atitude do próprio sertanejo. Ei-las, respectivamente: “Não, pois ele nunca tinha matado uma onça, era inexperiente” e “Tomar a frente da situação e proteger seu filho”. As duas respostas nos indicam que houve uma compreensão crítica do conteúdo.

Questionário 02

As respostas do segundo questionário nos apontam uma compreensão parcial do conteúdo veiculado pelo texto. Na primeira questão, por exemplo, o informante respondeu: “À família, porque tudo começa dentro do lar”. A resposta está inadequada, visto que o texto não direciona para a família a responsabilidade, mas sim para o Poder Público. Entretanto, nessa questão não consideramos como adequada a resposta, mas como realizada a inferência.

A resposta da questão número 02 traz um juízo de valor realizado pelo informante no que diz respeito ao trabalho das autoridades, o qual é julgado negativamente: “não, porque não aprovam leis mais severas contra esse crime”. Nessa resposta está patente que o informante alcançou o nível crítico de compreensão, inclusive relacionando o problema da criminalidade ao da impunidade.

A questão seguinte trabalha o nível inferencial de compreensão. Ao pedir ao aluno que enumere o que deve ser feito para combater o crime de exploração sexual infantil, incentiva-o a buscar um resumo do texto por inteiro. A resposta obtida foi: “as autoridades tomem atitudes mais rígidas com esses criminosos, abolindo a impunidade”. Entre várias ações propostas no conteúdo do editorial, apenas uma delas trata da questão da impunidade. Ainda assim podemos considerar uma inferência realizada, ainda que a resposta esteja incompleta.

A questão número 04 trata diretamente do problema da impunidade. O informante respondeu: “Acreditando na impunidade, é maior a incidência desses crimes”. Como se pode observar, a resposta está adequada e nos revela que o aluno se posicionou criticamente, além de ter realizado inferências sobre o problema.

Na resposta da quinta questão, o informante respondeu: “Identificar e punir infratores, mas não ocorre isso porque as leis abrem brechas para a impunidade”. A resposta está incompleta, embora um dos papéis do Estado seja mesmo o de combater a impunidade. Consideramos o posicionamento crítico do informante.

A sexta questão busca saber o que o aluno entende por agravamento das condições sociais do País, tendo sido respondida da seguinte forma: “A falta de oportunidade e condições de vida digna para a população”. Nessa resposta percebemos que o informante realizou inferências, assim como se posicionou criticamente.

A sétima questão teve por resposta: “A prostituição infanto-juvenil alimentada pelo turismo sexual”. Consideramos adequada a resposta, assim como percebemos que é resultado de inferência.

A última questão trabalha o nível crítico de compreensão leitora, na medida em que o informante se obriga a emitir um juízo de verdade em relação ao problema. A resposta foi: “Acho que há esse problema em qualquer lugar, mas na minha cidade não tomei conhecimento de nenhum”. Pela resposta, percebemos que o aluno fez o juízo de verdade sobre o fato, tendo alcançado o nível crítico de compreensão.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão	x		X	
2ª Questão	X			X
3ª Questão	X		X	
4ª Questão	X			X
5ª Questão	X			X
6ª Questão		X		X
7ª Questão		X	X	
8ª Questão		X		X

Tabela 16: Questões em que o Informante Nº 16 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante nº 17

Questionário 01

As respostas deste informante às questões do primeiro questionário do instrumento foram adequadas ao que era esperado, exceto pela resposta da segunda questão.

Observemos a resposta à questão que busca traços da personalidade do caçador. O informante afirmou que Luiz Gonçalves era: “Carrasco, calmo e não tinha medo de onça”. Ele se referiu a calmo no sentido de tranquilo diante das situações. A resposta foi considerada correta e nos apresenta a realização de inferência.

A segunda questão foi respondida através da letra “c”, o que está errada. Contudo, nossa análise considerou a realização de inferência em relação a duas opções das que foram apresentadas.

A resposta da terceira questão foi a letra “d”. A opção está correta e nos aponta para a realização de inferência corretamente.

A questão seguinte teve uma resposta adequada, visto que o informante respondeu: “Não, pois ele foi obrigado a matar a onça”. Essa resposta nos faz crer que é resultado da realização de inferência, visto que o informante agiu de acordo com o do conflito da narrativa.

A questão de número 05 também trabalha o nível inferencial de compreensão, e pede ao aluno que opine sobre a relação pai e filho. Ele respondeu: “Não, porque, para Luizinho, pai não é aquele que tranca o filho junto com a onça”.

Como se pode observar, a resposta está adequada e, dela, pode-se depreender que foi resultado de inferência.

A questão seguinte trabalha o nível de compreensão crítica, tendo sido respondida da seguinte forma: “Era um pai carrasco”. Pode-se observar que está explícito um juízo de valor sobre o pai de Luizinho, o que nos indica que houve uma reflexão sobre o seu comportamento.

A questão de número 07 também trabalha o nível de compreensão crítico, ao abordar a opinião do informante sobre a atitude do rapaz. O informante respondeu: “Não, porque a onça é um animal altamente perigoso”. Segundo o aluno, Luizinho não poderia ser chamado de covarde, visto que estava diante de um animal perigoso. Acreditamos que esta resposta traz implícito o julgamento de valor positivo, o que nos faz crer que alcançou o nível de compreensão crítico.

A última questão do primeiro questionário do instrumento investiga qual o juízo que o informante teve a respeito do comportamento do caçador. Ele afirma que deveria “ter ajudado o filho a matar a onça, como ele era pai, ele era que tinha de assassinar a onça”. Podemos observar que o aluno refletiu criticamente sobre a atitude em questão, tendo alcançado o nível crítico de compreensão leitora.

Questionário 02

Ao lermos rapidamente as respostas deste informante às questões do segundo questionário do instrumento de pesquisa, percebemos que houve compreensão nas questões, tanto em nível inferencial quanto crítico. A resposta da primeira questão é um exemplo de resposta correta: “Governo, porque cabe ao governo tomar decisões para resolver problemas sociais que atingem a população em geral”. Essa resposta, como se pode perceber, é resultado de inferência.

A resposta da questão número 02 é composta de um juízo de valor em relação ao trabalho das autoridades. O informante respondeu: “Não como deveria, pois eles dizem que fazem, mas ao final de tudo não fazem nada, não dão importância numa solução concreta, onde possa chegar a uma solução resolvida”. Como se pode perceber, há explícita uma crítica sobre as autoridades, de onde se depreende que alcançou o nível crítico de compreensão leitora.

A terceira questão trabalha o nível inferencial de compreensão leitora. A resposta do aluno foi: “Cuidar da criança, elemento básico para a formação dos

adolescentes, condição importante a criança”. Essa resposta está inadequada, embora possa ser considerada como resultado de inferência. No entanto, o cuidado com a criança e com os adolescentes fica implícito no texto.

A quarta questão, a qual trata do problema da impunidade foi respondida de maneira um tanto confusa. Observemos o que afirmou o informante: “Eles acabam com a impunidade, não haverá impunidade para ninguém e como isso se alimenta cada vez mais esses problemas”. Nossa análise considerou esta resposta, além de confusa, inadequada, uma vez que não se pode estabelecer uma coerência.

A questão número 05 foi respondida da seguinte forma: “Dá mais chance à população. Não. Pois, em muitos casos, não se faz justiça e acaba como estava, faz-se um crime sobre outro”. Essa resposta traz implícito um juízo de valor a respeito do papel das políticas públicas, neste caso, um juízo negativo. Podemos observar que alcançou o nível crítico de compreensão leitora.

A resposta da questão número 06 foi considerada adequada. Eis a resposta: “Que o pobre está cada vez mais pobre, e a chance de emprego é mínima no mundo atual, assim trazendo preocupação para a sociedade brasileira”. Essa afirmação é fruto de inferência e está correta, embora pudesse ser mais completa.

A sétima questão foi respondida como se segue: “Falta de emprego, melhores condições para crianças e uma formação moral para o adolescente. O governo que não impune criminosos que andam soltos por aí”. A resposta é resultado de inferência, pois o texto fala de prostituição infantil como principal agente desagregador da família. O informante não relacionou a desagregação da família à prostituição, mas à questão do desemprego.

Na última resposta, o informante afirmou: “Sim, um homem estuprou uma menina em um motel, e depois foi preso e hoje esta casado com ela”. Essa questão trabalha o nível crítico de compreensão leitora e foi respondida adequadamente, o que nos leva a crer que alcançou tal nível crítico.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão	X		X	
2ª Questão	X			X
3ª Questão	X		X	
4ª Questão	X			
5ª Questão	X			X
6ª Questão		X	X	
7ª Questão		X	X	
8ª Questão		X		X

Quadro 17 - Questões em que o Informante Nº 17 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante nº 18

Questionário 01

Ao ler as respostas deste informante às questões do primeiro questionário do instrumento de pesquisa, elas nos revelam que houve uma compreensão parcial do texto. A resposta da primeira questão, por exemplo, está inadequada, uma vez que não apresenta traços de personalidade, já que caçador e formoso matador de onças não podem ser assim considerados.

A resposta da segunda questão foi a letra “c”. Apesar de essa resposta estar inadequada, considerou-se a realização de inferência, no que diz respeito aos itens II e III.

A terceira questão foi respondida ao marcar a letra “d”, opção correta que é resultado da realização de inferência.

A resposta da quarta questão foi: “Sim, porque ele agiu por um instinto de sobrevivência”. Consideramos a resposta como adequada e é o resultado de inferência, embora, particularmente, acreditamos que o filho não correspondeu às expectativas do pai.

A quinta questão foi respondida adequadamente, uma vez que o informante disse: “Não, porque seu filho o viu como um carrasco, pois para ele, ser pai não é deixar um filho sozinho com uma onça”. A resposta é resultado de inferência.

A questão seguinte foi respondida de acordo com o que o informante acredita ser o ponto de vista do caçador. Ele afirmou: “Mestre Luiz queria que

Luizinho fosse um caçador igual a ele”. Embora não tenha alcançado o nível crítico de compreensão, chegou ao nível inferencial, uma vez que isso não está expresso no texto.

A sétima questão trata de um julgamento sobre a atitude do filho do caçador e foi respondida como se segue: “Não, pois nenhum homem tem coragem, se não tiver medo primeiro”. Consideramos a resposta adequada. Ela nos dá indícios de que o informante alcançou o nível crítico de compreensão, assim como na resposta seguinte, na qual desaprova o comportamento de mestre Luiz ao afirmar: “Ele deveria ter compreendido o filho, e ter ajudado naquele momento de aflição”.

Questionário 02

As respostas deste informante demonstram uma compreensão parcial do conteúdo do editorial. Por exemplo, a primeira resposta foi: “A família, porque cabe aos pais ter o maior cuidado com os filhos”. Como se pode perceber, a resposta está inadequada ao que era esperado, uma vez que cabe ao governo (ou Poder Público) essa ação. De qualquer forma, podemos considerar realizada a inferência.

A resposta da questão seguinte traz um juízo de valor sobre a ação das autoridades. Ele afirmou: “Sim, mas cada vez fica mais difícil de resolver, pois as autoridades sozinhas não estão sendo capazes”. A resposta está adequada e implica em um juízo crítico sobre a questão.

A resposta à questão número 03 é resultado de inferência. Está, contudo, em descompasso com o texto, mesmo apresentando ações que podem ajudar a minimizar o problema. Eis a resposta: “Deveriam fazer palestras escolares a respeito do assunto, os pais deveriam conversar e conscientizar seus filhos sobre os assuntos, como se proteger”. Observamos que, mesmo inadequada, é resultado de uma inferência.

A questão número 04 trata do problema da impunidade e proporciona ao informante que reflita criticamente em relação a um tema muito recorrente. Ele afirmou: “É o papel do incentivo, pois quando crimes dessa natureza ocorrem e ficam impunes, dá lugar a mais criminosos que pensam em atuar”. Pode-se observar que a resposta está adequada e que o aluno se posiciona de maneira crítica.

A quinta questão trabalha tanto o nível crítico quanto inferencial. O informante respondeu que as políticas públicas têm o papel de: “Receber denúncias e tentar resolvê-las. O efeito é muito pouco, pois os crimes são muitos. Quanto mais aumentam as denúncias, aumentam mais as violências, para serem combatidas”. Consideramos a resposta adequada ao contexto, indicando que houve inferência e reflexão crítica sobre o tema.

A resposta da questão seguinte foi: “A falta de emprego, e de educação. Nesse caso, a educação é o que mais está necessitando”. A resposta está correta e nos indica tanto a realização de inferência quanto de uma reflexão sobre a situação social no país.

A resposta da sétima questão está adequada: “É a prostituição infanto-juvenil e sua fonte alimentadora e o turismo sexual”. Uma lida no texto mostra que a resposta está em compasso com seu conteúdo, o que nos indica a realização de inferência.

A última questão trabalha o nível de compreensão crítica. A resposta obtida foi: “Sim. Sim. Casos de estupros envolvendo menores são constantes em cidades de pequeno porte”. Consideramos a resposta adequada, ou seja, o informante alcançou o nível crítico de compreensão

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão			X	
2ª Questão	X			x
3ª Questão	X		x	
4ª Questão	X			x
5ª Questão	X			x
6ª Questão	X			x
7ª Questão		X	x	
8ª Questão		X		x

Quadro 18 - Questões em que o Informante Nº 18 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante nº 19

Questionário 01

O informante respondeu o questionário de maneira adequada, embora tenha errado a segunda questão. Do ponto de vista da realização de inferências e da reflexão crítica, que são indícios dos níveis de compreensão investigados, podemos afirmar que obteve sucesso, ou seja, alcançou os referidos níveis em suas respostas.

Na primeira questão, respondeu que Mestre Luiz era: “Autoritário, impiedoso e apegado”. Os dois primeiros adjetivos podem ser considerados traços de personalidade; o terceiro não especifica a que o personagem seria apegado. De qualquer modo, consideramos como resultado de inferência.

Na questão número 02 foi respondida a letra “b”, a que está errada. Contudo, a opção que o aluno escolheu considera apenas o terceiro item correto, ao invés dos três e nos aponta para a realização de uma inferência.

Na questão seguinte foi escolhida a letra “d”, opção correta e que nos aponta a realização de inferência.

A quarta questão obteve a seguinte resposta: “Sim, porque ele matou a onça e trouxe o couro como ele ordenou”. Do ponto de vista do aluno está correta a resposta e aponta para a realização de inferência.

A questão número 05 foi respondida adequadamente, daí concluímos que houve inferência na composição da resposta. Segue a resposta: “Não, porque, para Luizinho, quem coloca o filho em perigo, não é pai e sim carrasco”.

A próxima resposta traz explícito o julgamento que o informante fez sobre o comportamento do caçador. Ao afirmar: “Ao ver que seu filho tinha medo, ele resolveu ensiná-lo trancando na fumaça da onça, mas essa não seria a melhor solução, pois colocou a vida do seu filho em perigo”. Fica claro que o aluno se posicionou criticamente, o que nos faz crer ter alcançado o nível crítico de compreensão leitora.

As duas questões seguintes, a sétima e oitava, foram respondidas adequadamente. Ambas trabalham o nível crítico de compreensão. A sétima investiga, indiretamente, o que o informante pensa sobre o comportamento do filho e a oitava investiga sobre o comportamento do pai. Eis as respostas, respectivamente:

“Não, porque ele ainda era novo e também não tinha obrigação de seguir a mesma profissão do pai” e “Ter tentado acalmar o filho e ter entrado na fumaça da onça junto com ele para proteger”. Podemos observar que as respostas não se contradizem e trazem implícita a opinião crítica do informante.

Questionário 02

Uma leitura nas respostas deste informante às questões do segundo questionário nos apresenta um leitor com uma compreensão adequada da problemática da exploração sexual infantil. Nem todas as respostas estão adequadas, como é o caso da primeira: “O próprio ambiente familiar”, visto que a ação decidida a que se refere o editorial cabe ao Poder Público. Ainda que algumas respostas pudessem ser mais completas, de um modo geral, as respostas foram maduras e adequadas.

A segunda questão, por exemplo, foi respondida da seguinte forma: “Sim, mas ainda falta um longo caminho a ser percorrido, pois muitas leis ainda estão só no papel”. Pode-se perceber que a resposta, além de ser resultado de inferência, traz consigo uma reflexão crítica sobre as leis no país.

A terceira questão foi respondida da seguinte forma:

As políticas públicas devem criar uma rede de proteção em torno das crianças e adolescentes e a ação também deve começar pelo o próprio núcleo familiar e cabe ao poder público, dar suporte às carências dos núcleos familiares.

Essa resposta, copiada do texto, pode ser considerada como correta, ainda que existam mais ações a serem enumeradas como, por exemplo, ações voltadas para a repressão de redes criminosas. Aqui se pode considerar que foi resultado de inferências.

A questão seguinte foi respondida adequadamente e indica que o informante se posicionou criticamente sobre o conteúdo. O aluno afirmou: “Como é um crime hediondo, se for prescrito e os culpados não forem punidos, assim, a exploração sexual contra crianças e adolescentes aumentará”.

A resposta da questão número 05 foi: “Antes de tudo ela tem que se fundamentar na proteção da criança e do adolescente, pondo-os salvo de qualquer

ação criminosa. Não, porque a exploração sexual vem aumentando a cada dia que passa, não só no Brasil como também no mundo inteiro”. Essa resposta nos indica que o informante se posicionou criticamente sobre o que foi investigado.

A sexta questão foi respondida adequadamente, embora pudesse ser mais explorada pelo informante. Ele afirmou: “Aumento da pobreza, miséria e etc”. Nessa resposta fica claro que houve a realização de inferência, sem o aprofundamento da reflexão crítica.

A questão de número 07 foi respondida adequadamente, afirmando: “Prostituição infanto-juvenil e se alimenta do turismo sexual”. Podemos perceber que o informante inferenciou ao responder a questão.

A última questão foi respondida de maneira simplificada, pois o informante apenas disse: “Sim. Não”. Como se pode observar não há uma reflexão crítica sobre o que foi questionado.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão	X		X	
2ª Questão	X			X
3ª Questão	X		X	
4ª Questão	X			X
5ª Questão	X			X
6ª Questão		X	X	
7ª Questão		X	X	
8ª Questão		X		

Quadro 19 - Questões em que o Informante Nº 19 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante nº 20

Questionário 01

Parte superior do formulário:

As respostas deste informante ao primeiro questionário nos indicam que o aluno compreendeu o texto parcialmente, uma vez que não respondeu todas as questões adequadamente, tendo restado uma delas em branco.

A primeira questão foi respondida da seguinte forma: “Corajoso, autoritário, destemido”. Podemos observar que a resposta está adequada ao que era esperado, uma vez que apresenta traços de personalidade.

A resposta da pergunta seguinte foi a letra “b”, ou seja, está errada, ainda que contenha uma inferência realizada, dentre as três que foram propostas no quesito.

A resposta de número 03 foi a letra “d”, ou seja, podemos considerar que o informante realizou uma inferência adequadamente.

A quarta questão obteve a seguinte resposta: “Sim, porque mesmo contra sua vontade, Luizinho correspondeu às expectativas do pai”. Essa resposta, embora não nos pareça adequada, indica que houve uma inferência.

A questão de número 05 foi respondida adequadamente pelo informante: “Não, porque Luizinho não considerava pai uma pessoa que expõe o filho ao perigo”. Essa resposta nos indica que o informante inferenciou em relação ao problema em questão.

A sexta questão, a qual trabalha o nível crítico de compreensão, ficou em branco. Significa que esse aluno não se posicionou criticamente ou não compreendeu o enunciado.

As duas últimas questões trabalham o nível crítico de compreensão, e foram respondidas adequadamente pelo informante e estão em coerência com o texto. A sétima foi respondida da seguinte forma: “Não, pois o medo de se expor ao perigo não pode ser considerado covardia”. A oitava: “Deveria ter ficado junto ao filho protegendo-o, pois ele ainda não se encontrava preparado para a missão”. Podemos observar que as respostas estão adequadas ao que era esperado.

Questionário 02

As respostas deste informante ao segundo questionário indicam que compreendeu o editorial adequadamente, tendo refletido criticamente sobre o problema da exploração sexual infantil.

A primeira questão foi respondida afirmando que cabe: “Ao poder político, porque pode criar leis de proteção a criança e fazer com que essas leis sejam cumpridas”. Essa resposta está adequada e nos indica que o aluno inferenciou adequadamente ao elaborar sua resposta.

À segunda questão, o informante respondeu: “Não, porque a primeira ação para resolver o problema é criar condições de dignidade à família dessas crianças e adolescentes e também a impunidade, omissão e corrupção”. Como se pode observar, o aluno refletiu criticamente sobre a ação das autoridades, a qual julgou deficiente, em face dos problemas da impunidade etc.

A terceira resposta também está adequada, embora repita o que disse na afirmação anterior, não deixou de citar a proteção à família. Ei-la: “Combater a corrupção, a impunidade, a omissão nessa área e proteger a família para que seus filhos recebam os elementos básicos para sua formação moral, afetividade disciplinar”. Essa resposta é resultado de inferência.

A quarta questão foi respondida como se segue: “Como não há ninguém para punir esses criminosos, cada vez mais aumenta o número de crianças e adolescentes que sofrem com esses crimes”. A resposta obtida indica que o informante refletiu criticamente sobre o problema.

A questão número 05 trabalha o nível inferencial ao solicitar do informante sua opinião sobre o papel das políticas públicas frente ao que é tratado no texto; e trabalha também o nível crítico, ao questionar se as políticas públicas estão tendo efeito. A resposta foi: “Criar leis e uma rede de proteção em torno dessas crianças e adolescentes. Não, pois essas leis não precisam ser só criadas, é preciso que aconteçam”. O informante alcançou tanto nível inferencial quanto crítico nessa resposta.

À questão seguinte, o informante respondeu: “As condições sociais do país em vez de melhorar pioram muito mais”. A resposta traz implícita uma crítica sobre a questão social no nosso país.

A sétima questão foi respondida adequadamente ao afirmar: “É a prostituição infanto-juvenil e uma de suas principais fontes alimentadoras é o turismo sexual”. Nossa análise considerou a resposta como resultado de uma inferência.

A última questão foi respondida simplesmente com um “Sim”, o que nos indica que não houve reflexão crítica sobre o conteúdo abordado.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão	X		X	
2ª Questão	X			X
3ª Questão	X		X	
4ª Questão	X			X
5ª Questão	X			X
6ª Questão				X
7ª Questão		X	X	
8ª Questão		X		

Quadro 20 - Questões em que o Informante Nº 20 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante nº 21

Questionário 01

As respostas deste informante ao questionário de compreensão aplicado ao texto História para o Flávio demonstram que o aluno respondeu inadequadamente três questões das oito propostas e, das cinco que foram respondidas adequadamente, pelo menos duas poderiam ser mais completas.

As questões respondidas inadequadamente foram a primeira, a segunda e a quinta. Observemos as respostas dessas perguntas:

A primeira: “Caçador e famoso matador de onça”. Esta resposta nos indica que o aluno não inferenciou, visto que o que afirmou está expresso no texto claramente.

Na segunda, foi respondida letra “a”, resposta errada, mas indica a realização de apenas uma inferência, entre três que foram propostas.

A quinta resposta foi considerada inadequada: “Não, porque Luizinho pensava diferente de seu pai”. Essa resposta, na verdade, está mal justificada, ou melhor, não está justificada e nos indica que o informante não realizou a inferência.

As demais questões estão adequadas, embora as respostas pudessem ser mais completas. À exceção da terceira questão, a qual só pode ser marcada uma opção sem justificativa, tendo sido marcada a letra “d”, o que está correto.

A quarta questão foi respondida pelo aluno como se segue: “Sim, pelo o fato de Luizinho ter matado a onça que o pai tanto queria”. Fazemos aqui a mesma análise que fizemos em respostas semelhantes de outros informantes, nas quais

afirmamos considerar adequada a resposta e sua inferência apesar de discordarmos que Luizinho tenha correspondido às expectativas do pai.

A questão seguinte foi respondida afirmando: “De um pai que só pensava em dar a mesma educação que tivera para seu filho Luizinho”. Apesar de isso não estar expresso no texto e de o aluno estar reproduzindo o ponto de vista do caçador, consideramos como realizada a inferência e como adequada a resposta.

As duas últimas questões trabalham o nível crítico de compreensão leitora, nas quais o informante é levado a emitir juízos de valor em relação à atitude de pai e filho. À sétima questão, na qual o comportamento do filho é avaliado, respondeu: “Não, pois são poucos que tem coragem de ficar com um animal feroz cara a cara”. Na oitava: “Poderia defendê-lo e matado a onça”. As respostas estão adequadas e nos apontam para a realização de reflexão crítica.

Questionário 02

As respostas do segundo questionário deste informante nos apontam uma compreensão limitada do tema veiculado no editorial. Observemos a primeira resposta: “Família, porque a ação deve começar pela proteção do próprio núcleo familiar”. O aluno compreendeu equivocadamente, pois a ação decidida a que se refere cabe às políticas públicas e não à família e essas ações englobam a proteção do núcleo familiar.

A questão seguinte foi respondida como se segue: “Sim, políticas públicas tendem a combater a esse mal, principalmente começando pela prevenção”. Nesta resposta, pode-se observar que o aluno se posicionou criticamente, positivando o trabalho das autoridades.

A terceira resposta está bastante resumida, mas correta: “Preservação do próprio ambiente familiar”. Consideramos aqui a inferência realizada, apesar de existirem outras ações apontadas no caso.

A quarta questão foi respondida de maneira um pouco truncada, mas de forma a ser possível depreender o seu conteúdo. Ele afirmou: “Porque com a impunidade, não fizeram nada para combater isso aí, e vai aumentar o número de casos, pois os agressores vão se sentir mais confiantes”. Nessa resposta, podemos verificar que o informante refletiu criticamente sobre a problemática da impunidade.

A próxima questão foi respondida pelo informante afirmando que o Poder Público deve: “Criar leis que possam acabar com isso e punir severamente os agressores. Não, porque a cada dia o número de casos aumenta”. Nessa resposta fica patente o posicionamento crítico do informante, de onde se depreende que foi alcançado o nível de compreensão crítico.

A sexta questão foi respondida da seguinte forma: “Ampliam a base para que a exploração sexual de crianças e adolescentes, etc”. A resposta está adequada e é resultado da realização de inferência.

A sétima questão foi respondida corretamente, afirmando: “A prostituição infanto-juvenil e se alimenta do turismo sexual”. Como se pode observar, houve a inferenciação para o informante compor a resposta.

A última questão, a qual trabalha o nível crítico de compreensão, foi respondida de maneira simples, nos apontando, contudo, a realização de um juízo de verdade. Eis a resposta: “Sim sofrem, porém não conheço nenhum caso”.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão				
2ª Questão	X			X
3ª Questão	X		X	
4ª Questão	X			X
5ª Questão				X
6ª Questão	X		X	
7ª Questão		X	X	
8ª Questão		X		X

Quadro 21 - Questões em que o Informante Nº 21 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante nº 22

Questionário 01

Ao perguntar quais os traços da personalidade do caçador, a intenção era que o informante buscasse, nas informações dadas, indícios comportamentais que fizessem os informantes concluírem a informação solicitada. No entanto, grande parte dos alunos, assim como este informante, apontou os traços a seguir: “Caçador

e formoso matador de onças”, o que não são traços de personalidade, mas características dadas pelo texto.

A segunda questão foi respondida ao marcar letra “c”, o que está errado. No entanto, consideramos as duas inferências realizadas, em face das três propostas.

A terceira questão foi respondida letra “b”, o que está inadequado. Nessa questão não consideramos que foi realizada inferência.

A quarta questão também foi respondida de maneira inadequada, visto que o aluno afirmou: “Sim, porque ele matou a onça e levou o couro para o pai”. Contudo, nossa análise considerou a inferência realizada mesmo sendo diferente do que o pesquisador pensou.

A questão seguinte explora o nível inferencial, mas também pode ser respondida de maneira crítica. O informante afirmou: “Não, na visão de Luizinho pai que é pai não tranca o filho numa fuma com uma onça”. Consideramos aqui a realização de uma inferência.

A sexta questão foi respondida do ponto de vista do pai de Luizinho: “Queria mostrar que o filho era capaz de matar a onça”. Aqui, consideraremos que a inferência foi realizada.

As duas últimas questões trabalham o nível crítico de compreensão, sendo a sétima questão um julgamento sobre a atitude do filho do caçador, tendo sido respondido o seguinte: “Não, só porque o pai dele tem coragem de matar a onça, ele não vai ter”. A oitava questão foi respondida como se segue: “Ter ficado com ele na fuma”. Em ambas as questões o informante alcançou o nível crítico de compreensão.

Questionário 02

Uma leitura nas respostas deste informante nos apresenta um aluno com uma compreensão parcial do editorial “Enxugamento de gelo”. Por exemplo, a resposta da primeira questão foi: “As crianças, porque sem uma ação decisiva para proteger esses seres indefesos e vulneráveis”. Essa resposta está inadequada e não pode ser atribuída a inferência.

A segunda questão foi respondida de maneira simples, apenas com um “Não”, o que nos indica que não houve um posicionamento crítico por parte do informante.

A questão seguinte foi resultado de inferências, embora esteja incompleta. Consideramos a resposta correta porque as ações a que o questionamento se refere, resultam naquilo que o informante afirmou: “Que a família seja provida das condições de dignidade mínima: emprego, moradia, saúde e educação”.

A quarta questão foi respondida da seguinte forma: “Punir aqueles que cometeram crime, fazendo com eles paguem e que possam sentir um pouco da dor que as vítimas passaram”. Essa resposta está em descompasso com o que foi questionado, sendo que não é resultado de inferências.

A questão seguinte foi respondida como se segue: “Prevenção do próprio ambiente familiar. Não, esse segmento continuará a ser um eterno ‘enxugamento de gelo’”. Consideramos a resposta adequada e, resultado de inferências, bem como, identifica-se que há um posicionamento crítico por parte do informante.

A questão número 06 foi respondida inadequadamente, como se pode observar: “Que a sociedade desse país, vem se agravando, prejudicando as condições”. A resposta parece uma tautologia. Não se identifica inferência nem tampouco reflexão crítica.

A questão número 07 também foi respondida de maneira inadequada, ou melhor, a resposta, ainda que coerente, não responde ao que foi questionado. O informante afirmou: “Falta de emprego, moradia, saúde e educação. O governo que não ajuda”.

Na última questão, o informante simplesmente respondeu: “Sim. Não conheço”. Como se pode observar, o informante não se aprofundou na resposta, mesmo que a consideremos como respondida. Para fins de nossa análise, essa resposta não é suficiente para identificar se houve reflexão crítica ou juízo de verdade.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão				
2ª Questão	X		x	
3ª Questão				
4ª Questão	X			
5ª Questão	X		X	
6ª Questão	X			
7ª Questão		X		
8ª Questão		X		

Quadro 22 - Questões em que o Informante Nº 22 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante nº 23

Questionário 01

As respostas deste informante às perguntas do primeiro questionário do instrumento de pesquisa demonstram que a compreensão do texto foi parcial. Encontramos algumas respostas adequadas e outras inadequadas.

Observemos a resposta da primeira questão: “ele era uma pessoa autoritária, impiedosa e moralista”. Essa resposta nos indica que o aluno realizou inferências, por ter respondido adequadamente.

Na segunda questão, por sua vez, foi respondida a letra “b”, ou seja, o aluno acredita que apenas o item III está correto. Seguindo nossa metodologia de análise, podemos considerar apenas uma inferência realizada, diante de três pesquisadas, ainda que a resposta em si esteja incorreta.

A terceira questão foi respondida ao marcar a letra “d”, resposta correta e que aponta para a realização da inferência.

A resposta seguinte se apresenta inadequada em relação ao texto. O aluno informou: “sim, porque o pai ficou a espera do filho que tivera de levar o couro da onça”. Pode-se observar que o informante não realizou inferência, visto que as expectativas do caçador eram as de que seu filho matasse a onça logo no primeiro momento, o que não aconteceu.

A resposta da quinta questão está parcialmente correta, faltando-lhe uma justificativa mais adequada, ou mais clara. O informante respondeu: “não, porque seu pai estava colocando sua vida em perigo”. Acreditamos que a inferência foi

realizada, pois a justificativa, embora um pouco confusa diante da questão, implica que o informante entendeu o problema.

A questão de número 06 foi respondida adequadamente, embora não tenha ficado claro se o aluno critica ou não a conduta do caçador. Eis a resposta: “ele era muito duro, ou seja, era rígido e queria que seu filho fosse como ele era”. Parece-nos que, ao afirmar que ele era muito duro, está se posicionando em relação ao fato. Por isso, acreditamos que houve um juízo de valor.

As respostas das duas últimas questões estão em acordo entre si. Na sétima questão, não condena a postura de Luizinho ao responder: “Não, porque mesmo quem tem costumes de caçar onça essa grandes animais tem medo. Por isso não poderia ser chamado de covarde”. Na oitava questão, desaprova a atitude do caçador, respondendo: “Deveria ter ajudado seu filho, ou seja, lhe protegido e lhe tirava do lugar aonde estava e colocado em um lugar seguro”. As duas respostas nos indicam que alcançou o nível crítico de compreensão leitora.

Questionário 02

As respostas deste informante ao segundo questionário estão mais claras do que as do questionário anterior. A primeira resposta, contudo, está inadequada, pois não cabe somente aos “aos deputados fazerem leis para que acabar com isso, porque se eles fazem leis rígidas diminuiria mais isso tudo”. O próprio texto aponta diversas respostas, entre as quais, ações do Poder Público.

A resposta da questão seguinte, por sua vez, nos indica que o informante se posicionou criticamente. Ele afirmou: “Sim. Porque em certos lugares vem a diminuindo isso já um sinal de que estão trabalhando contra a exploração sexual”. A resposta está adequada ao que era esperado.

A resposta da terceira questão também está adequada, embora pudesse ser mais completa. Ele respondeu: “realizações de programações com o objetivo de sensibilizar a sociedade e as autoridades para uma das chagas mais vergonhas da realidade social brasileira”. Essa afirmação nos indica que o aluno possui uma compreensão crítica da questão.

A questão de número 04 parece não ter sido bem compreendida. O informante afirmou:

Isso vem a falar das crianças que acontecem no dia-a-dia, que muitas fazem o que querem por exemplo matam, estupram, roubam isso por tudo não tem justiça, eles não pagam pelo o que fazem, vão presos mais pagam fiança e são libertos na mesma hora, com isso fazem a mesma coisa outra vez.

A questão tratava da impunidade em relação aos criminosos que cometem a pedofilia e não aos infratores mirins, a quem o informante parece se referir. Isso nos indica que não se posicionou criticamente em relação ao questionado.

A questão seguinte trabalha o nível inferencial e foi respondida adequadamente da seguinte forma: “retira as crianças das ruas, das drogas pouco mais ta fazendo efeito. porque retiram uns das ruas, esses se conscientizam e querem se recuperar e outros não”.

A resposta seguinte também indica uma má compreensão do enunciado. O aluno afirmou: “É quem aplica a base para que a exploração sexual de criança e adolescente se intensificasse”. O que ele afirmou está correto, embora não responda à questão, o que nos indica que não houve um posicionamento crítico.

A resposta desta questão está adequada. Ele respondeu:

No Brasil porém, o principal agente desagregador é a prostituição infanto-juvenil, uma realidade onipresente em todo o território nacional. Uma de suas principais fontes alimentares é o turismo sexual fenômeno de grande incidência nos povos menos desenvolvidos do país, sobretudo no nordeste.

Essa resposta nos indica que houve a realização de inferência.

Por fim, a última questão foi respondida pelo aluno da seguinte forma: “Não conheço nenhum caso desses, mas com certeza aqui em nossa cidade acontece esse tipo de problema”. Podemos perceber que o informante possui um juízo de verdade em relação ao problema pesquisado, o que nos indica que alcançou o nível crítico de compreensão.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão	X			
2ª Questão	X			X
3ª Questão	X			X
4ª Questão	X			
5ª Questão		X	X	
6ª Questão		X		
7ª Questão		X	X	
8ª Questão		X		X

Quadro 23 - Questões em que o Informante N° 23 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante nº 24

Questionário 01

As respostas deste informante às perguntas do primeiro questionário do instrumento de pesquisa nos apresentam uma compreensão parcial do texto. Observamos que algumas questões foram respondidas inadequadamente. É o caso da primeira resposta, na qual afirmou que Mestre Luiz é: “caçador e matador de onças”, resposta que não apresenta traços de personalidade, de onde se percebe que não houve inferência.

A questão seguinte também está inadequada, tendo sido respondida a letra “b”. No entanto, consideramos aqui a realização de uma inferência, entre três propostas na questão.

A terceira questão foi respondida ao marcar a letra “d”, resposta correta e nos aponta a realização de inferência.

A quarta questão foi respondida adequadamente como se segue: “Não, porque seu pai pensava que seu filho era capaz, mas isso não era serviço para ele”. Pode-se perceber que a justificativa parece um pouco truncada, mas podemos considerar a realização de inferência.

A questão seguinte foi respondida afirmando: “Não, porque seu filho não queria ser caçador”. A resposta está correta, embora sua justificativa pareça não estar relacionada ao que foi perguntado. De qualquer forma, consideramos que houve inferência.

A questão número 06 foi deixada em branco, de onde percebemos que não houve inferência.

A questão seguinte foi respondida adequadamente, afirmando: “Não, sentir medo não é covardia”. Nessa resposta consideramos que foi realizada uma reflexão crítica sobre o comportamento do filho do caçador.

À última questão foi respondida como se segue: “Não ter colocado seu filho em perigo, pois era a primeira vez que ia matar uma onça, sem experiência de fazer o que seu pai determinou”. Aqui consideramos que o informante alcançou o nível crítico de compreensão.

Questionário 02

As respostas deste questionário, assim como o anterior, indicam uma compreensão parcial sobre o conteúdo do editorial “Enxugamento de gelo”. A primeira questão foi respondida da seguinte forma: “Os seres indefesos, porque não tinha preservação do próprio ambiente familiar”. A resposta não atende ao que foi questionado, de onde se percebe que não foi realizada uma inferência.

A resposta seguinte traz um posicionamento crítico em relação ao trabalho das autoridades. O aluno afirmou: “Não, porque o país ainda está fazendo um programa de sensibilizar a sociedade e as autoridades para esse problema”. Essa resposta nos indica que o informante possui uma opinião crítica sobre o conteúdo da questão.

A terceira questão foi respondida adequadamente. O aluno afirmou: “Prevenir e implica em criar uma rede de proteção, entorno das crianças e adolescentes, pondo-os a salvos dos tentáculos criminosos, a ação deve começar pela proteção da própria família”. Essa resposta nos indica que houve a realização de inferência.

A questão seguinte foi respondida de maneira inadequada, embora o que tenha sido afirmado esteja correto, não responde ao que foi questionado. Eis a resposta: “As condições sociais do país aplicam a base para que a exploração sexual na desagregação dos núcleos familiares, o aumento da pobreza a articulação do crime organização em nível nacional e internacional”. Nessa resposta não se vislumbra nem inferência nem reflexão crítica.

A questão seguinte foi respondida parcialmente:

Não, porque quando se combate um criminoso, eles passam pouco tempo no presídio, e quando sai fazem a mesma coisa. A política tem feito, mas a justiça não. Na política, eles fazem o máximo para a segurança da população.

Nessa resposta observamos que houve uma reflexão crítica, o que nos indica que alcançou o nível crítico de compreensão.

A sexta questão foi respondida inadequadamente, pois o que foi afirmado nada tem a ver com o que foi perguntado: “É a revolução da tecnologia dos meios de comunicação e da internet trouxe um adendo mais agravante”. Nessa resposta, consideramos que não foi realizada inferência.

A próxima questão foi respondida adequadamente, como se pode observar: “No Brasil, porém, o principal desagregador é a prostituição infanto-juvenil, uma realidade onipresente em todo o território nacional”. Essa resposta nos indica que o informante realizou inferência.

A oitava questão foi respondida de maneira confusa: “Em cidades pequenas ainda não existe só por esse motivo, mas como está o mundo de hoje, até em cidades pequenas existe menor, do que em cidade grande, porque a droga, a prostituição e exploração sexual esta em quase toda parte”. Não se pode depreender, nessa resposta, se o informante pensa que existe ou não o tipo de crime em questão nas cidades pequenas.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão				
2ª Questão	X			x
3ª Questão	X		X	
4ª Questão	X			
5ª Questão	X			X
6ª Questão				
7ª Questão		X	X	
8ª Questão		X		

Quadro 24 - Questões em que o Informante Nº 24 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

Informante nº 25

Questionário 01

O informante em análise respondeu às questões do primeiro questionário de maneira parcialmente adequada. A primeira e a segunda questões estão com respostas inadequadas. As demais estão corretas.

Observemos a primeira resposta: “Caçador e famoso matador de onças, só queria bem duas coisas no mundo”. Essa afirmação não responde ao que foi solicitado, ou seja, que o aluno apontasse traços da personalidade do caçador, de onde se percebe que não foi realizada inferência.

A questão número 02 foi respondida ao marcar a letra “b”, o que está errado. Contudo, consideramos nesse quesito a realização de uma inferência.

Na questão seguinte, foi respondida a letra “d”, o que está correto e nos aponta a realização de inferência.

A quarta questão foi respondida ao afirmar: “Sim, porque matou a onça, para depois voltar em casa como seu pai ordenou”. Conforma análise anterior, consideramos aqui a inferência realizada.

A quinta questão foi respondida inferencialmente. O informante afirmou: “Não, Luiz queria ensinar o filho na marra, colocando-o em perigo. Luizinho queria um pai que o protegesse dos perigos”.

A questão seguinte, a qual trabalha o nível crítico de compreensão, foi respondida como a seguir: “Que não tem amor ao filho, pois ele poderia ter morrido com a atitude do pai”. Aqui percebemos que houve um julgamento da atitude do pai, a qual poderia ter matado o filho.

A sétima questão foi respondida de maneira confusa, pois o que o aluno afirmou não responde ao que foi perguntado: “Não, ele tem que amar a vida em não querer matar a onça, pois ele e seu pai são pessoas completamente diferentes”.

A última questão trabalha o nível crítico de compreensão trazendo um julgamento da atitude do pai: “Ter ajudado o filho, essa é uma atitude que todo pai que ama seu filho de verdade faria”. Percebe-se que a atitude do caçador é reprovada, o que nos aponta a realização de uma reflexão crítica sobre a questão.

Questionário 02

As respostas deste questionário, referente ao editorial, nos indica que o informante compreendeu mais adequadamente do que o anterior. Percebe-se que as respostas estão mais completas e são resultado de reflexão crítica.

Observemos a primeira resposta: “As autoridades, elas têm o poder para fazer com que esses crimes não aconteçam, depende delas a segurança desses seres indefesos que não tem a quem recorrer para ajudá-lo”. A resposta está adequada e nos indica que o informante realizou inferência.

A questão de número 02 foi respondida adequadamente. O aluno afirmou: “Não, o mundo tem tanta corrupção e injustiça que quem deveria estar pagando por seu crime está solto só porque tem dinheiro, a lei desse país precisa ser mudada pois o dinheiro sempre prevalece”. A reflexão deste informante, bem como sua resposta, foram construídas a partir da crítica à corrupção e à justiça.

A questão seguinte foi respondida adequadamente, assim como a anterior. Eis a resposta: “Acabar com a corrupção e a impunidade, dar mais apoio às famílias e mudar a lei para a preservação da criança e do adolescente, pois a lei não causa mais medo a ninguém”. Percebe-se aqui, novamente, uma reflexão crítica e a realização de inferência.

A próxima questão foi respondida de maneira adequada, tratando do tema da impunidade com coerência. Observemos a resposta: “Os criminosos acham que podemos fazer tudo e nada vai acontecer, por isso é tão difícil combater esses crimes. E eles realmente estão certos, a impunidade é a melhor arma que eles têm para fazer o que fazem”. Nessa resposta, percebemos que o informante realizou uma reflexão crítica sobre o problema.

A quinta questão foi respondida corretamente, embora pudesse ser mais completa. Ele afirmou: “Dar apoio às famílias mais pobres, pois elas não têm condições de proteger seus filhos e educar, eles então vão procurar isso em outro lugar e acabam sofrendo esses abusos. Mas infelizmente eles não estão fazendo nada”. Essa resposta deixa patente que o aluno se posicionou criticamente e percebemos a realização de inferência.

À sexta questão o informante respondeu: “Onde está crescendo cada vez mais a violência, devido a varias coisas, principalmente a falta de diálogo com os pais, a pobreza e os meios de comunicação como a internet”. Percebemos que o

que foi afirmado pelo informante não responde adequadamente ao que foi perguntado, motivo pelo qual concluímos que não alcançou o nível crítico nem inferencial de compreensão.

A sétima questão foi respondida de maneira inadequada: “A ação do crime organizado e a impunidade é sua fonte de alimentação”. Essa afirmação é resultado de inferência. Responde diretamente ao que foi perguntado, mas está em desacordo com o texto, uma vez que esse afirma que é a prostituição infantil a fonte desagregadora da família.

A última questão trabalha o nível crítico de compreensão, solicitando do aluno um juízo de verdade. O informante afirmou: “Não, pois fica mais fácil de ser descoberto na minha cidade não tenho notícias de um crime desses”. A resposta, que é individual, nos aponta um informante possuidor da noção da realidade, se posicionando perante o julgamento que realiza, o que nos indica que alcançou o nível crítico de compreensão.

	1º Questionário		2º Questionário	
	Nível inferencial	Nível crítico	Nível inferencial	Nível crítico
1ª Questão			X	
2ª Questão	X			X
3ª Questão	X			X
4ª Questão	X			X
5ª Questão	X			X
6ª Questão		X		
7ª Questão			X	
8ª Questão		X		X

Quadro 25 - Questões em que o Informante Nº 25 Alcançou Nível de Compreensão Inferencial e Crítico

Fonte: Dados da Pesquisa.

5.3 Gráficos Demonstrativos dos Resultados

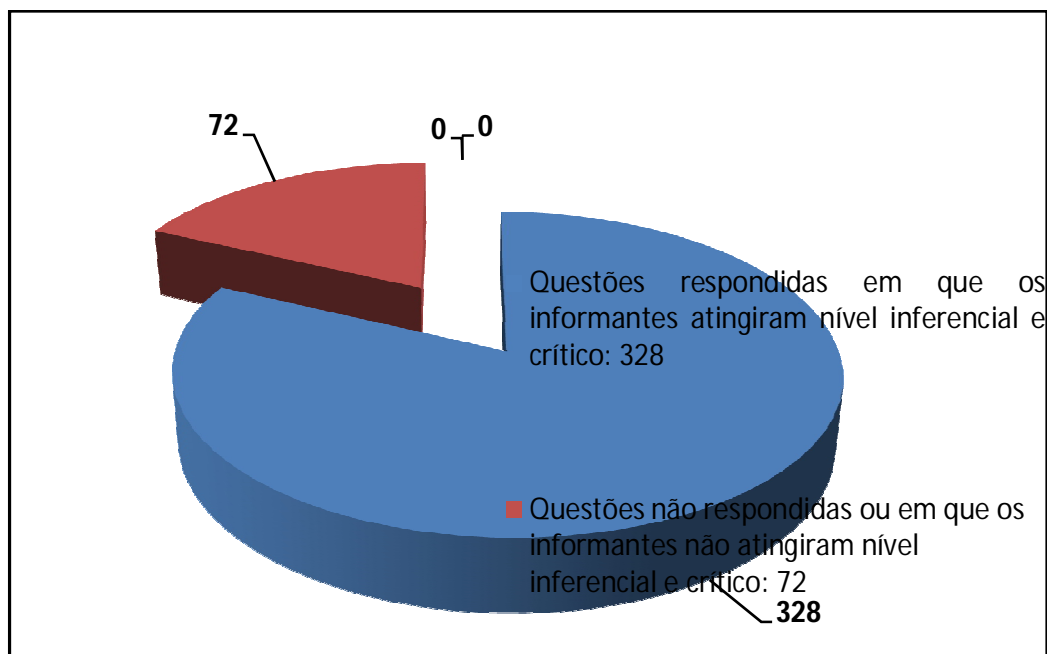


Gráfico 1 - Total de Questões em que os Informantes Atingiram os Níveis Inferencial e Crítico de Compreensão
Fonte: Dados da Pesquisa.

O Gráfico 1 apresenta o somatório do total de questões de todos os informantes, independente de estar adequada ou não ao que era esperado pelo pesquisador. Em 328 respostas, os informantes alcançaram o nível inferencial ou o nível crítico e, em 72 questões, os informantes deixaram em branco ou não alcançaram nenhum dos níveis avaliados. Vale ressaltar que um total de 25 informantes responderam ao todo a 400 questões, o correspondente a 16 questões por aluno.

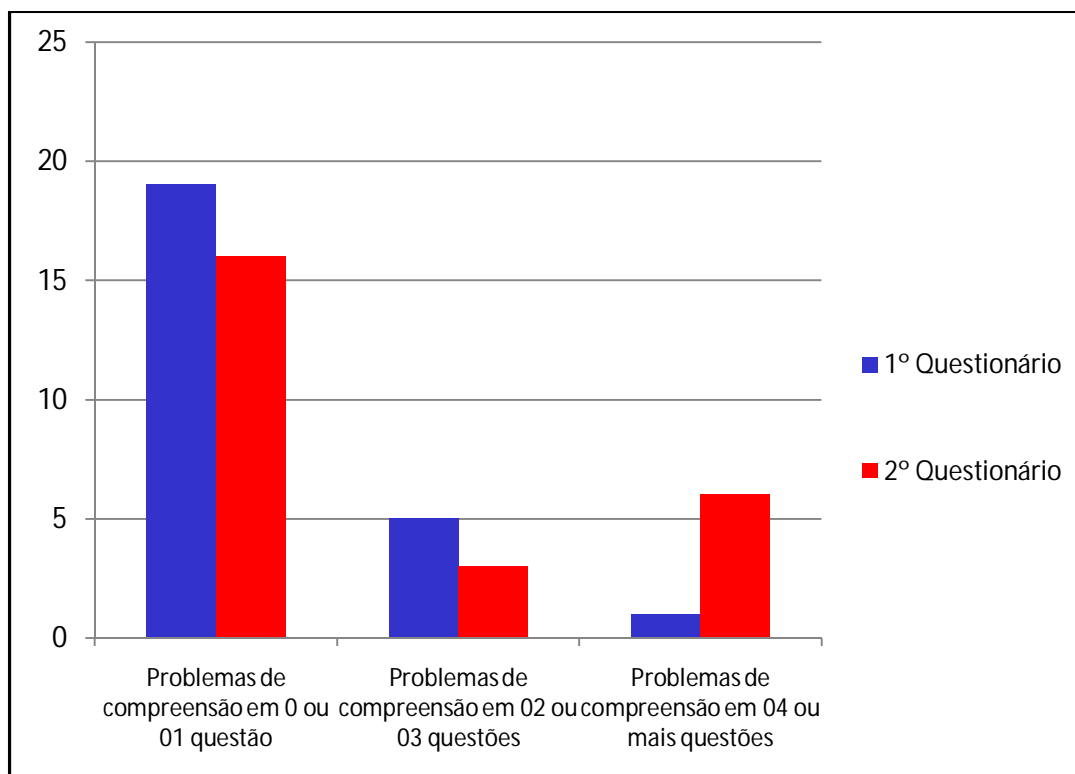


Gráfico 2 - Alunos x Problemas de compreensão x Questionários

Fonte: Dados da Pesquisa.

O Gráfico 2 apresenta a quantidade de informantes relacionados com a quantidade de problemas de compreensão nas questões. Em relação ao primeiro questionário, um total de 19 alunos apresentaram problemas de compreensão em nenhuma ou apenas uma questão, enquanto que 05 apresentaram problemas de compreensão em duas ou três questões e 01 aluno apresentou problemas em quatro ou mais questões. Com relação ao segundo questionário, 16 informantes apresentaram problemas de compreensão em uma questão ou nenhuma, enquanto que 03 informantes apresentaram problemas de compreensão em duas ou três questões e 06 alunos apresentaram problemas de compreensão em quatro ou mais questões.

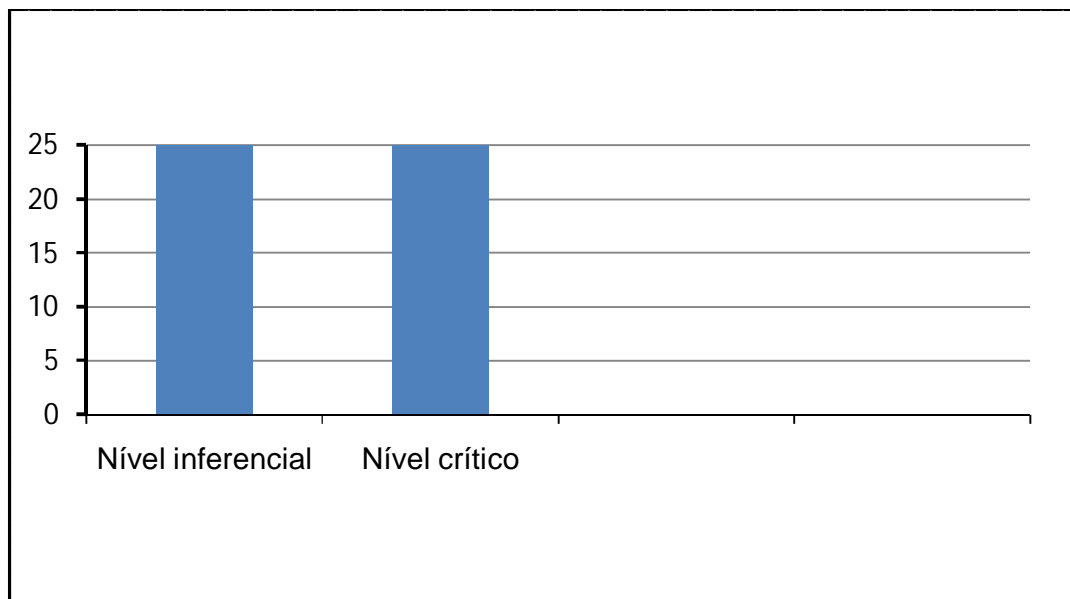


Gráfico 3 - Alunos x Nível de Compreensão Leitora

Fonte: Dados da Pesquisa.

O Gráfico 3 apresenta o resultado da principal questão pesquisada neste trabalho, que trata dos níveis de compreensão inferencial e crítico, alcançados pelos informantes, alunos de uma escola pública da rede estadual do Ceará. Como se pode perceber pelo gráfico, todos os informantes que participaram do trabalho alcançaram os níveis de compreensão inferencial e crítico.

5.4 Discussão das Respostas

Como se pode perceber a partir da apresentação das respostas dos informantes, foi identificada uma compreensão elevada por parte da turma que participou da pesquisa, no que diz respeito aos dois textos que compunham o instrumento de pesquisa.

Segundo Alliende e Condemarín (2005, p. 146), o nível de compreensão inferencial é aquele no qual o leitor usa as ideias e informações explicitamente colocadas no texto, sua intuição e experiência pessoal como base para conjeturas e hipóteses. Podemos perceber que esse nível foi atingido pelos informantes em diversas respostas, como por exemplo a resposta da questão 04 do 1º questionário: “Não, Luizinho não reagiu como seu pai pensava que ele ia reagir”. A resposta dada pelo aluno está correta, tendo em vista que foi preciso o pai empurrar o filho para

dentro da fumaça da onça, em uma situação que fugia ao que pretendia o pai e, além disso, não está expressa diretamente no texto e se configura como uma inferência por se tratar de um raciocínio composto pelo informante.

Outro exemplo de resposta adequada composta por um raciocínio inferencial foi a resposta do informante nº 02 à primeira questão do primeiro questionário do instrumento, o qual afirma que são traços da personalidade do mestre Luiz: “carrasco, corajoso, destemido e determinado”. Os traços de personalidade são apontados por Allende e Condemarín (2005) como um questionamento possível de se verificar a realização de inferências ou não. Nossa análise apontou como adequada essa resposta apresentada, sendo resultado, portanto, de uma inferenciação. Percebe-se, ainda, que a operação cognitiva realizada pelo informante e classificada pelo pesquisador como inferência, se coaduna com o que afirma Dell’isola (2001) sobre tal fenômeno, definido como: “uma operação cognitiva que permite ao leitor construir novas proposições a partir de outras já dadas”.

O mesmo acontece com a primeira resposta do informante nº 12 ao primeiro questionário do instrumento, ao ser questionado a quem caberia uma ação decidida no que diz respeito ao tema em questão. Ele respondeu: “Primeiramente cabe à família da vítima, polícia, ONGs que podem dar uma assistência psicológica. O governo municipal, estadual e federal e outros órgãos que possam ajudar e dar assistência à vítima”. Nossa análise dessa questão recorreu à teoria de base para identificar a inferência realizada. Allende e Condemarín (2005) afirmam que um dos tipos de inferência que podem ser investigados é a inferência de ideias principais, na qual o leitor é levado a induzir a ideia principal, significado geral, tema ou conclusão moral que não estão expressamente colocados no texto. Após a leitura, o informante é chamado a resumi-lo em uma resposta, buscando a ideia principal do texto que é expor as ações necessárias para o combate ao crime de exploração sexual infantil. O editorial enumera diversos fatores que levam ao estado de disseminação em que se encontra o crime abordado pelo texto e, para cada um destes, pode-se atribuir um causador. A resposta está adequada e a inferência foi realizada complementando e resumindo aquilo que está expresso no editorial. Aqui, percebemos a aproximação do raciocínio do informante ao que Goodman (1985, p. 833) define por inferência: “inferência é uma estratégia geral de adivinhação, com base no que é conhecido, informação que é necessária, mas não conhecida.”

No que diz respeito ao nível crítico de compreensão, encontramos aproximação semelhante das respostas dos informantes em relação à teoria de base. Allende e Condemarín (2005), baseando-se em Barret (1968), afirmam que o nível de compreensão crítico compreende dois tipos de juízo, de valor ou de verdade. Pelo primeiro, espera-se que o aluno julgue a atitude do personagem ou dos personagens. Pelo segundo, espera-se que o aluno distinga o real do texto e o que pertence à fantasia do autor.

Percebemos que os informantes realizaram julgamentos sobre os personagens no texto História para o Flávio e sobre a ação do governo e das instituições do texto “Enxugamento de gelo”. Observemos, a propósito, a seguinte resposta do informante nº 14, na oitava questão do segundo questionário, na qual se solicita do aluno que informe se conhece casos de exploração sexual infantil em sua cidade, exercitando o juízo de verdade (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005, p. 148): “Sim, mas não conheço nenhum caso desse crime”. Consideramos a realização de um juízo de verdade, embora a resposta deixa lacunas, uma vez que o informante poderia citar algum caso, ainda que sem dizer os nomes dos envolvidos.

Observemos as seguintes respostas fornecidas pelo informante nº 16 às questões 07 e 08 do primeiro questionário: “Não, pois ele nunca tinha matado uma onça, era inexperiente” e “Tomar a frente da situação e proteger seu filho”. As duas respostas nos indicam que houve uma compreensão crítica do conteúdo, uma vez que está evidente um julgamento por parte do informante, no que diz respeito à atitude do pai e do filho.

Outra resposta que gostaríamos de tornar saliente nesta breve análise foi a resposta do informante nº 18 à quarta questão do segundo questionário. Ela versa sobre a impunidade: “É o papel do incentivo, pois quando crimes dessa natureza ocorrem e ficam impunes, dá lugar a mais criminosos que pensam em atuar”. Nossa avaliação foi que a resposta está adequada e que o aluno se posicionou de maneira crítica, associando os dois fatos, em conformidade com o que é veiculado pela opinião pública.

A análise de todas as respostas foi realizada na análise do *corpus*. O que propomos aqui é apenas uma discussão breve dos resultados, através da análise de algumas respostas que fossem significativas. Um resumo de erros e acertos pode ser apresentado no quadro que segue:

	Questionário 1		Questionário 2	
	Acertos	Erros	Acertos	Erros
Questão 1	16	09	16	09
Questão 2	24	01	22	03
Questão 3	23	02	21	04
Questão 4	24	01	15	10
Questão 5	22	03	22	03
Questão 6	24	01	12	15
Questão 7	24	01	17	08
Questão 8	25	00	19	06

Quadro 26 – Total de erros e acertos por questão/quantidade de informantes

Fonte: Dados da Pesquisa.

O quadro acima apresenta os resultados da pesquisa divididos em totais de acertos e erros por aluno e por questões.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de pesquisa foi composto de uma pesquisa bibliográfica e uma aplicação de exercícios de compreensão em sala de aula com alunos do 3º ano do ensino médio de escola da rede estadual. No que diz respeito ao referencial teórico revisitado, fez-se uma abordagem geral sobre a questão da leitura, tendo nos afiliado ao modelo de leitura de Van Dijk e Kintsch (1983), por se configurar como um modelo estratégico de compreensão, o qual é tratado nos níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos de maneira simultânea, ou seja, não linear, diferentemente dos modelos exclusivamente cognitivistas. Vale ressaltar que o modelo adotado possui pressupostos cognitivos e contextuais, ou seja, equilibra diferentes componentes do processo de leitura, tratados separadamente em teorias anteriores. De qualquer forma, essa teoria filia-se ao grupo de estudos sobre leitura que pressupõe uma natureza inferencial, em oposição a um outro grupo de teorias de natureza objetivista. (MARCUSCHI, 2008).

Após o estudo dos modelos de leitura, passou-se aos modelos de compreensão leitora, dentre os quais foram estudados a compreensão leitora global, representada por autores como Sophie Moirand (1979) e Neis (1982), o modelo de Allende e Condemarín (2005), bem como o papel do processo inferencial para a compreensão, o qual se configura como importante componente desse complexo processo. Foram estudados também os níveis de compreensão leitora por Allende e Condemarín (2005), com base na taxonomia de Barret (1968), a qual classifica os níveis de compreensão leitora em cinco: nível de compreensão literal, nível da reorganização, nível inferencial, nível crítico e nível da apreciação. Dentre esses, optamos por avaliar no nosso trabalho apenas os níveis inferencial e crítico.

Todo o percurso percorrido até a presente etapa deste trabalho de pesquisa foi norteado por concepções de leitura e de compreensão de natureza processual, ou seja, concepções que superam a visão tradicional de leitura como produto de um leitor passivo e assujeitado. Foi visto que a leitura é uma atividade complexa de construção do sentido, na qual interagem diversos fatores oriundos do autor, do texto e do leitor.

No entanto, o trabalho também contou com uma pesquisa de campo realizada em uma sala de aula de língua materna, pois o objetivo principal deste

trabalho de pesquisa foi investigar qual o nível de compreensão leitora dos alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola pública da rede estadual. Para alcançarmos o principal objetivo deste trabalho, foram avaliados 25 alunos de uma determinada turma do 3º ano do ensino médio. Eles responderam a dois questionários de compreensão leitora, elaborados pelo pesquisador com 08 questões cada, corrigidos e analisados com base na taxonomia de Barret (1968), a qual classifica a compreensão leitora nos níveis taxonômicos a seguir: a) nível de compreensão literal; b) nível de reorganização; c) nível inferencial; d) nível crítico e e) nível da apreciação.

Essa é justamente a hipótese principal desta pesquisa, a de que há diferentes níveis de compreensão leitora, sendo uns mais superficiais e outros mais profundos, partindo do nível de decodificação e chegando a níveis mais complexos que envolvem posicionamentos mais afetivos. É preciso levar em consideração que os sujeitos envolvidos em um ato de comunicação são socialmente situados, ou seja, há uma subjetividade envolvida na construção do sentido que ultrapassa os limites de uma visão meramente cognitiva de leitura e de compreensão. Esse algo mais que envolve o ato de leitura foi, talvez, a grande descoberta deste trabalho. Uma leitura individual de cada resposta dos alunos nos revelou um pouco da personalidade individual e a impossibilidade de tratarmos a questão em termos gerais. Diante disso, enumeraremos algumas conclusões desta pesquisa:

A turma, de uma maneira geral, teve uma boa compreensão dos dois textos que compunham o instrumento de pesquisa. No entanto, alguns alunos tiveram problemas de compreensão: questões em branco em branco ou respondidas inadequadamente. Mesmo nessas questões, foi identificado que o informante utilizou processo de inferenciação para compor respostas. Dois informantes não responderam o segundo questionário do instrumento.

Diante da constatação anterior, concluímos que os alunos alcançaram o nível de compreensão inferencial, independente de ter compreendido melhor ou não o texto e as questões. É preciso ressaltar, contudo, que os informantes, como era de se esperar, responderam às questões de maneira diferenciada. Alguns foram mais independentes em relação ao texto, outros copiaram as palavras do texto. Constatação identificada pelo pesquisador.

Todos os alunos avaliados alcançaram o nível de compreensão crítico. Uns formularam as respostas de maneira mais completa e outros de maneira bem

mais simples. É o exemplo da questão número 05 do 2º questionário respondido pelo informante nº 01: “Se não são punidos irão continuar a cometerem crimes”. Podemos observar que o estudante pouco falou sobre a polêmica questão da impunidade, embora não tenha deixado de se posicionar criticamente. Como esse, encontramos outros exemplos na análise do *corpus*.

A atividade de construção de inferências acontece no processamento de informações independente da compreensão ser adequada ou não, ou seja, algumas respostas dos informantes estavam erradas em relação ao conteúdo do texto, mas era resultado de uma construção de inferências. É o exemplo de algumas respostas observadas, que, mesmo inadequadas, foram consideradas como resultado de construção de inferências.

Identificamos diferenças de compreensão entre os dois textos do instrumento. O texto “Enxugamento de gelo” foi menos compreendido do que o texto História para o Flávio, visto que 06 alunos apresentaram algum tipo de problema de compreensão em quatro ou mais questões, enquanto na narrativa, apenas um aluno teve problemas em quatro ou mais questões. No primeiro texto, 19 alunos apresentaram problemas de compreensão em nenhuma ou apenas uma questão. No segundo questionário, apenas 16 apresentaram problemas de compreensão em nenhuma ou uma questão. Identificamos que, no primeiro questionário do instrumento, 05 informantes tiveram problemas de compreensão em 02 ou 03 questões, enquanto que, no segundo questionário do instrumento, apenas 03 alunos tiveram problemas de compreensão em 02 ou 03 questões. Esses dados, representados nos gráficos 01, 02 e 03, demonstram que os informantes compreenderam mais adequadamente o texto narrativo. Acreditamos que a diferença de compreensão entre um texto e outro se deve principalmente ao fato de o texto História para o Flávio tratar de um tema mais próximo à realidade dos informantes, visto tratar de uma história de caçadores, a qual se passa no município de Quixadá, precisamente na Serra do Estevão, local onde muitos estudantes deste município frequentam. O tema do outro texto, por sua vez, embora muito em voga na imprensa em geral, não faz parte do cotidiano dos informantes, sendo necessário para seu conhecimento, que assistam televisão, leiam jornais ou outros meios de comunicação para se informarem a respeito. De qualquer forma, essa causa não foi investigada.

Através da análise dos dados, pode-se perceber que a turma avaliada apresenta heterogeneidade em relação aos fatos de compreensão. Isso se torna importante ao pensarmos que o caráter de subjetividade da construção dos sentidos dos textos era até tempos recentes, em que uma visão tradicional de leitura se sobrepunha a uma visão dialógica e processual. Essa visão tradicional de leitura pressupõe uma sala de aula de língua materna homogênea, na qual todos os alunos teriam a missão de captar a ideia do autor codificada no texto. O professor, ao constatar que os alunos não compreendiam de maneira homogênea os conteúdos, buscava justificar as falhas de compreensão culpando os próprios educandos, repetindo um ciclo de leitura não participativa e unilateral.

Acreditamos, contudo, que o fato de os informantes terem tido um desempenho positivo no que diz respeito à questão da compreensão deve-se também ao fato de estarem cientes da participação em uma pesquisa, o que os deve ter feito aguçar a compreensão, pois os objetivos de leitura também a norteiam. Embora não seja objetivo desta pesquisa avaliar essa questão, deve-se levar em consideração que estavam lendo em situação de teste, em um ambiente escolar, com a presença de um pesquisador e da professora da disciplina Língua Portuguesa. Em contato com a discente, ela nos informou que, normalmente, os alunos não ficam tão concentrados quanto estavam na aplicação do instrumento. Isso nos comprova o que afirma Leffa (2009): “Uma descrição completa do processo da compreensão deve levar em conta, no mínimo, três aspectos essenciais: o texto, o leitor e as circunstâncias em que se dá o encontro”.

Esperamos que essa pesquisa possa contribuir de alguma forma para o mapeamento da compreensão leitora dos alunos de escolas públicas do estado do Ceará e que essas informações possam subsidiar o público-alvo deste trabalho a criação de novas metodologias de ensino que façam avançar verticalmente na melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem. Nessa perspectiva, destaca-se o papel do próprio docente na elaboração de estratégias didáticas que tenham por objetivo suprir as deficiências dos alunos no que diz respeito à compreensão. Por exemplo, se o professor constatar que o conhecimento de mundo dos alunos não é suficiente para construir ligações entre os espaços vazios do texto, pode priorizar a leitura de material complementar, ou assistir filmes, reportagens, ou uma palestra, por exemplo.

Consideramos que o material exposto nesta pesquisa, embora não conclusivo, possa facilitar a reflexão acerca da aplicação desses novos conhecimentos e pesquisas na própria sala de aula, lugar por excelência onde devem ser buscadas verdadeiras melhorias em relação ao ensino. Vale ressaltar que os Parâmetros Curriculares Nacionais já trazem em suas páginas esses conhecimentos, voltados à aplicação prática da leitura e com vistas a uma visão holística e multidisciplinar do currículo do ensino básico no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALLIENDE, F.; CONDEMARÍN, M. **Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. Porto Alegre: Martins Fontes, 2005.

BENTES, A. C. Lingüística textual. In: _____. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 245-287.

BRAGGIO, S. L. B.. **Leitura e Alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolingüística**- reimpressão revista. Artmed, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. 3. ed. Brasília, DF, 2001.

CAVALCANTI, I. F. A. Leitura e produção de textos na escola: diferentes gêneros de circulação social. **Boletim da ABRALIN**, v. 26, 2001. Número Especial 2.

CHAROLLES, Michel. **Introdução aos problemas da coerência dos textos**. In: GALVES, C. et al (org.). **O texto: leitura e escrita**. Campinas: Pontes, 1997.

COSCARELLI, C. V. **Inferência: Afinal o que é isso?** Belo Horizonte: FALE/UFMG. Maio, 2003. Texto disponível em <<http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/publica.htm>>, acesso em 15/03/2009.

COSTE, Daniel. **Lire Le sens**. Le francais dans le monde, Paris, Hachetts, Larousse, 14 (109): 40 – 44, déc. 1974.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Leitura: inferências e contexto sociocultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

DUCROT, O. Argumentação e *topoi* argumentativos. In: GUIMARÃES, E. (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989. p. 13-38.

EDITORIAL: enxugamento de gelo. **O Povo**, Fortaleza, 18 maio 2007. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br>>. Acesso em: 20 ago. 2008.

FÁVERO, Leonor L. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 1995.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. **Linguística textual: introdução**. São Paulo: Cortez, 2007.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. **A leitura, a produção de sentidos e o processo inferencial**. *Psicologia em Estudo*, v. 9, n. 3: 439-448, set./dez.2004.

FULGÊNCIO, L.; LIBERATO, Y. **Como facilitar a leitura**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

GODINHO, E. S. **A compreensão leitora nos livros didáticos destinados ao ensino médio**. 2004. 173 f. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-graduação em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

GOODMAN, K. S. Transactional Psycholinguistic Model. In: SINGER, H.; RUDELL, R. B. **Theoretical models and processes**. 3th ed. Newark: IRA, 1985.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (Ed.). **Syntax and Semantics**. New York: Academic Press, 1975. V. 8. p. 41-58.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. **Cohesion in English**. Londres: Longman, 1976.

INDURSKY, F. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. **Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006. p. 33-80.

KATO, M. A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura**. Campinas: Pontes, 1989.

_____. **Texto e leitor: os aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 2000.

_____. **Abordagens da leitura**. *Scripta*, Belo Horizonte, vol. 7, nº 14, PP 13-22.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Introdução à lingüística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1989.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2001.

LEFFA, V. J. Fatores da compreensão na leitura. **Cadernos no IL**, Porto Alegre, v. 15, p. 143-159, 1996. Disponível em: <<http://www.leffa.pro.br/fatores.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2009.

MACHADO, M. A. R. **O papel do processo inferencial na compreensão de textos escritos**. Campinas: [s.n.], 2005.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Exercícios de Compreensão Ou Cópiação Nos Manuais de Ensino de Língua?**. Em Aberto, Brasília, v. 69, n. JAN/MAR, p. 64-82, 1996a.

MOIRAND, Sophie. **Situations d'écrit**. Compréhension/production em français langue étrangère. Paris, CLE International, 1979.

NEIS, Ignacio Antonio. **A competência de leitura**. Letras de Hoje, n. 48, junho de 1982, p. 43-57.

NOGUEIRA, A. S. V. Redigir para convencer: um estudo da argumentação em textos escolares. 2003. 257 f. Dissertação (Mestrado em Letras do Programa de Pós-graduação em Letras) - Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2003.

POSSENTI, S. Teorias do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística 3: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2005.

QUEIROZ, R. de. História para o Flávio. In: TUFANO, D.; SARMENTO, L. L. **Português: literatura, gramática, produção de textos**. São Paulo: Moderna, 2004. p. 147.

RICKHEIT, Gert; SCHNOTZ, Wolfgang; STROHNER, Hans. **The concept of inference in discourse comprehension**. In: RICKHEIT, Gert & STROHNER, Hans (eds). *Inferences in text processing*. Amsterdam: North Holland, 1985.

RUMELHART, D. E. Toward an interactive model of reading. In: RUDELL, R.; SINGER, H. (Ed.). **Theoretical models and process of reading**. New York: International Reading Association, 1985.

SALLES, J. F.; PARENTE, M. A. M P. Compreensão textual em alunos de segunda e terceira séries: uma abordagem cognitiva. **Estudos de Psicologia**, p. 71-80, 2004.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 1916.

SMITH, F. Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação - Uma proposta para o ensino de gramática no 1o. e 2o. graus**. 1a. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

VAN DIJK, T. A.; KINTSCH, W. **Strategies of comprehension discourse**. London: Academic Press, 1983.

ANEXOS

História para o Flávio

Morava na serra do Estevão um velho por nome Luiz Gonçalves, caçador e famoso matador de onças. Fazendo as contas, dizia que só de onça tigre já matara onze, das pixunas vinte e seis das pintadas quarenta; maçaroca, suçuarana, onça-vermelha nem contava – para ele já nem era onça, era gato. (...)

Mestre Luiz queria bem a duas coisas no mundo: à sua espingarda lazarina, que nunca lhe fizera uma vergonha, e o seu filho Luizinho, agora com quinze anos, e que o pai andava ensinando nas artes de caçador. (...)

Ora, um dia mestre Luiz recebeu recado do coronel Zé Marinho do Barro Vermelho para que fosse matar uma pintada que lhe andava comendo os carneiros e até mesmo se atrevera a sangrar um bezerro no pátio da fazenda. (...) assim que a noite fechou ele amarrou um cabrito mesmo no pé do serrote onde maldava mais que a pintada morasse, e ficou na espera junto com o Luizinho e o cachorro onceiro.

(...) até que, com uma hora de escalar serrote, deu de repente com a entrada da furna.

O cachorro pôs-se a gemer, ansioso, e lá de dentro o esturro da bicha acuada foi respondendo. Mestre Luiz pegou à forquilha, o chuço, a faca. Mas quando se voltou para chamar o Luizinho, viu que o menino apavorado se encolhia num desvão de pedra, amarelo de medo.

Ai deu no velho uma raiva danada e ele resolveu ensinar o filho de uma vez por todas. Chamou de manso:

- Vem cá Luiz, não tem medo, quem vai matar a onça sou eu.

Depois de muito rogo o menino se chegou, tremendo. O velho de sopetão jogou as armas na boca da furna, e com um pescoção empurrou para dentro o Luizinho. Pegou um pedaço de laje, tapou a entrada da lapa, e gritou para o rapaz:

Filho meu não tem medo de onça, seu mal-ensinado! Vou voltar para minha rede na espera, e não me apareça de volta sem levar o couro da pintada!

Realmente, ao raiar do dia Luizinho apareceu. No ombro trazia as armas, no chão arrastava o couro da onça. Tinha a cara tão lanhada das unhas da fera que quase não se lhe via a feição. A roupa virada molambo, o chapéu se perdera.

Quando ele viu o pai, foi levantando a mão para tomar a benção. Mas no se arrependeu.

- A benção não senhor, que eu nunca mais lhe tomo a benção. Benção se toma a pai, e quem tranca o filho numa furna com uma onça não é pai, é carrasco! Taí o couro da pintada. E o senhor arranje outro, porque nunca mais me verá.

Dito isso rebolou o couro nos pés do velho, deu meia volta e saiu correndo, sem nem ao menos olhar para trás. (...)

ATIVIDADES DE COMPREENSÃO

1) De acordo com o texto, aponte traços da personalidade de mestre Luiz.

Considere as seguintes inferências sobre o texto em estudo:

As informações dadas sobre o personagem Luiz Gonçalves, aproximam-no de uma tipificação da figura do caçador impiedoso e desapegado.

O pai estava preocupado com o futuro do filho, por isso decidira ensiná-lo um ofício.

O texto reforça a característica de certas relações familiares permeadas por autoritarismos.

Está correto somente o que se afirma em:

I

III

II e II

II

I, II, III

Com relação ao comportamento do personagem Luizinho, é correto inferir que:

Luizinho era bravo e destemido.

Admirava a profissão de seu pai.

Ansiava por corresponder às expectativas do pai.

Agira, diante do perigo, com instinto de sobrevivência.

Alegrava-se em acompanhar o pai nas caçadas.

Podemos afirmar que Luizinho correspondeu às expectativas do pai? Por quê?

O velho Luiz Gonçalves e seu filho Luizinho compartilham da mesma visão sobre ser pai? Justifique.

Que conclusões você pode tirar sobre a atitude de mestre Luiz para como o seu filho Luizinho.

Você acredita que, por ter tido medo de onça, Luizinho poderia ser chamado de covarde? Explique.

Qual o comportamento que deveria ter tido o pai diante de uma situação de perigo em que estava seu filho? Justifique.

EDITORIAL

"Enxugamento de gelo"

É a impunidade nessa área, a omissão e a corrupção que alimentam a prostituição infantil, a pedofilia e o pornoturismo. Sem uma ação decidida para proteger esses seres indefesos e vulneráveis, a partir da preservação do próprio ambiente familiar, a política aplicada a esse segmento continuará a ser um eterno "enxugamento de gelo." próprio ambiente familiar, a política aplicada a esse segmento continuará a ser um eterno "enxugamento de gelo."

18/05/2007 01:00

Hoje é o Dia Nacional de Combate à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes e em todo o País estão sendo realizadas programações com o objetivo de sensibilizar a sociedade e as autoridades para uma das chagas mais vergonhosas da realidade social brasileira. É verdade que o fenômeno é mundial, mas o Brasil aparece como um dos países de maior incidência do problema.

A data nacional foi instituída em 2000, através de lei federal, tendo como referencial o 18 de maio de 1973, quando ocorreu um dos mais brutais crimes sexuais já perpetrados em território brasileiro, quando foi vitimada uma menina de apenas oito anos de idade, Araceli, raptada, drogada, estuprada, morta e carbonizada por jovens de classe média, em Vitória, Espírito Santo. Apesar de sua hediondez, o crime terminou prescrito, resultando numa impunidade clamorosa.

De lá para cá, o agravamento das condições sociais do País ampliaram a base para que a exploração sexual de crianças e adolescentes se intensificasse, no rastro da desagregação dos núcleos familiares, o aumento da pobreza e a articulação do crime organizado, em nível nacional e internacional.

A revolução tecnológica dos meios de comunicação, sobretudo a Internet, trouxe um adendo mais agravante: a extensão em termos planetários das redes de pedofilia, com o fito de alimentar a indústria pornográfica. A pedofilia tornou-se uma

verdadeira epidemia mundial, envolvendo vítimas extremamente vulneráveis, pois os seus alçozes são difíceis de serem contidos, visto que os ataques ocorrem em grande parte no próprio recesso do lar, ou através de pessoas insuspeitas que formam o círculo mais próximo das vítimas: familiares, educadores, médicos, religiosos.

No Brasil, porém, o principal agente desagregador é a prostituição infanto-juvenil, uma realidade onipresente em todo o território nacional. Uma de suas principais fontes alimentadoras é o turismo sexual, fenômeno de grande incidência nas áreas menos desenvolvidas do País, sobretudo o Nordeste. Suas conseqüências têm sido rastreadas por CPIs (comissões parlamentares de inquérito) em diversos níveis - municipal, estadual e federal. Infelizmente, apesar de o material recolhido ser bastante substancial e ser suficiente para permitir uma ação eficaz contra os agentes criminosos, a impunidade continua sendo a marca maior nessa área.

Evidentemente, políticas públicas destinadas a combater esse mal têm de se fundamentar, antes de tudo, na prevenção. Isso implica em criar uma rede de proteção em torno das crianças e adolescentes, pondo-os a salvo dos tentáculos criminosos. A ação deve começar pela proteção do próprio núcleo familiar. A família é a condição mais importante para que a criança e o adolescente recebam os elementos básicos para sua formação moral, afetiva e disciplinar. É ali que se aprende a solidariedade, o respeito mútuo, a consideração pelo próximo, assim como a responsabilidade pelo destino comum. Para isso é preciso que a família seja provida das condições de dignidade mínima: emprego, moradia, saúde e educação. Cabe ao poder público, dar suporte às carências dos núcleos familiares mais frágeis para que não se desintegrem por força de pressões externas superiores às suas forças. Esse é o papel do Estado, aliás, bastante explicitado pela própria Constituição Federal.

Ao lado disso, as ações voltadas para a repressão das redes criminosas que aliciam crianças e adolescentes para seus fins malfazejos. É a impunidade nessa área, a omissão e a corrupção que alimentam a prostituição infantil, a pedofilia e o pornoturismo. Sem uma ação decidida para proteger esses seres indefesos e vulneráveis, a partir da preservação do próprio ambiente familiar, a

política aplicada a esse segmento continuará a ser um eterno "enxugamento de gelo."

ATIVIDADES DE COMPREENSÃO

Faça o que se pede:

Na linha 02, a quem caberia “uma ação decidida” no que diz respeito ao tema em questão? Por quê?

Você acha que as autoridades estão trabalhando para resolver o problema da exploração sexual de crianças e adolescentes? Justifique.

Segundo o texto “Enxugamento de gelo”, o que deve ser feito para combater a exploração sexual infantil?

Na linha 14, o texto fala de impunidade. Qual o papel dela para o agravamento da situação de crimes contra crianças e adolescentes?

Na sua opinião, faltam políticas públicas no combate a esse tipo de crime? Justifique.

O que você entende por “agravamento das condições sociais do País”?

Segundo o texto, no Brasil, qual o principal agente desagregador da família e de que forma essa fonte se alimenta?

Na sua opinião, cidades pequenas sofrem com esse problema? Você conhece casos desse tipo de crime na sua cidade? Apresente-os.
